

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DAS
RELAÇÕES POLÍTICAS

ELIANE VENTORIM

**As idéias políticas e a apologética de Ramon Llull (1232-
1316) sobre a cruzada na Terra Santa**

VITÓRIA

2008

ELIANE VENTORIM

As idéias políticas e a apologética de Ramon Llull (1232-1316) sobre a cruzada na Terra Santa

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção de grau de Mestre em História, na área de concentração História e Movimentos Políticos.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Luiz Silveira da Costa

VITÓRIA

2008

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

Ventorim, Eliane, 1979-

V466i As idéias políticas e a apologética de Ramon Llull (1232-1316)
sobre a cruzada na terra santa / Eliane Ventorim. – 2008.

145 f. : il.

Orientador: Ricardo Luiz Silveira da Costa.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito
Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Ramon Llull, m1315. 2. Cruzadas. 3. Apologética. 4. Missão
da igreja. 5. Muçulmanos. 6. Idade Média. I. Costa, Ricardo da. II.
Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências
Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 93/99

ELIANE VENTORIM

As idéias políticas e a apologética de Ramon Llull (1232-1316) sobre a cruzada na Terra Santa

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das Relações Políticas do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História, na área de concentração História e Movimentos Políticos.

Aprovada em _____.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Ricardo Luiz Silveira da Costa
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador

Prof. Dr. Luiz Cláudio Moisés Ribeiro
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof.^a Dr.^a Adriana Maria de Souza Zierer
Universidade Estadual do Maranhão

À minha mãe, Virginia, que sempre me ensinou o caminho correto e sempre me fez seguir em busca da verdade, do amor e da fé. Com ela aprendi a lutar para tornar meus sonhos possíveis.

Ao meu orientador, Ricardo da Costa, que me fez ver que as flores podem nascer por entre os espinhos. Sou-lhe grata por tudo que me ensinou e ensina, pois, sempre foi e será uma bússola a me guiar em busca da Sabedoria.

AGRADECIMENTOS

Quando ingressei no curso de graduação em História da Ufes em 1999, não imaginava as flores – e as pedras – que encontraria pelo caminho. Mas como tudo faz parte da aprendizagem de nossa vida, aprendi a ultrapassar as pedras e colhi belas flores do jardim do conhecimento.

A mais grata surpresa foi conhecer, em 2000, aquele que se tornaria meu mentor intelectual, **Prof. Ricardo da Costa**, grande professor e amigo. A pessoa mais generosa que já conheci no mundo acadêmico, grande exemplo a ser seguido. Depois de uma longa caminhada (mais de oito anos), só tenho a agradecer por sempre ficar ao meu lado e me apoiar com sua mão para atravessar alguns obstáculos com mais segurança. As flores que colhi ao longo dessa estrada rumo ao conhecimento foi ele quem me ensinou, além da melhor forma de cultivá-las. Que possas colher muitas mais, *deo volent!*

O Prof. Ricardo da Costa também foi o responsável pelo meu contato com a segunda pessoa que mais me apoiou em todo o meu caminhar acadêmico, o **Prof. Esteve Jaulent**, presidente do Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio (IBFCRL), de São Paulo, pessoa que sempre me deu suporte material, e tantas vezes esclareceu minhas dúvidas com tanta amabilidade.

Agradeço e dedico este trabalho aos meus familiares, amigos e alunos; a **Virgínia** (minha mãe), **Eunice** e **Edinéia** (minhas irmãs) e **Felipe** (meu sobrinho): muito

obrigada pela paciência e compreensão pelas inúmeras vezes que eu não tive tempo de estar ao lado de vocês, por estar demasiadamente ocupada com o trabalho e os estudos.

Às minhas amigas que acompanham toda a minha caminhada acadêmica e sempre torceram por mim: **Ana Paula Covre, Viviane Cláudia, Nayhara Sepulcri, Tatyana Nunes Lemos e Alessandra Sepulcri.**

Ao meu **Professor de Latim, Waldemiro Altoé**, pelas horas de ensino tão agradáveis que passamos envolvidos com os clássicos e a Bíblia. E também pela tradução e revisão das fontes medievais em latim que utilizo neste trabalho.

Aos meus **alunos do Centro de Ensino Superior Anísio Teixeira (Cesat)** que acompanharam e me ensinaram muito nessa caminhada. Quando vocês retiravam suas dúvidas sobre a Idade Média, me ensinavam a enxergar esse período maravilhoso da História com maior encanto a cada dia. Não vou citar nomes para não correr o risco de esquecer ninguém. Porém, aqueles que me são mais caros receberam um convite especial para assistir à minha defesa. Minha sincera gratidão a todos!

RESUMO

Dos séculos XII ao XIV, a Europa cristã ocidental viveu um período de grande fervor religioso. Nesses anos, houve o nascimento de várias ordens religiosas, como também das ordens militares. Tudo isso estava relacionado com uma necessidade de reforma da própria cristandade, como, também, da recuperação de territórios sagrados ao cristianismo e que haviam caído nas mãos dos “infiéis”. Foi nesse contexto de mudanças e reformas que Ramon Llull viveu. Nascido em uma região de fronteira, a ilha de Maiorca, seu contato com os “infiéis” era diário. Quando Ramon se converteu, decidiu doar sua vida a Cristo. Por sua paixão, Llull assumiu uma importante missão: provar de forma racional que o cristianismo era única religião verdadeira. Para realizar esse projeto, segundo ele, era necessário primeiramente unificar o cristianismo, então dividido em várias “seitas”, para, em seguida, converter os “infiéis” ao credo latino. Esse projeto possuía uma divisão interna: a *cruzada espiritual* e a *cruzada corporal*. É através das obras do “procurador dos infiéis”, escritas entre 1289 e 1309, principalmente o *Livro do Fim* (1305), que pretendemos ingressar nessa vida do filósofo cheia de trabalhos, escritos, lamentos e esperanças. Palavras-chave: Ramon Llull – Apologética – Cruzada – Muçulmanos.

ABSTRACT

Between the XII and XIV centuries, Occidental Christian Europe lived a period of large religious fervor. During these years we had the birth of many religious orders, as well as military orders, and all of this was related to a need of reform of the Christianity as well as the recovery of sacred territories to the Christianity that had fallen in hands of unfaithful. It was on this context of changes and reforms that Ramon Llull lived. Born in the Majorca Island, a border region, he had daily contact with the unfaithful. When Ramon, by divine will, converted himself, he decided to give his life to Christ. By his passion to Christ, Lull assumed an important mission: to prove in a rational form that the Christianity was the only true religion. To go through this project, it was necessary, first of all, to achieve the unification of the Christianity, divided in many factions, for after that, to convert the unfaithful to the Latin creed. This project had an intern division: the spiritual crusade and de corporal crusade. It is through the work of the “unfaithful solicitor”, written between 1289 and 1309, mainly the *Book of the End* (1305) that I intend to enter this life full of works, writings, moans and hopes.

Word-key: Ramon Llull – Apological – Crusades – Muslims.

ÍNDICE DE FIGURAS, MAPAS E QUADROS

Figura 1.....	32
Figura 2.....	67
Figura 3	79
Mapa 1.....	50
Quadro 1.....	97
Quadro 2.....	99

SIGLAS UTILIZADAS NESSE TRABALHO

- ATCA = *Arxiu de Textos Catalans Antics* (Barcelona).
- EL = *Estudios Lulianos* (Palma, 1957-1990).
- GGL = *Glossari General Lul.ià*, Miquel Colom Mateu, Mallorca, Editorial Moll, 5 vols., 1982-1985.
- MOG = *Raymundi Lulli Opera omnia*, ed. I. Salzinger, 8 Vols. (Maguncia, 1721-42).
- NEORL = *Nova Edició de les Obres de Ramon Llull* (Palma, 1990 e ss.).
- OE = Ramon Llull, *Obres Essencials*, 2 Vols. (Barcelona, 1957-60).
- ORL = *Obres de Ramon Llull*, edició original, 21 vols (Palma, 1906-50).
- OS = *Obres selectes de Ramon Llull (1232-1316)*, ed. A. Bonner, 2 Vols. (Palma, 1989).
- ROL = *Raimundi Lulli Opera Latina* (Palma y Turnhout, 1959 ss.).
- SL = *Studia Lulliana* (Palma, 1991 ss.).
- SW = *Selected Works of Ramon Llull (1232-1316)*, ed. A. Bonner, Princeton University Press. 2 vols. (1985).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: Passado e presente e a questão do diálogo religioso	13
Intolerância e diálogo.....	18
A construção da história e os documentos.....	25
1. RAMON LLULL: seu tempo, sua vida e sua obra	32
1.1. Maiorca e a Coroa de Aragão.....	36
1.2. Do nascimento à conversão (1232-1363).....	38
1.3. Os anos de formação (1263-1274).....	43
1.4. Das primeiras viagens até a Crise de Gênova (1287-1293).....	50
1.5. Viagens entre a África, a Europa e o Oriente (1293-1301).....	58
1.6. Novas viagens (1300-1309).....	64
1.7. Os anos derradeiros (1310-1316).....	69
2. Apologética e missão no <i>Livro do Fim</i>	73
2.1. A Literatura polêmico-apologética.....	76
2.2. O conceito de missão.....	80
2.3. A apologética e a missão em Ramon Llull.....	81
2.4. da divisão do <i>livro do fim</i>	84
2.5. O Prólogo do <i>Livro do Fim</i>	88
2.6. Um projeto de vida em prol da conversão dos infiéis.....	92
2.7. A unificação dos cismáticos.....	96
2.8. A unidade e A supremacia do poder espiritual sobre toda a cristandade.....	102
3. Da cruzada espiritual: formação e diálogo com os infiéis	105
3.1. Dos instrumentos necessários para o diálogo.....	111
3.2. A coNtemplação como instrumento de apredizagem dos missionários.....	112
4. O diálogo e a disputa com os sarracenos	114
4.1. Da conversão dos sarracenos.....	118
4.2. Da aceitação do uso das armas para forçar os infiéis ao diálogo, da cruzada corporal.....	121
4.3. A guerra na idade média.....	123
4.4. A guerra no território de fronteira.....	127
4.5. A guerra na obra de Ramon Llull.....	130
5. Conclusão	135
6. Referências bibliográficas	137
6.1. Fontes Primárias.....	137
6.2. Fontes Secundárias.....	138

INTRODUÇÃO: PASSADO E PRESENTE E A QUESTÃO DO DIÁLOGO RELIGIOSO

Desde o século XII, as disputas religiosas entre cristãos, judeus e muçulmanos foram práticas comuns na Península Ibérica.¹ Os dogmas e os livros sagrados do Judaísmo e do Islamismo eram constantemente refutados pelos cristãos.²

Uma proposta distinta da forma tradicional de disputa realizada nessa época se encontra nas obras de Ramon Llull (1232-1316).³ Para o filósofo, sua religião, o cristianismo latino, era o único credo verdadeiro, o único caminho para a salvação

-
- 1 A **disputa** (*disputatio*) foi um dos métodos mais importantes de ensino universitário na Baixa Idade Média. Esse método foi definido por João de Salisbury (1117-1180), em sua obra *Metalogius* (II, 4): “A *disputatio* se dava em torno das coisas que eram duvidosas, apresentadas de forma contraditória ou que nos proponhamos demonstrar ou refutar de um modo ou de outro”. João de Salisbury, apud DISPUTATIO. In: ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 290. A partir do século XII, desenvolveu-se na Península Ibérica a *disputatio publica*, realizada nas universidades uma ou duas vezes ao ano. O conteúdo dessa disputa pública girava em torno de qualquer assunto (Teologia, Filosofia, Moral, etc.). ULLMANN, Reinhold Aloysio. *A Universidade Medieval*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, p. 66-67. Como exemplo desse tipo de acontecimento, há a famosa *Disputa de Barcelona* (1263), entre um converso cristão de nome Paulo e o rabino Moisés ben Nahman (1194-1270). O resultado foi a condenação do credo judaico, e a proibição do uso e leitura de alguns livros religiosos, ou seja, a censura de vários livros rabínicos, mesmo diante das provas eficientes do judeu quanto à verdade do judaísmo. CARRERAS I ARTAU, T. *História de la Filosofia Espanyola: filosofia cristiana del segle XIII al XV*. Ed. Facsímil, Barcelona: Institut d'Estudis Catalans: Diputació de Girona, 2001, p. 46-47 e 336-337; COSTA, Ricardo da e PASTOR, Jordi Pardo. Ramon Llull (1232-1316) e o diálogo inter-religioso: cristãos, judeus e muçulmanos na cultura ibérica medieval: *O Livro do gentio e dos três sábios e a Vikuah de Nahmânides*. In: LEMOS, Maria Teresa Toribio Brittes e LAURIA, Ronaldo Martins (org.). *A integração da diversidade racial e cultural do Novo Mundo*. Rio de Janeiro: UERJ, 2004. Disponível em: www.ricardocosta.com/pub/dialogo.htm. Acesso em: 17 de jun. de 2006.
 - 2 Sobre a situação dos judeus e dos muçulmanos na Península Ibérica entre os séculos XII e XIV e as controvérsias dogmáticas com os judeus e polémicas com os muçulmanos, cf. CARRERAS I ARTAU, T. op. cit., p. 42-54, nota 1; DOMÍNGUEZ REBOIRAS, F. Introdução: Ramón Llull y la cruzada. In: RAMON LLULL. *Liber de sancta Maria in Monte Pessulano anno MCCXC*. Corpus christianorum. Continuatio Mediaevalia CLXXXII. Turnhout: Brepols Publishers, 2003.
 - 3 Cf. nota 1.

eterna. Apesar de manter uma posição *inclusivista* em seus textos,⁴ Ramon “[...] chorou e implorou várias vezes a Deus para que lhe ajudasse a realizar a conversão dos infiéis, para que estes não sucumbissem na perdição eterna”.⁵

O projeto missionário-apologético luliano seria realizado por meio do diálogo inter-religioso.⁶ A concepção de *diálogo inter-religioso* em Ramon Llull pode ser sintetizada com a seguinte citação bíblica: “Falai a verdade uns com os outros”⁷, o que se demonstra na busca pela verdade cristã até que os erros dos outros credos fossem refutados.

4 O **inclusivismo** afirma que uma religião é explicitamente verdadeira, enquanto todas as outras são implicitamente verdadeiras. Esta doutrina declara que Jesus Cristo pode falar a todo coração humano por meio do Espírito Santo, e se uma pessoa responde positivamente a este chamado, será salva. GEISLER, Norman L. *Enciclopédia de apologética: respostas aos críticos da fé cristã*. São Paulo: Editora Vida, 2002, p. 701. A **visão inclusivista** foi adotada pela Igreja Católica a partir do Concílio Vaticano II (1962-1965). Dessa forma, até mesmo as religiões não-cristãs são legítimas e vias de salvação, desde que o fiel dessas religiões não tenha entrado em contato direto com o cristianismo. Mas, mesmo incluindo as outras religiões na obtenção da graça e no caminho da salvação, a corrente inclusivista não abandona a posição de que o cristianismo é a única via de salvação, embora aceite que a graça divina também exista fora do cristianismo.

Esse reconhecimento da graça para as outras religiões abre um caminho alternativo para o diálogo inter-religioso, uma vez que as outras religiões também são vistas como portadoras da verdade. FIDORA, Alexander. Ramon Llull frente a la crítica actual al diálogo interreligioso: el arte luliano como propuesta para una ‘filosofía de las religiones’. In: *Revista Española de Filosofía Medieval*, 10 (2003), p. 228-229; RATZINGER, Joseph. *Fé, verdade, tolerância: o cristianismo e as grandes religiões do mundo*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2007. O ponto de partida para o diálogo inter-religioso em Ramon era as verdades cristãs também aceitas por judeus e muçulmanos, como os *atributos* ou *dignidades divinas*. RAIMUNDO LÚLIO. *O Livro do gentio e dos três sábios*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p. 246-247.

5 RAMON LLULL. *Llibre contra anticrist*. (A cura de Gret Schib Torra). Palma: Patronat Ramon Llull, 1996; RAMON LLULL. *Fèlix o el Libre de Meravelles*. In: *Obres Selectes de Ramon Llull (1232-1316)* (ed. introd. i notes de Antoni Bonner). Mallorca: Editorial Moll, 1989, volume 2, p. 19-393. Trad.: Ricardo da Costa e *Grupo de Pesquisas Medievais da UFES I* (Bruno Oliveira - Eliane Venterim - Priscilla Lauret). Disponível em: <http://www.ricardocosta.com>. Acesso: 20 março de 2003; RAMON LLULL, “Blanquerna”. *Obres Essencials*. Barcelona, Editorial Selecta, 1959; RAMON LLULL. Lo Desconhort. In: *OE*, vol. I, 1959, p. 1308-1328.

6 O **diálogo inter-religioso** é uma grande preocupação hoje. Até mesmo os órgãos da UNESCO, no que se refere ao diálogo entre as culturas, têm um programa com objetivo de fomentar o diálogo entre as diferentes religiões e tradições espirituais no mundo. Afinal, vive-se um momento em que os conflitos intra e inter-religiosos se intensificam, principalmente pelo desconhecimento mútuo entre as distintas culturas e religiões. Ver http://portal.unesco.org/culture/es/ev.php-RL_ID=11680&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION. Acesso: 27 de julho de 2007.

7 Zc 8, 16.

Essa forma de diálogo em busca da verdade está bem demonstrada no *Livro do gentio e dos três sábios* (c.1274-1276). Nele, o filósofo afirma que a pregação garantiria o fim de toda a falsidade humana:

[...] se a falsidade fosse combatida forte e continuamente pela verdade por muitos homens, necessariamente, a verdade venceria a falsidade, sobretudo não tendo a falsidade nenhuma ajuda de Deus, nem pouca nem grande, e sendo a verdade sempre ajudada pela virtude divina, que é verdade incriada, que criou a verdade criada para destruir a falsidade.⁸

Assim, o projeto do filósofo maiorquino nada mais era do que a busca da verdade, personificada na defesa da “verdadeira religião”, o cristianismo latino.⁹

8 RAIMUNDO LÚLIO. *O Livro do gentio e dos três sábios*, op. cit., p. 246-247, nota 4.

9 O tema da **verdade** é fundamental na Teologia medieval, inclusive na Filosofia. Logo em Santo Agostinho encontramos:

“– Tu, que desejas conhecer-te, sabes que existes?”

– Não sei. – És um ser simples ou composto?

– Não sei.

– Sabes que te moves?

– Não sei.

– Sabes que pensas?

– Sei.

– Logo, é verdade que pensas.

– Certamente”. *Soliloquios*, II, I, 1.

Para Agostinho, “...a filosofia é o amor à sabedoria, e a sabedoria não é outra coisa que a contemplação e a posse da verdade: ‘O próprio nome da filosofia expressa uma grande coisa que deve ser amada com todo afeto, pois significa amor e desejo ardente da sabedoria’ (AGOSTINHO, *De moribus Ecclesiae catholicae*, I, 21, 38). Definir a filosofia como a investigação ou estudo da verdade visando à posse da sabedoria não significa apenas um estudo especulativo, mas uma investigação que busca a vida feliz, a felicidade: ‘Por acaso pensas que a sabedoria é outra coisa que a verdade, na qual se contempla e se possui o sumo bem?’ (AGOSTINHO, *De libero arbitrio*, II, 9, 26). Sabedoria e verdade, portanto, se identificam. Alcançá-las implica obter o sumo bem, possuir a felicidade. Por essa razão, a busca da sabedoria, da verdade, é também a busca da felicidade, que é o fim último a que tende todo homem, algo reconhecido por todos os filósofos, e no qual todos coincidiram: ‘Comumente todos os filósofos, com seus estudos, sua investigação, disputas e ações, buscam a vida feliz. Aqui está a única causa da filosofia. Penso que os filósofos têm isso em comum conosco’ (AGOSTINHO, *Sermo*, CL, 4).” Id. SANTO AGOSTINHO, apud RAMÓN GUERRERO, Rafael. *Historia de la Filosofía Medieval*. Madrid: Akal, 2002, p. 27-28.

Por sua vez, todos os teólogos, ao discutirem e disputarem questões relacionadas à religião e à Filosofia se deparavam com a busca da prova da existência de Deus. No que se refere a Ramon Llull, essa busca da verdade, possuía um método particular, a *Arte Geral*, que explicarei de forma mais detalhada mais adiante. Mesmo assim, faz-se necessário destacar que Ramon não utilizava argumentos de fé em suas argumentações, o que não o afasta de aceitar a verdade dos dogmas e da hierarquia do cristianismo latino.

Ao executar a “*disputa*”, os missionários principiariam com as características comuns entre as três “*religiões do Livro*”¹⁰ (como, por exemplo, as *dignidades divinas*¹¹) para, em seguida, provar e demonstrar os erros dos infiéis.

Todo o processo de conversão se realizaria com a utilização de argumentos racionais, as *razões necessárias*¹², sem o uso de argumentos de *auctoritas*.¹³ Isso, segundo nosso autor, confirmaria que os dogmas cristãos eram os únicos portadores da verdade, principalmente nas questões relativas à Trindade de Deus e a Encarnação de Cristo.¹⁴

10 Isto é, o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo.

11 As *Dignidades divinas* são um dos eixos principais de todo pensamento teológico luliano e a sua relação entre fé e razão, isto é, entre a Filosofia e a Teologia. São a *essência* de Deus: Bondade, Grandeza, Eternidade, Poder, Sabedoria, Vontade, Virtude, Verdade e Glória, etc. cf. CARRERAS I ARTAU, T. op. cit., p. 494-513, nota 1.

12 As **razões necessárias** são artifícios lógicos utilizado por Llull para levar os infiéis ao conhecimento de seus erros e à conversão ao cristianismo. Para Ramon a utilização de argumentos puramente racionais criaria uma relação perfeita entre fé e razão durante o diálogo, ou seja, explicaria a religião racionalmente sem utilizar argumentos teológicos. Dessa forma, o missionário demonstraria e convenceria os infiéis de que alguns aspectos de sua religião não eram verdadeiros. Obtendo o entendimento e conhecendo a verdade, portanto, o infiel se converteria de forma espontânea. CARRERAS I ARTAU, T. op. cit., p. 341, nota 1; COLOMER POU, E. *Ramon Llull y su actitud frente al Islam e al Judaísmo: del diálogo a la polémica*. Madrid: Editorial Nacional, 1979, p. 634-635; RAIMUNDO LÚLIO. *O livro do gentio e dos três sábios*, op. cit., p. 7-32, nota 4; MATA, Santiago. *El hombre que demostró el cristianismo*. Madrid: Ediciones Rialp, 2006; GAYÀ ESTELRICH, Jordi. *Raimondo Lullo: una teologia per la missione*. Milano: Editoriale Jaca Book Spa, 2002. DOMÍNGUEZ REBOIRAS, op. cit., nota 2.

13 As *auctoritas* são aquilo que serve de modelo ou que constitui prova de algo. Para o cristianismo medieval, a *auctoritas* maior era a Bíblia, a palavra de Deus, assim como os textos dos Pais da Igreja. O uso de autoridades era uma das características do método tradicional de conversão dos infiéis, que era fundamentado no método escolástico de ensino. Por esse método, o filósofo se apoiava na tradição para fazer suas afirmações, por crer na infalibilidade das autoridades. AUTORIDADE. In: ABBAGNANO, Nicola, op. cit., p. 98-100, nota 1.

14 O ponto de maior discordância entre judeus, cristãos e muçulmanos se referia aos **dogmas cristãos da Trindade e da Encarnação**. Sendo assim, era fundamental para Ramon Llull que esses dogmas fossem explicados racionalmente. Esse aspecto dos escritos lulianos será analisado quando tratarmos da proposta de *missão* do maiorquino. Mas faz-se necessário conceituar como são compreendidos esses dogmas da Trindade e da Encarnação na concepção latina do credo cristão:

1) A Trindade é o mistério central da fé e da vida cristã e se revela de duas formas: pela formulação feita pela Igreja e pelas missões divinas do Filho e do Espírito Santo. Deus demonstra seu ato de amor para com os homens por meio de cada Pessoa da Trindade. Deus Pai realizou seu desígnio amoroso na Criação, o Filho na Paixão, Morte e Ressurreição, e o Espírito Santo na Redenção e Santificação do mundo através da Graça. Contudo, como os seres humanos possuem um intelecto limitado por sua natureza dual (corpo e espírito) esse mistério de fé é só parcialmente compreendido. É um mistério intrínseco a Deus, e só pode ser totalmente conhecido quando revelado por Ele. Aos homens foram deixados sinais no Antigo Testamento,

Através desse novo método de conversão, os infiéis entenderiam o cristianismo e se converteriam sem a necessidade do uso da força ou da guerra.¹⁵

que revelam de maneira sensível e acessível ao intelecto humano a obra divina de amor e Sua Trindade e Encarnação. Essa forma simplificada de Deus se tornar cognoscitivo prosseguiu na tradição apostólica. O mistério continuou a ser apresentado ao homem pela figura do Filho de Deus Encarnado. Em 325, no Concílio de Nicéia, a Igreja professou que o Filho era “co-substancial” ao Pai. O Concílio de Constantinopla (381) conservou a expressão e acrescentou que o Filho foi engendrado do Pai antes de todos os séculos, é Luz da luz, Deus verdadeiro, engendrado e não criado e co-substancial ao Pai. No que se refere ao Espírito Santo, foi professado que Jesus anunciou a vinda de um novo “*Paráclito*” (Defensor), o Espírito Santo, que já havia atuado na Criação e pelos profetas e agora estaria junto aos apóstolos e neles para lhes ensinar e conduzir ao conhecimento da verdade completa. A terceira pessoa da Trindade foi revelada como o defensor do credo cristão. Sua origem eterna se revelou em sua missão temporal, a ação entre os apóstolos (Pentecoste) e na Igreja (comunidade dos cristãos) pelo Pai e pelo Filho. Como doutrina de fé, a Santíssima Trindade está desde o início na raiz dogmática da Igreja e se manifesta no batismo e na liturgia eucarística através da afirmação: “A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo estejam com todos vós!” (2 Co 13, 13; 1 Cor 12, 4-6; Ef 4, 4-6). Mesmo clamada em nome das Três Pessoas, a Trindade é Una. As pessoas divinas não se dividem em uma única divindade, mas cada uma delas é inteiramente Deus: “O Pai é o mesmo que o Filho, o Filho o mesmo que o Pai, o Pai e o Filho o mesmo que o Espírito Santo, isto é, um só Deus por natureza” (Concílio de Toledo XI, ano 675: DS 530). “Cada uma das três pessoas forma uma só realidade, isto é, a substância, a essência ou a natureza divina”. (Concílio de Latrão IV, 1215: DS 804). *Catecismo da Igreja Católica*. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/ESL0022/_P17.HTM#E7; Acesso em: 23 de junho de 2007.

2) Na Encarnação o Verbo se encarnou para salvar os homens e reconciliá-los com Deus: “(...) Deus (...) nos amou e nos enviou seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados” (1 Jo 4, 10). “(...) o Pai enviou seu Filho como Salvador do mundo” (1Jo 4, 14). “(...) Ele se manifestou para tirar os pecados” (1Jo 3, 5). *Catecismo da Igreja Católica*. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/ESL0022/_P1J.HTM#MJ; Acesso em: 23 de junho de 2007.

É importante esclarecer o uso das citações bíblicas e do *Catecismo da Igreja Católica* em minhas notas explicativas. Mesmo sendo leigo e não fazendo constante uso de passagens bíblicas, Ramon Llull, se insere em um período em que a base da justiça, dos costumes e da moral tinham grande influências da religião. A Bíblia foi o livro mais estudado e mais traduzido em toda a Idade Média. Portanto, como Ramon era um ferrenho defensor do cristianismo latino, todas as suas ações e seu pensamento têm relação direta com cânones católicos. É por esse motivo que não devemos desvencilhar seu pensamento da questão apologética, a defesa feita por ele em relação ao credo cristão. Portanto, sempre, durante todo o trabalho, relacionaremos seu pensamento político-teológico com o pensamento oficial da Igreja. Só assim poderemos, mesmo que tenuamente, atingir a plena compreensão de suas idéias a respeito dos poderes instituídos de seu tempo.

15 CARRERAS I ARTAU, T. op. cit., p. 338, nota 1; LIBERA, Alain de. *Pensar na Idade Média*. São Paulo: Editora 34, 1999, p. 106-134. Sobre a proposta de diálogo em Ramon Llull, cf. FIDORA, Alexander; HIGUERA, José G. (Eds.), op. cit., nota 12; COSTA e PASTOR, op. cit., nota 1; COSTA, Ricardo da. *Muçulmanos e Cristãos no diálogo luliano*. In: *Anales del Seminario de Historia de la Filosofía* (UCM), vol. 19 (2002) p. 67-96.

INTOLERÂNCIA E DIÁLOGO

O contato entre o Ocidente e o Islã ao longo da História foi caracterizado por certo estranhamento que, em alguns momentos, contribuiu para uma convivência pacífica; em outros, gerou – e ainda gera – muitos conflitos.¹⁶ Desde a origem do Islamismo até nossos dias, quatro períodos são marcantes:

- I) A expansão árabe nos séculos VII e VIII, iniciada com Maomé (c. 570-632), e que se estendeu até o califado abássida, período em que os cristãos perderam para os muçulmanos o Oriente Médio e a África do Norte;
- II) Entre os séculos XI e XIV, quando alguns territórios foram retomados pelos cristãos, como a Península Ibérica e a Sicília;
- III) Do século XIV ao XVII, época em que o Império Otomano conquistou os Bálcãs e chegou bem próximo da Europa Central, e
- IV) Do século XVI ao XX, caracterizado pela colonização europeia – que recuperou os Bálcãs e a Ucrânia e se apossou do Oriente Médio.¹⁷

As memórias desses momentos ainda ecoam entre ocidentais e muçulmanos como se fossem acontecimentos recentes. Isso dificulta a realização de uma reflexão racional sobre os problemas e as necessidades atuais na busca pelo fim dos conflitos entre os muçulmanos e as outras culturas.¹⁸

16 DEMANT, Peter. *O mundo muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 346.

17 Ibid.

18 PINTO, Maria do Céu de Pinho Ferreira. “Infiéis na terra do Islão”: os Estados Unidos, o Médio Oriente e o Islão. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian: Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2003, p. 37-38. O conceito de “*choque das civilizações*” foi desenvolvido na década de 1990, por Samuel Huntington no livro *Choque das Civilizações*. O autor divide a humanidade em sete ou oito grandes civilizações: de um lado, a civilização ocidental, de outro, as demais. Estas se posicionam contra o modelo de sociedade ocidental como referência para os seus padrões de conduta (contra a democracia, o individualismo, o liberalismo, etc.), o que gera um inevitável choque. Cf. HUNTINGTON, Samuel P. *O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997, p. 227-257; DEMANT, op. cit., p. 245, nota 16; RATZINGER, op. cit., nota 4.

Do lado islâmico, os movimentos fundamentalistas recuperaram o conceito de *jihad*.¹⁹ Com base no direito islâmico, ele pode ser definido como “o esforço de todo muçulmano no caminho para Deus”.

Assim, o mundo se dividiria na “morada da guerra” (*dār al-harb*) e na “morada do Islã” (*dār al-islām*). A “morada da guerra” corresponde às regiões do mundo que não estão sob o poder dos muçulmanos, ou seja, as terras dos não-islâmicos. Já a “morada do Islã” representa todos os islâmicos, em estado de guerra até a sujeição de todo o mundo à sua religião.

A *jihad* constitui um dos pilares fundamentais do Islamismo. As passagens mais elucidativas do *Corão* quanto a essa obrigação de todo islâmico encontram-se na *Sura* 61, 4: “Deus ama os que combatem por Ele em fileiras semelhantes a uma parede bem construída”²⁰ e na *Sura* 47, 4:

Quando, no campo da batalha, enfrentardes os que descrêem, golpeai-os no pescoço. Depois, quando os tiverdes prostrados, apertai os grilhões. Depois, outorgai-lhes a liberdade ou exigi deles um resgate até que a guerra descarregue seus fardos. Se Deus

19 A *jihad* é uma obrigação dos muçulmanos. O termo *jihad*, que normalmente é traduzido como “guerra santa”, tem o significado de “esforço no caminho de Deus” (Suras: 2:190-191, 217; 3:157-158; 4:95; 9:81-82, 91; 22:39; 48:16-17). Foi interpretado pelas autoridades islâmicas com um sentido militar. Alguns *hadiths* sobre a *jihad* nos dão à idéia de como esse dever deve ser entendido: “O Paraíso fica à sombra de espadas. A *jihad* é vosso dever sob qualquer soberano, devoto ou tirânico. A picada de uma formiga fere mais o mártir do que o corte ou a estocada das armas, pois estes lhe são mais agradáveis do que água doce e fria em dia quente de verão”. LEWIS, Bernard. *O Oriente Médio: Do advento do cristianismo aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996 p. 210-214.

Por sua vez, a *Sunna* (“caminho por onde se deve transitar”) significava, já nos tempos pré-islâmicos, os usos imemoriáveis que regulavam a vida dos árabes, *sunnat al-awwalin*, os costumes dos antepassados. No Islã, é chamada de *sunnat al-nabi* ou *sunna*, conjunto dos ditos e feitos do profeta Maomé que seus contemporâneos e companheiros testemunharam. As *Sunnas* são compostas por *hadiths*, uma tradição, representada conforme um modelo fixo, no qual o relato do fato precede a lista dos que o ouviram em ordem ascendente, até o primeiro que se referiu ao caso. PAREJA, Felix M. *La Religiosidad musulmana*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, MCMLXXV, p. 38.

20 O *Alcorão*. Rio de Janeiro: Associação Cultural Internacional Gibran, s/d, p. 339.

quisesse, Ele mesmo os teria derrotado. Mas Ele assim determinou para vos provar uns pelos outros. E não deixará perder-se o mérito dos que morrerem por Sua causa.²¹

Para muitos estudiosos do Islamismo, Maomé é considerado um profeta defensor da expansão do seu credo através da guerra.²² Já para as correntes fundamentalistas islâmicas, lançar-se à *jihad* é um dever dos muçulmanos. E para esse fim, considera-se lícito até mesmo a utilização da violência contra os próprios islâmicos, pois, quando não aceitam agir pela força em nome da religião, são classificados como *ímpios*. Eles também devem agir de forma violenta contra os não-islâmicos.

Para medir o grau de intolerância da atualidade, tomarei como exemplo uma notícia transmitida em 2006 e que causou o estremecimento das relações entre o Vaticano (na figura do papa Bento XVI) e a comunidade islâmica mundial. O papa foi alvo de críticas por ter citado em um de seus discursos uma passagem do texto do imperador bizantino, Manuel II *Paleólogo* (1391-1425)²³, em que este criticava Maomé.

Na verdade, o discurso papal conclamava os acadêmicos alemães a realizarem um retorno à religião. O desejo pontifício ao proferir aquelas palavras era o de que as universidades reassumissem um papel desempenhado por elas no passado, isto é,

21 Ibid, p. 308; COSTA, Ricardo da. *A Guerra na Idade Média*. Rio de Janeiro: Edições Paratodos, 1998, p. 75.

22 PAREJA, op. cit., p. 90-91, nota 19; GEISLER, op. cit., p. 521-522, nota 4; COSTA, ibid, p. 75-76.

23 Manuel II Paleólogo provinha de uma família bizantina de latifundiários, muito influentes na época dos Comneno. LOYN, H. R. *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997, p. 286-287.

o maior ambiente de difusão universal do conhecimento para possibilitar o diálogo entre culturas.²⁴

No discurso “Fé, razão e universidade: Recordações e reflexões” é visível o apelo do *sumo pontífice* à convivência e compreensão entre os povos. Bento XVI faz um clamor para que as religiões estabeleçam o diálogo e busquem o caminho da tolerância e da convivência pacífica. Para isso, ele cita a seguinte passagem do texto do imperador bizantino:

Deus não se compraz com o sangue; não agir segundo a razão [...] é contrário à natureza de Deus. A fé é fruto da alma, não do corpo. Por conseguinte, quem desejar conduzir alguém à fé tem necessidade da capacidade de falar bem e de raciocinar corretamente, e não da violência nem da ameaça (...) Para convencer uma alma racional não é necessário dispor do próprio braço, nem de instrumentos para ferir ou de qualquer outro meio com que se possa ameaçar de morte uma pessoa [...].²⁵

Nesse pequeno trecho do imperador bizantino, há características do que poderia ser uma proposta de diálogo no baixo-medieval que se prolongaram até o início do século XV. Essas propostas estavam inseridas no espírito escolástico que, por sua

24 O imperador aborda o tema da *jihad* na **sétima controversia**. De acordo com Bento XVI, o imperador sabia que, na *Sura* 2, 256, do Alcorão se lê: “Nenhuma coação nas coisas da fé”. Essa frase do *Corão* foi proferida no período inicial das revelações de Maomé, quando este ainda não tinha poder político entre os árabes e estava ameaçado pelos coraixitas, sua tribo em Meca. Para o papa, o imperador também conhecia as disposições com relação à guerra santa que se desenvolveram posteriormente no *Alcorão*. E bruscamente – algo que Bento XVI discorda –, dirigiu ao seu interlocutor islâmico uma pergunta sobre a relação entre religião e violência no Islã: “Mostra-me também o que Maomé trouxe de novo, e encontrarás apenas coisas más e desumanas tais como a sua norma de propagar através da espada, a fé que pregava”.

A seguir, Manuel II, passou a explicar detalhadamente os motivos pelos quais não é correta a difusão da fé pela violência. Afirmou então que a violência está em contraste com a natureza de Deus e da alma. A sétima controversia foi publicada por KHOURY, Th., com notas e uma ampla introdução sobre a origem do texto (ao texto grego juntou uma tradução francesa): Manuel II Paléologue, *Entretiens avec un Musulman: 7^e Controverse*, Sources Chrétiennes n.º 115 (Paris 1966). As citações feitas pelo papa Bento XVI seguem o texto de Houry. Cf. Discurso do papa Bento XVI, *Fé, razão e universidade: Recordações e reflexões*. Disponível em: <http://www.zenit.org/portuguese/visualizza.phtml?sid=97502>. Acesso: 23 de dezembro de 2006.

25 Ibid.

vez, defendia a possibilidade de racionalizar a fé com a razão, algo inicialmente difundido pelos escritos de Avicena (980-1037)²⁶ antes de algumas obras de Aristóteles (385 a.C.-322 a.C.)²⁷ serem conhecidas integralmente e traduzidas no ocidente medieval.²⁸

Portanto, o pontífice é contrário a qualquer tipo de conversão pela violência. Para encontrar outro caminho, faz-se necessário a *compreensão da fé por meio da razão*. Esse caminho só será alcançado com o resgate dos estudos teológicos nas universidades, o que reconstruiria uma “consciência” ética do conhecimento e auxiliaria a inserir os membros das culturas religiosas minoritárias no debate sobre fé e razão na atualidade, tendo em vista que, para essas minorias, a exclusão do divino das ciências racionais e o racionalismo científico são considerados um ataque às suas crenças.²⁹

26 Avicena, além de médico, era filósofo, e fez uma livre tradução das obras de Aristóteles, como a *Metafísica* e parte da *Lógica*. Também fez importantes estudos na área da Medicina. Uma das suas obras, *A origem e o retorno*, possui uma publicação em português. AVICENA. *A origem e o retorno*. São Paulo: Martins Fontes, 2006; LIBERA, Alain de. *A filosofia medieval*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 117-124; SARANYANA, Josep-Ignasi. *A Filosofia Medieval*. São Paulo: IBFCRL, 2006, p. 222-233.

27 Muitas vezes denominado o *Estagirita*, em referência ao seu lugar de nascimento Estagiros, na Trácia. Perdeu o pai ainda jovem, e ficou aos cuidados de Próxemo, amigo da família, que se encarregou de sua educação. Aos dezessete anos foi para Atenas para prosseguir nos estudos, onde se tornou discípulo de Platão. Em 347 a.C. deixou Atenas e se dirigiu para a Macedônia, e foi uma espécie de embaixador de Felipe. Também foi o responsável pela educação de Alexandre. Em 335, quando retornou a Atenas, fundou a escola do Liceu, onde a *Retórica* tinha uma grande importância. Na *Política*, analisou os elementos que compõe o Estado por meio de um ideal reformador que integra a filosofia a política e não separa a política da moral. Por isso, considera que o homem tem como finalidade última a felicidade que só pode ser obtida quando vive na cidade, pois o homem é feito para a vida social. ARISTÓTELES. *A Política*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. IX-XVII, XXV-XXVII; NAY, Olivier. *História das idéias políticas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 49-56.

28 LIBERA, op. cit., p. 108, nota 26.

29 Com relação ao pensamento de Bento XVI sobre as questões atuais relativas ao diálogo religioso, cf. RATZINGER, op. cit., nota 4. Já com relação às discussões e resoluções mundiais sobre o assunto em questão, cf. TORRADEFLOT, Francesc. (Ed.). *Diálogo entre as religiões: textos fundamentais*. Madrid: Editorial Trotta; Asociación UNESCO para el diálogo interreligioso, 2002.

Esse clamor atual pelo diálogo se assemelha com a proposta de diálogo de Ramon Llull. Apesar da distância no tempo e do ambiente histórico em que foi produzida, há algo ainda atual na conjuntura político-religiosa do século XXI, o que me influenciou bastante na escolha desse tema.³⁰

Mas para desenvolver esta questão aos olhos da historiografia, faz-se necessário uma delimitação teórica. Baseei-me na busca do sentido e do significado das ações humanas expressas na linguagem das fontes. Busquei o “fundo permanente” entre o passado e o presente, o que possibilita ao intérprete, nesse caso, o historiador, alcançar a compreensão daquilo que as fontes históricas expõem *a partir delas mesmas*.³¹

Para isso, as fontes, que são a base de todo o contexto de uma época, devem ser traduzidas e interpretadas tendo como referência o mundo do qual o texto fala, não da nossa realidade atual.³²

Esse caminho teórico em busca da compreensão norteia-se por Hans-Georg Gadamer.³³ Ele se vale da questão da linguagem como fator determinante para o ato

30 FIDORA, op. cit., p. 239-242, nota 4.

31 O “fundo permanente” do gênero humano onde se descortina a História é uma citação de BLOCH, Marc. *Apologia da história: ou, o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

32 ARÓSTEGUI, Julio. *A pesquisa histórica: teoria e método*. Bauru, SP: Edusc, 2006, p. 374; COSTA, Ricardo da. **O conhecimento histórico e a compreensão do passado: o historiador e a arqueologia das palavras**. In: ZIERER, Adriana (coord.). *Revista Outros Tempos*, São Luís, Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), volume 1, 2004. Disponível: <http://www.outrostempos.uema.br/artigoricardo.doc>. Acesso: 13 de set. 2007; ECO, Humberto. *Quase a mesma coisa*. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 54.

33 GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método I*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997; GADAMER, Hans-

de interpretar, o que deu origem a uma “hermenêutica dialógica”.³⁴ Essa teoria possibilita a verificação (ou a confirmação) das pré-concepções e dos preconceitos do pesquisador.

Por isso, o conhecimento prévio do tema por parte do investigador tem um caráter provisório e processual, já que suas afirmativas e hipóteses iniciais podem ou não ser confirmadas. Por esse caminho, aquele que questiona as fontes se torna quase um detetive, pois sempre tem como finalidade última se aproximar o máximo possível da verdade.³⁵

Aliado a essa teoria interpretativa, utilizarei como método de análise a *história conceitual* e a *análise de conteúdo*³⁶, por compreender que todo texto porta um discurso, uma finalidade que nunca se coloca totalmente cristalina, principalmente quando são textos muito recuados no tempo, em que a linguagem e a forma de expressão do autor são bem distintas das nossas. Portanto, alcançar aquilo que não foi expresso de forma clara, ou mesmo que tenha ficado nas entrelinhas, é o trabalho do historiador.

Essa característica é marcante na história das idéias e do pensamento político: o conteúdo do texto a ser resgatado depende muito da forma como foi escrito, seu

Georg. *Verdade e método* II. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2002; KOSELLECK, Reinhart; GADAMER, Hans-Georg. *Historia y hermenêutica*. Barcelona-Buenos Aires-México: Ediciones Paidós, 1997.

34 ARÓSTEGUI, op. cit., p. 377, nota 32.

35 KOSELLECK, Reinhart; GADAMER, Hans-Georg, op. cit., p. 120, nota 33; LARAUX, Nicole. Elogio do anacronismo. In: NOVAES, Adauto (org.). *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal da Cultura, 1992, p. 57-70.

36 BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977; SCHUBACK, Márcia Sá Cavalcante. *Para ler os medievais: ensaio de hermenêutica imaginativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000; WILSON, John. *Pensar com conceitos*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

vocabulário, seus enunciados, etc., fatores fundamentais para restituir suas intenções e comungar com o mundo do autor.³⁷

Deste modo, almejo, por meio das fontes, aproximar-me o máximo do “espírito da sociedade” do baixo-medieval, e, portanto, dos pensamentos e dos projetos defendidos por Ramon Llull.³⁸

A CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA E OS DOCUMENTOS

O primeiro contato que tive com esse assunto, ao contrário do que ocorre com muitos pesquisadores, foi diretamente com a fonte. Paralelo à tradução da mesma, desenvolvi algumas leituras sobre o assunto escolhido.

Foram fundamentais nesse início as obras de grandes lulistas, pois eles esclareceram minhas dúvidas sobre a percepção do diálogo-religioso e da apologética luliana³⁹ e naquilo que se difere dos demais autores da época.⁴⁰ Autores

37 CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. História e Análise de Textos. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 376.

38 LE GOFF, J. e NORA, P. *História e Novos Objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1998, p. 76.

39 SUGRANYES DE FRANCH, Ramón. Els projectes de creuada en la doctrina misional de Ramón Llull. In: *EL* 4, 1960, p. 275-290; JAULENT, Esteve. Os problemas enfrentados por Lúlio em Paris: A Cruzada e a luta contra o averroísmo. In: RAIMUNDO LÚLIO. *Escritos Antiaverroístas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2001, p. 09-28. Disponível em: <http://www.geocities.com/Athens/Forum/5284/estud3.html>; HILLGARTH, J. N. *Ramón Llull i el naixement del lul·lisme*. Barcelona: Curial Edicions Catalanes, 1998; GAYÀ ESTELRICH, Jordi. Biografia de Ramón Llull. Disponível em: <http://space.virgilio.it/jorgeg@tin.it>. Acesso: 24 outubro de 2005; GARCÍAS PALOU, S. Sobre a identificação de *Libre del Passatge*. In: *EL*, 25, 1972; DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando. El proyecto luliano de predicación cristiana. In: *Constantes y fragmentos del pensamiento luliano*, nº 12, 1996, p. 117-131; DOMÍNGUEZ REBOIRAS, op. cit., nota 2; COLOMER POUS, op. cit., nota 13.

40 Autores que escreveram sobre o tema da reconquista da Terra Santa, depois de 1291: Fiorenzio de Pádua (*Liber de recuperatione Terrea sanctae*), Taddeo di Napoli (*Hystoria de desolacione et*

como Fernando Dominguez Reboiras,⁴¹ Armand Llinarés,⁴² Jordi Gayà,⁴³ Tomás Carreras i Artau⁴⁴ e J. N. Hillgarth⁴⁵ iluminaram minha visão quanto à sugestão de reforma social e conversão propostas por Llull para os homens do século XIII.

As referidas obras trouxeram importantes esclarecimentos sobre a religiosidade dos medievais que, em busca da própria salvação, abandonavam tudo para lutarem pelas recompensas da *Jerusalém Celeste*⁴⁶, o que demarca a importância da religião no baixo-medieval.⁴⁷

Ao mesmo tempo em que lia os textos sobre o pensamento de Ramon Llull, busquei obras gerais sobre o contexto e a época das cruzadas. Neste caso, foram de extrema importância as obras de Ricardo da Costa,⁴⁸ Ricardo Garcia-Villoslada,⁴⁹

conculcatione civitatis acconensis et totius Terre sanctae), Carlos de Anjou (*Le conseil du Roi Charles*), Galvano da Levanto (*Liber sancti passagii christicoliarum contra sarracenos pro recuperatione Terre sanctae*), entre outros. As obras citadas aqui foram referenciadas por DOMINGUÉZ REBOIRAS, Fernando, op. cit., p. 284-287, nota 39.

41 Id. El proyecto luliano de predicación cristiana, op. cit., p. 257-322, nota 39.

42 LLINARÉS, Armand. *Ramon Llull*. Barcelona: Edicions 62, 1987.

43 ESTELRICH GAYÀ, op. cit., nota 12.

44 CARRERAS I ARTAU, Tomás., op. cit., nota 1.

45 HILLGARTH, op. cit., nota 39.

46 São Luís (1214-1270) e São Francisco de Assis (1181-1226) são os grandes exemplos de vida voltada para a religiosidade e a santidade no período das cruzadas. No que se refere aos leigos, um importante exemplo de religiosidade dentro da cavalaria foi deixado para a posteridade por Guilherme Marechal. Para um maior aprofundamento da vida desses santos ver LE GOFF, Jacques. *São Francisco de Assis*. Rio de Janeiro: Record, 2001. Como exemplo de vida leiga, DUBY, George. *Guilherme Marechal*, ou, o melhor cavaleiro do mundo. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.

47 Para as questões relativas à religiosidade na Idade Média, cf. VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade na Idade Média Ocidental* (séculos VIII a XIII). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995; BOLTON, Brenda. *A Reforma na Idade Média* (século XII). Lisboa: Edições 70, 1983; FERNANDEZ, Emilio Mitre. *História del Cristianismo. II*. El mundo Medieval. Madrid: Editorial Trotta, 2004.

48 COSTA, op. cit., nota 21.

49 VILLOSLADA, Ricardo Garcia. *Historia de la Iglesia Católica. Vol. II: Edad Media (800-1303)*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2003; VILLOSLADA, Ricardo Garcia. *Historia de la Iglesia Católica. Vol III: Edad Nueva* (La Iglesia en la época del Renacimiento y de la Reforma católica (1303-1648)). Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2005.

Steven Runciman,⁵⁰ Paul Zumthor,⁵¹ Aron Gurevitch,⁵² Pierre Bonnassie⁵³ dentre outros, estudiosos que já haviam se aventurado em desvendar o fascinante mundo da guerra e da religião na Idade Média.

Igualmente importante se fez a busca por uma bibliografia que mostrasse as peculiaridades da Maiorca Medieval, ilha natal de Ramon Llull. Afinal, essa ilha era como a própria Península Ibérica, um *território de fronteira*, com características peculiares, como, por exemplo, o convívio entre os fiéis das três “religiões do Livro”.⁵⁴

Todas essas obras confirmaram o caminho pelo qual decidi dirigir minha pesquisa. Para explicar as especificidades do pensamento luliano, era preciso levar em consideração as particularidades do ambiente em que ele viveu e seu contato com os infiéis. Para isso, foi preciso abandonar as visões centralistas sobre judeus e muçulmanos.⁵⁵ Afinal, para a Europa Central (que forneceu o maior contingente humano para as cruzadas) os infiéis eram o mal personificado: foram eles que tomaram e profanaram os lugares sagrados da Terra Santa.

50 RUNCIMAN, Steven. *História das Cruzadas, vol. I: a primeira cruzada e a fundação do reino de Jerusalém*. Rio de Janeiro: Imago, 2002; RUNCIMAN, S. *História das Cruzadas, vol. II: o reino de Jerusalém e o Oriente franco, 1100-1187*. Rio de Janeiro: Imago, 2002; RUNCIMAN, S. *História das Cruzadas, vol. III: o Reino de Acre e as últimas cruzadas*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

51 ZUMTHOR, Paul. *La medida del mundo*. Madrid: Cátedra, 1994.

52 GUREVITCH, Aron I. *As Categorias da Cultura Medieval*. Lisboa: Caminhos, 1972.

53 BONNASSIE, Pierre, GUICHARD, Pierre y GERBET, Marie-Claude. *Las Españas Medievales*. Barcelona: Crítica, 2001.

54 LE GOFF, Jacques. CENTRO/PERIFERIA. In: LE GOFF, Jacques & SCHIMTT, Jean-Claude (coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval I*. São Paulo: Imprensa Oficial / EDUSC, 2002, p. 201-217; BONNASSIE, op. cit., p.189-247, nota 53.

55 Refiro-me à visão que a Europa Central (França, Inglaterra e Roma, principalmente) tinha com relação aos infiéis e mesmo aos territórios de fronteira dentro da própria Europa, como era o caso da Península Ibérica.

Já para os ibéricos, os não-cristãos eram pessoas com uma crença distinta, mas com as quais eles conviviam diariamente e, por essa proximidade, compartilhavam um ambiente de relativa tolerância e um convívio relativamente pacífico.⁵⁶

Após percorrer esse prazeroso caminho com o auxílio do meu orientador, consegui delimitar melhor e “*aparar as arestas*” do meu objeto de estudo: a apologética e a cruzada em Ramon Llull. Porém, devo esclarecer ao leitor que a pesquisa caminhou baseada em uma hipótese (confirmada *a posteriori*): Llull acreditava realmente que sua *Arte* era o método mais eficiente para alcançar a unificação dos cismáticos ao credo cristão latino para, depois, partir para o seu principal objetivo: a conversão dos infiéis, principalmente os muçulmanos. Esses são os temas que conduziram a análise documental que se segue.

Toda essa dimensão da proposta luliana se unificaria em sua *Arte*, que também podia ser considerada como um instrumento de oração e de contemplação, um guia para a reflexão teológica. Ela era o pináculo de todo o processo missionário luliano.⁵⁷ Por crer profundamente em seus projetos (segundo ele, iluminados por Deus), o maiorquino se lançou confiante em busca de apoio logístico-financeiro.

Percorreu vários reinos e apelou a vários pontífices pedindo auxílio para pôr em prática seus propósitos. Quando não obtinha resposta, punha seu método à prova através da pregação e da ação. Por exemplo, foi para Túnis e Bugia (no norte da

56 DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando. *A Espanha Medieval: Fronteira da Cristandade*. Disponível em: <http://www.hottopos.com/mirand10/reboiras.htm>. Acesso: 25 de setembro de 2006.

57 GAYÀ ESTELRICH, op. cit., p. 23, nota 12.

África) pregar em praça pública.⁵⁸ Boa parte das viagens e dos trabalhos⁵⁹ desenvolvidos por Ramon podem ser acompanhados por meio de suas obras, pois, além de um escritor prolífico, ele também tinha o hábito de datá-las.

O *corpus documental* a ser analisado é constituído pelos documentos redigidos por Ramon sobre sua proposta missionária, além de recortes de outros documentos que tratam dessa temática. A principal fonte, portanto, a que mais me detive foi o *Livro do fim* (1305), obra dedicada ao papa Clemente V (1305-1314).⁶⁰

58 Esse fato é narrado por Ramon Llull na *Vida Coetânia* e na obra *Disputatio Raymundi christiani et Hamar saraceni* (= *De fide catholica contra sarracenos*), escrito em abril de 1307 na cidade de Pisa. Para suas viagens ao norte da África, cf. COSTA, op. cit., nota 15. A *Vida coetânia* possui dois manuscritos, o texto original é latino. No século XV foi feita uma cópia adaptada em catalão. Porém as variações são pequenas de um para o outro. As citações feitas ao longo do texto foram retiradas da tradução para o português a partir do texto catalão, a partir RAMON LLULL. *Vida coetânia*. In: OS (ed. introd. i notes de Antoni Bonner). Mallorca: Editorial Moll, 1989, volumen I, p. 11-50. Disponível em: <http://www.ricardocosta.com/univ/vita.htm>. Acesso: 23 de novembro de 2006. Por isso, o leitor pode perceber pequenas diferenças entre o texto latino citado nas notas de rodapé e a tradução para o português ao longo do texto. Optei por essa forma (tradução no corpo do texto e original na nota) para possibilitar uma leitura mais leve e sem muitas interrupções.

59 O sentido da palavra **trabalho** aqui empregada é bem distinto do de hoje em dia. No medievo, esse conceito significava “fadiga”, “aflição”, “sofrimento” e “perseguição”. Um bom exemplo disso encontra-se em uma questão do *Livro das Maravilhas* (1289), em sua sexagésima parte, “Porque o homem tem prazer em sentir?”: “– Filho, disse o eremita, como Jesus Cristo amava homens semelhantes que, pelo amor de Deus, sentiam e sofreram pobreza, fome, sede, golpes, escárnios, trabalhos e morte, quis ser pobre e suportar trabalhos e morte?”. Tradução: Ricardo da Costa e *Grupo I de Pesquisas Medievais da Ufes* (Bruno Oliveira – Eliane Ventorim – Priscilla Lauret), com base em *Obres Selectes de Ramon Llull (1232-1316)*. Mallorca: Editorial Moll, 1989, volume 2, p. 19-393.

Já na *Doutrina para crianças* (1274-1276), cap. XLIV, Ramon afirma: “Os maiores trabalhos e as maiores perseguições que existem para honrar a Deus são convenientes com as maiores recompensas para demonstrar que não trabalhar nem suportar tribulações pelo amor de Deus não é conveniente com recompensas”. Tradução: Ricardo da Costa e *Grupo III de Pesquisas Medievais da UFES* (Felipe Dias de Souza, Revson Ost e Tatyana Nunes), com base na edição de Gret Schib, *Doutrina para crianças*. Barcelona: Editorial Barcino, 1957.

60 Clemente V foi o primeiro papa de Avignon. Sua trajetória teve início com estudos de Direito Canônico em Orléans e Bolonha. Foi nomeado bispo de Commignes em 1295 e arcebispo de Bordéus em 1299. Sua coroação papal ocorreu em Lyon e mesmo durante seu pontificado nunca esteve na Itália. Nunca conseguiu exercer influência sobre o rei francês Filipe IV, mais foi muito influenciado por este. A pedido de Felipe, suprimiu a Ordem dos Templários no Concílio de Vienne (1311-1312). LOYN, op. cit., p. 95, nota 23.

Nela, Lull utiliza um tom de advertência de cunho escatológico para defender a unidade da fé e dos territórios cristãos e a conversão dos muçulmanos.⁶¹ A prática desse método só seria possível com a criação de colégios onde se realizassem estudos das línguas dos infiéis. Além disso, Ramon tratou de como ser organizada a *Ordem da Milícia*, nome da nova ordem militar unificada.

Por fim, citou as obras que deveriam ser utilizadas na disputa com os infiéis, para que fosse possível realizar sua conversão pacífica através das *razões necessárias*.⁶² No *Livro do fim*, o maiorquino expôs de forma detalhada todo seu pensamento sobre as cruzadas e como seria possível alcançar a unidade cristã. Assim, a partir do recorte temático da fonte, desenvolverei o corpo textual da dissertação.

No **Capítulo 1**, fiz uma breve análise da vida e da obra de Ramon Lull, sempre interligada ao contexto da época. O **Capítulo 2** tratou da apologética luliana no *Livro do fim*, tema que está diretamente relacionado com o projeto de reforma político-social e a unificação da cristandade, o que daria origem a uma comunidade universal cristã.

Nos **Capítulos 3 e 4** analisei o projeto de cruzada luliano. Ele se desenvolveu por dois caminhos distintos, mas com o mesmo objetivo: a conversão dos infiéis. Assim tratarei do ideal de *cruzada espiritual* que prega a conversão por meio da disputa e do diálogo, projeto que passou à bibliografia posterior com o título de *diálogo inter-religioso*. Ele se caracterizava pela abordagem pacífica, que tinha o intuito de provar

61 A palavra **escatologia** vem do grego *éschatos* (último) e *lógos* (tratado), e se refere às coisas que deverão suceder no fim do mundo.

62 Cf. nota 7.

as verdades da fé cristã e levar os islâmicos a se converterem.

Em seguida, o projeto de *cruzada corporal*, a guerra como forma de estabelecer o diálogo, isto é, como os missionários deveriam agir para forçar os muçulmanos a debaterem, mesmo que fosse necessário enfraquecê-los ou dominá-los através da guerra, pois o objetivo não era matar os inimigos, mas encarcerá-los e, no cárcere, convertê-los.

1. RAMON LLULL (1232-1316) SEU TEMPO, SUA VIDA E SUA OBRA

FIGURA 1



Representação de Ramon Llull. In: Munich, Bayerische Staatsbibliothek, clm (*codex latinus monacensis*), século XV, 10498, fol. 29r.

Antes de analisar o tema proposto nesse trabalho – a cruzada e a apologética nos escritos políticos de Ramon Llull –, é necessário fazer uma breve análise da vida e

da obra desse autor, pois a despeito da ampliação dos estudos lulianos no Brasil, ele ainda é relativamente desconhecido em nosso meio acadêmico.

Para a construção da sua biografia, seguirei o principal documento primário sobre sua vida: a *Vida coetânia*,⁶³ obra autobiográfica ditada em 1311 por Ramon a um monge da cartuxa de Valvert.⁶⁴ Porém, não tratarei somente de sua vida, mas também de sua produção filosófico-literária inserida no contexto sócio-político de sua época, os séculos XIII e XIV.

A vida de Ramon Llull, a exemplo de tantos outros personagens da Idade Média, divide-se em duas partes, separadas por um fato extraordinário: as visões do Cristo crucificado. Sua conversão se deu com características bem próximas às de dois grandes modelos religiosos da cristandade: São Paulo (c.10-67)⁶⁵ e São Francisco de Assis (c.1181-1226).⁶⁶

O primeiro passou pela *experiência da visão*, isto é, foi cegado pela luz de Cristo e, depois de alguns dias, voltou a enxergar o mundo através dos olhos da fé.⁶⁷ Esse

63 RAMON LLULL. *Vida coetânia*, op.cit., nota 58.

64 A ordem monástica da Cartuxa foi fundada em 1084 por Bruno de Colônia no vale de La Chartreuse (Cartuxa é a forma latinizada), ao norte de Grenoble. O modo de vida proporcionava a oportunidade de viver como eremita no seio de uma comunidade religiosa. Cada monge tinha sua própria cela onde orava, comia, estudava e dormia. Eles só saíam do claustro para os ofícios religiosos. LOYN, H. R. op. cit., p. 76-77, nota 23.

65 Saul ou Saulo, futuro São Paulo, nasceu em Tarso da Sicília. Era um judeu com cidadania romana. Por muito tempo foi um perseguidor implacável dos cristãos, até o momento em que teve uma visão de Cristo e se converteu. Essa visão o cegou por três dias. Quando voltou a enxergar iniciou seu trabalho missionário para trazer a luz do cristianismo aos gentios (At. 9, 3-7).

66 Giovanni Bernardone nasceu em Assis de Francesco, mais conhecido como Francisco de Assis. Era filho de um abastado comerciante daquela região da Itália. Sua criação levou-o a conhecer a diferença entre a riqueza e a pobreza, a vida cavaleiresca e a vida burguesa. Sua conversão ocorreu em 1206. Quando renunciou ao conforto material e a herança paterna, se tornou um pedinte. LE GOFF, op. cit., p.58-69, nota 46 e LOYN, H. R. op. cit., p. 157-158, nota 23.

67 A literatura cristã relativa às **visões** descreve diferentes categorias: o **sonho** propriamente dito, a **visão**, o **oráculo**, o **devaneio** e o **espectro**. Essa lista que aparece em Macróbio (c. 340-415) foi

fato fez com que Paulo sofresse uma profunda transformação interior: deixou de ser perseguidor dos cristãos para se tornar um servo de Deus. O apóstolo decidiu seguir a verdadeira luz, Jesus Cristo, caminho que abraçou pelo resto dos seus dias.

Nas sociedades tradicionais – ou pré-industriais – as visões ou os êxtases místicos sempre foram um importante meio de comunicação entre este mundo e o Além.⁶⁸ A mística pela via contemplativa fez parte de todo o projeto missionário Iuliano. O *Livro da Contemplação em Deus* (1273-1274) foi sua maior e mais importante obra sobre esse tema.⁶⁹

As preocupações escatológicas da cristandade latina entre os séculos XIV e XVII deram origem a importantes teorizações de visões e de viagens da alma.⁷⁰ Vários exemplos nas hagiografias medievais demonstram a manifestação de Cristo por

modificada por Santo Agostinho (354-430) em seu *De genesis ad litteram* [Sobre o genesis literal]. A partir da visão de São Paulo no caminho de Damasco, Agostinho estabeleceu uma hierarquia das visões: no nível inferior, a “visão corporal” pela qual nossos olhos podem ver realidades incorporais; no nível médio, a “visão espiritual” ou “imaginativa” que permite ver, como em sonho, as formas sem corpo; enfim, no nível superior, a “visão intelectual”, que dá acesso direto a realidades sem corpo e a conceitos sem imagens. DELUMEAU, Jean. *O que sobrou do paraíso?* São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 68-72.

68 VAUCHEZ, op. cit., p. 161, nota 47; VAZ, H. C. de L. *Experiência Mística e Filosofia na Tradição Ocidental*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

69 COSTA, Ricardo da. A experiência religiosa e mística de Ramon Llull: a *infinidade* e a *eternidade* divinas no *Livro da contemplação* (c. 1274). In: *Scintilla: Revista de Filosofia e Mística Medieval*. Curitiba: Faculdade de Filosofia de São Boaventura (FFSB), vol. 3, n. 1, janeiro/junho 2006, p. 107-133. Disponível em: www.ricardocosta.com/pub/expreligiosa.htm. Acesso: 27 de novembro de 2007.

70 Ao longo do século XII há um forte renascimento da **mística medieval**. Visões místicas possibilitavam o conhecimento do Paraíso. Dois importantes exemplos visionários desse século são Elisabeth von Schönhau († 1165) e Hildegard von Bingen (†1179). Elisabeth, em uma das suas visões paradisíacas, viu um edifício glorioso, cercado por três muralhas e com vários habitantes no interior. Além das muralhas, havia uma área cercada por espinhos picantes e ardentes, que muitos tinham que atravessar antes de ter acesso ao edifício. Já Hildegard, em sua Primeira Visão, observou a imagem do Criador, sentado sobre uma brilhante montanha cor de ferro. DELUMEAU, op. cit., p. 85-87, nota 67. Sobre a *Visão de Túndalo*, a *Viagem de São Brandão*, ver ZIERER, Adriana. Modelos de Salvação Medieval: São Brandão e Santo Amaro. In: COSTA, Ricardo da e PEREIRA, Valter Pires (org.). *História*. Revista do Departamento de História da UFES. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, nº 9, EDUFES, 2001, p. 41-51.

visões que modificam de forma definitiva a vida daqueles que passam por elas.⁷¹

A vida de Francisco de Assis, o grande exemplo de santidade do século XIII, também teve muita influência sobre Llull. O maiorquino ouviu um sermão sobre o despojamento de Francisco, que abriu mão da vida luxuosa proporcionada por sua família, para se dedicar ao tratamento dos leprosos e a mendicância, sobrevivendo apenas de doações recebidas da população citadina, fato que deu início ao ideal de pobreza e humildade franciscana.⁷²

Esse exemplo levou Ramon a abandonar sua vida mundana e se dedicar ao serviço de Cristo. Ramon e Francisco tiveram uma vida semelhante antes da conversão: eram de uma família abastada, tiveram uma formação cavaleiresca e, após a conversão, abandonaram todos seus bens materiais, desprezaram os bens temporais, e passaram a se dedicar a um projeto de reforma social para o bem comum da cristandade.

A proposta de reforma luliana incluía mudanças na forma de conduta dos cristãos latinos, assim como a unificação da Igreja latina com os cristãos da Igreja oriental para acabar com toda a divisão interna do cristianismo. Essa seria uma forma de resgatar o ideal apostólico cristão de humildade, pobreza e religiosidade. Tal desígnio só se realizaria com o afastamento dos clérigos do luxo e do pecado em que viviam no século XIII.⁷³

71 SCHMITT, Jean-Claude. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 15, 38-41, 62-63. DELUMEAU, op. cit., p. 85-87, nota 67.

72 LE GOFF, op. cit., nota 46.

73 BOLTON, op. cit., p. 19-36, nota 47.

O projeto missionário Iuliano também propunha a conversão dos infiéis e dos pagãos. Esse era o seu objetivo maior, tanto que Ramon se auto-proclamou “*procurador dos infiéis*”.⁷⁴

Entretanto, seu plano missionário-reformador, mesmo propondo uma renovação interna do clero e da cristandade, não tinha os mesmos objetivos que os movimentos heréticos da época.⁷⁵ Os movimentos condenados como heréticos tinham como uma das suas maiores críticas a organização e da hierarquia da Igreja latina, como aconteceu entre os cátaros e os albigenses.⁷⁶ Na proposta apresentada por Llull, permaneciam intactos tanto o comando papal da Igreja como a hierarquia clerical.⁷⁷

Ramon acreditava na superioridade do poder pontifício. Ao atribuir ao papa o papel de cabeça da cristandade e chefe do povo de Deus, Llull defendia que ele deveria comandar todos os membros da sociedade, inclusive reis e príncipes, chefes do poder temporal.⁷⁸

1.1. MAIORCA E A COROA DE ARAGÃO

No início do século XIII, a maior parte da Península Ibérica havia sido reconquistada pelos cristãos. Contudo, ainda restavam alguns territórios em poder dos

74 LLINARÈS, op. cit., p. 128, nota 42.

75 FALBEL, Nachman. *Heresias Medievais*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

76 BURL, Aubrey. *Hereges de Deus: A Cruzada dos Cátaros e Albigenses*. São Paulo: Masdras, 2003.

77 SOUZA, José Antônio de C. R. de. *O reino de Deus e o Reino dos Homens: as relações entre os poderes espiritual e temporal na Baixa Idade Média*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

78 Ibid., p. 63-81, 105-147; ULLMANN, Walter. *Historia del pensamiento político en la Edad Media*. Barcelona: Editorial Ariel, 1999, p. 106-107.

muçulmanos (o sul da Espanha, o Levante⁷⁹ e as Ilhas Baleares⁸⁰). O responsável pela conquista das Baleares, incluindo Maiorca, a terra natal de Ramon Llull, foi Jaime I, o *Conquistador* (1213-1276).⁸¹

Jaime assumiu a coroa de Aragão depois da morte de Pedro, o *Católico*,⁸² em Muret, e formulou planos de reconquistar o Levante e as Ilhas Baleares. Isso tornou a conquista desses territórios um empreendimento verdadeiramente catalão. Em 1229, Maiorca foi tomada, porém, o controle total da ilha só foi possível em 1231.⁸³

Após a conquista de Maiorca, a Catalunha iniciou sua expansão pelo Mediterrâneo. As cidades italianas de Gênova e Pisa, por temerem a concorrência do comércio catalão, fizeram acordos com Jaime I, na tentativa de garantir seus privilégios comerciais. No território peninsular, o monarca continuou seu processo de conquista em direção à Valência, e estabeleceu vários acordos matrimoniais com outros reinos

79 Nome genérico das comarcas mediterrâneas da Espanha, especialmente das correspondentes aos antigos reinos de Valência e Múrcia. Definição feita a partir do DICCIONARIO DE LA LENGUA ESPAÑOLA. Disponível em: <http://buscon.rae.es/draef/html/>. Acesso: 23 de dez. de 2006.

80 As atuais ilhas de Maiorca e Menorca. LLINARÈS, A. op. cit., p. 13, nota 42.

81 Jaime I, o *Conquistador* nasceu em 1208 em Montpellier, era filho de Pedro, o *Católico* (1174-1213) e Maria de Montpellier (c.1182-1213) falecidos quando ele tinha apenas cinco anos. Foi educado no castelo de Montró sob a proteção do mestre dos Templários. Casou-se aos treze anos com Eleonor de Castela com quem teve um filho, Afonso, casamento anulado por razões de parentesco. Seu segundo matrimônio foi em 1235 com dona Violante (filha de Andrés II, da Hungria), com quem teve dois filhos, Pedro e Jaime. Disponível em: http://www.cervantesvirtual.com/historia/monarquia/jaime_i.shtml. Acesso: 26 de nov. de 2006. Jaime também foi responsável por uma das autobiografias mais importantes de toda a Idade Média, o *Livro dos Feitos* (c. 1252-1274), obra inédita que está sendo traduzida para o português pelos Professores Ricardo da Costa e Luciano Vianna, e encontra-se disponível em <http://www.ricardocosta.com/textos/cronicafeitos.htm>. Essa tradução tem como base o *Libre dels Fets del Rei en Jaume* (a cura de Jordi Bruguera), Barcelona, Editorial Barcino, 1991, confrontada com JAIME I. *Libro de los hechos* (introd., trad. y notas de Julia Butiñá Jiménez), Madrid, Gredos, 2003.

82 Pedro de Aragão nasceu em 1174 e foi rei a partir de 1196. Morreu em 1213 na Batalha de Muret.

83 LLINARÈS, op. cit., p. 14, nota 42; LOYN, op. cit., p. 220, nota 23.

cristãos com o objetivo de garantir alianças e territórios.⁸⁴

Entre 1232 e 1260, Maiorca foi colocada sob o comando de um governador. Em seguida, Jaime I passou o direito de reinar sobre a ilha para seu filho, o infante Jaime, futuro Jaime II, de Maiorca (1243-1311).⁸⁵ Foi em meio a esse ambiente da nobreza maiorquina que viveu Ramon Llull até a sua conversão.

1.2. DO NASCIMENTO À CONVERSÃO (1232-1363)

Nesse ambiente peculiar que era a Ilha de Maiorca a família de Ramon Llull se estabeleceu em 1231. O pai de Llull fez parte do exército do rei de Aragão na conquista dessa ilha, e recebeu como recompensa algumas terras naquele local. No ano seguinte à chegada de seus pais na ilha, Llull nasceu. Viveu, portanto, em uma região de multiplicidade econômica, cultural e religiosa, na qual conviviam cristãos, judeus e muçulmanos de forma razoavelmente tolerante se comparada ao restante da Europa.⁸⁶

A *Vida coetânea* não nos informa o estamento social⁸⁷ da família de Ramon.⁸⁸ As

84 LLINARÈS, op. cit., p. 15, nota 42; CARR, Raymond. *Historia de España*. (Ed.) Barcelona: Ediciones Península, 2006, p. 109-111, 130-131.

85 Nasceu em 1243, em Montpellier e morreu em 1311. LLINARÈS, op. cit., p. 17-18, nota 42.

86 DOMÍNGUEZ REBOIRAS, op. cit., nota 56.

87 A sociedade medieval pode ser caracterizada como uma **sociedade de ordens** baseada num princípio de desigualdade, próprio da estrutura do Cosmo. Estava organizada de forma hierárquica, estruturada conforme a doutrina do *corpo místico social*: o rei como cabeça e as ordens, os membros. COSTA, Ricardo da. Revoltas camponesas na Idade Média. 1358: a violência da *Jacquerie* na visão de Jean Froissart. In: CHEVITARESE, André (org.). *O campesinato na História*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/ FAPERJ, 2002, p. 97-115. Disponível em www.ricardocosta.com/univ/jacquerie.htm; Acesso: 24 de março de 2005.

88 RAMON LLULL. *Vida coetânea*, op. cit., nota 58.

informações sobre seu pai e suas posses são enumeradas nos documentos publicados no *Diplomatari lul·lià*.⁸⁹

A documentação barcelonesa referente aos parentes mais próximos de Ramon não reconhecem os membros maiorquinos que passaram a ser denominados *cavaleiros*, pois, nessa linhagem, há preponderantemente uma maioria burguesa. O próprio Ramon demonstraria certo apreço pela classe dos comerciantes, o que pode ser um indício que seus antepassados pertenciam a esse estamento.⁹⁰

Assim, o fato de Lull ter sido proveniente de uma família da alta burguesia, enobrecida pelo direito de conquista, explica por que ele recebeu um cargo importante na nobreza, o de senescal do futuro rei Jaime II de Maiorca, conde de Rosselló e Cerdanha, senhor de Montpellier.⁹¹

Ramon passou sua infância e juventude na corte real. Recebeu uma educação característica da nobreza do século XIII: aprendeu a utilizar as armas e a arte de trovar e compor canções, conhecimentos que faziam parte de uma educação comum a toda ordem cavaleiresca.⁹²

Essa educação não priorizava o estudo das letras, fato que o levou posteriormente a lamentar o pouco conhecimento do latim. No entanto, após a conversão, nada lhe

89 HILLGARTH, J. N. *Diplomatari Lul·lià*. Edicions de la Universitat de Barcelona, 2001, p. 21-23, 25; BATLLORI, Miquel. *Ramon Lull i el Lul·lisme*. Obra completa. Vol. II. València: Biblioteca d'estudis i investigacions, 1993, p. 7.

90 Ibid.

91 **Senescal** era o nome dado aos mordomos em certas casas reais. Ibid.

92 CARRERAS I ARTAU, T. op. cit., p. 264, nota 1.

traria mais desgosto do que sua habilidade como trovador,⁹³ o que foi motivo de lamentos e tristeza pelo resto de vida. Ao aceitar a conversão e iniciar uma nova vida totalmente dedicada a Cristo, o pobre pecador, religioso e leigo, não escondia o fato de um dia ter sido “consumido pelo pecado da luxúria”.⁹⁴

Contudo, não podemos mensurar o grau de lascívia presente em suas canções profanas e cantigas amorosas. Tudo o que escreveu para suas amantes, provavelmente belos *lais*, não chegou até nós (isso poderia ser motivo de perdição para sua própria alma).⁹⁵

Mesmo abandonando e escarnecendo sua *arte de trovar*, essa característica lírica continuou a se manifestar por toda a sua obra religioso-filosófica. Mas a partir de sua conversão, seus textos não tiveram mais um caráter profano: ele se tornou um *jogral de Cristo*.⁹⁶

Quase aos trinta anos, por volta de 1263, ocorreu um fato que modificaria toda a sua

93 Os **trovadores medievais** eram músicos-poetas considerados como portadores de um novo tipo de ciência: uma “Gaia Ciência”, ou seja, uma “ciência alegre” ou “ciência gaiata”. O **amor cortês** foi a mais original criação dos trovadores, traduzida nas cantigas de amor e nos romances cortesões. Para o tema ver COUTINHO, Priscilla Lauret e COSTA, Ricardo da. Entre a Pintura e a Poesia: o nascimento do Amor e a elevação da condição feminina na Idade Média. In: GUGLIELMI, Nilda (dir.). *Apuntes sobre familia, matrimonio y sexualidad em la Edad Media*. Colección Fuentes y Estudios Medievales 12. Mar del Plata: GIEM (Grupo de Investigaciones y Estudios Medievales), Universidad Nacional de Mar del Plata (UNMdP), diciembre de 2003, p. 4-28.

94 RAMON LLULL. *Vida coetânia*, op. cit., I, 3, nota 58.

95 Os *Lais* eram pequenos poemas em versos de oito sílabas, cantado pelos jograis com acompanhamento de harpa. Um bom exemplo desse tipo de poema é MARIE DE FRANCE. *Lais de Maria de França*. Tradução e introdução de Antonio L. Furtado; refácio de Marina Colasanti. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

96 BATLLORI, op. cit., p. 4, nota 89. A maior canção desse jogral de Cristo foi o *Livro do Amigo e do amado* (1276-1283), obra escrita à maneira “sufi”. Possui belas palavras de amor e exemplos breves que inspiram aos homens uma grande devoção. É uma fórmula para elevar o entendimento e aumentar o amor a Deus. RAIMUNDO LÚLIO. *O Livro do Amigo e do Amado*. São Paulo: Editora Escala, 2006, p.17-18.

vida. O trovador dedicado aos poemas profanos e aos amores mundanos se transformou em um servidor do seu Amado – Deus – e um defensor do cristianismo latino.⁹⁷ A conversão de Ramon foi motivada por cinco visões de Cristo crucificado.⁹⁸

Esse acontecimento de grande sentido espiritual marcou o início de sua ruptura com seu antigo modo de vida cortês. Ramon passou a viver em prol de um projeto religioso que seria sua bússola, o que nortearia seus atos pelo resto da vida: fazer com que a cada dia Deus fosse mais e mais “conhecido, amado e honrado”.⁹⁹

Para que esse desejo se realizasse era necessário ordenar seus propósitos, conceber uma missão, que se desenvolveu com três objetivos: a contemplação, a ação e o martírio.¹⁰⁰ Esses três modos de viver, por sua vez, se concretizariam por meio de três atos:

1. Converter os infiéis para Cristo e, se necessário, chegar ao martírio;
2. Escrever o *melhor livro do mundo contra os erros dos infiéis*;
3. Promover a fundação de colégios com o auxílio do papa e dos príncipes,¹⁰¹ onde homens letrados aprendessem a língua dos infiéis e fossem enviados para o

97 O nascimento do **amor cortês** no século XII foi uma das maiores heranças que a Idade Média nos legou, pois propiciou à mulher um novo e destacado papel nas relações sociais. Assim, a necessidade de receber o consentimento da mulher para seguir seus anseios e desejos, tornou necessário o controle do impulso sexual violento masculino. Essa nova forma de comportamento social assumiu um caráter educativo nos círculos cavaleirescos, o que possibilitou a melhora da condição feminina. COSTA, e COUTINHO, op. cit., p. 4-28, nota 93.

98 É interessante observarmos a idade de sua *iluminação*, provavelmente aos quarenta anos. O **número quarenta** simboliza a intervenção de Deus, marca o fim de um ciclo que se encerra com uma mudança radical de ação e de vida. Após a iluminação, ele começa uma nova fase de sua vida, assim como aconteceu com Moisés, Buda e Maomé que iniciaram seus projetos religiosos aos quarenta anos. CHEVALIER, Jean. *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001, p. 757.

99 COSTA, Ricardo da. “O homem é mau quando age contra Deus e contra a semelhança de Deus”: a maldade humana no *Livro das Maravilhas* (1288-1289) de Ramon Llull. In: *Anais do II Simpósio Internacional de Teologia e Ciências da Religião*, Belo Horizonte, ISTA/PUC Minas, 2007.

100 VEGA, Amador. *Ramon Llull y el secreto de la vida*. Madrid: Ediciones Siruela, 2002, p. 20.

meio deles para pregar as verdades da fé católica.¹⁰²

Quando o filósofo utiliza os termos “infel ou infieis”, refere-se principalmente aos muçulmanos. Porém, como também pretendia concretizar o projeto de unificação e a universalização da cristandade, seu ideal de conversão também se estendia aos cismáticos, aos judeus, e aos tártaros (ou pagãos).¹⁰³

O fato de viver em uma região de fronteira e, por conseqüência, de contato diário com os muçulmanos, tornou natural para Llull ver o problema da conversão como um dos maiores problemas de sua época.

Esse convívio constante modelou a forma de convivência entre esses povos, não impedindo é claro, que ocorressem momentos de intolerância e um controle rigoroso da população muçulmana naquela região.¹⁰⁴

101 Os **colégios** (*collegia*) **medievais** eram locais de estudo sem fundação papal. Podiam ser instituídos por dois motivos: ordem religiosa ou caráter social. A primeira forma se dava pela preocupação do fundador com sua alma e a da sua família (*donatio pro anima*), e os membros e beneficiários do colégio deviam prestar orações perpétuas pela alma do fundador. O segundo, por motivação social, privilegiava os membros da família a freqüentarem aquele colégio. ULLMANN, op. cit., p. 116-119, nota 1.

102 BATLLORI, op. cit., p. 9, nota 89; CARRERAS I ARTAU, T. op. cit., p. 241, nota 1; VEGA, op. cit., p. 20, nota 100.

103 BONNER, Anthony i BADIA, Lola. *Ramon Llull: Vida, pensamento i obra literária*. Barcelona: Editorial Empúries, 1991, p. 13.

104 GUICHARD, Pierre. ISLÃ. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Vol. I, Bauru, SP: EDUSC; São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado, 2002, p. 640-641.

1.3. OS ANOS DE FORMAÇÃO (1263-1274)

Depois de sua conversão, Ramon ainda permaneceu três meses em sua casa, com sua mulher e filhos, a cuidar de seus negócios.¹⁰⁵ No dia da festa de São Francisco, Llull ouviu na Igreja o sermão do bispo sobre a história da conversão do *poverello* de Assis.¹⁰⁶

Aquela história o tocou profundamente e o fez seguir aquele exemplo.¹⁰⁷ Vendeu seus bens, deixando apenas o necessário para prover a sobrevivência dos seus. Colocou vestes simples e iniciou um período de peregrinação por santuários importantes da cristandade, entre eles, Santa Maria de Rocamador e Santiago de Compostela. Suas despesas a partir de agora seriam financiadas por doações.¹⁰⁸

Ao regressar para Barcelona, Ramon estava disposto a realizar seu segundo propósito – escrever o melhor livro do mundo. Para isso, decidiu ir para a Universidade de Paris.¹⁰⁹ Porém, seus amigos – em especial Ramon de Penyafort (1180-1275) – desaconselharam-no, e pediram que voltasse para Maiorca.¹¹⁰ Llull já era considerado um homem velho para iniciar seus estudos naquela Universidade.

105 CARRERAS I ARTAU, T. op. cit., p. 241, nota 1.

106 Como Francisco de Assis também foi chamado.

107 CARRERAS I ARTAU, T. op. cit., p. 241, nota 1; BONNER i BADIA, op. cit., p. 87-93, nota 103; VEGA, op. cit., p. 23, nota 100; BATLLORI, op. cit., p. 9-10, nota 89.

108 CARRERAS I ARTAU, T. op. cit., p. 242, nota 1; BONNER i BADIA, op. cit., p. 87-93, nota 103; VEGA, op. cit., p. 23, nota 100; BATLLORI, op. cit., p. 10, nota 89; HILLGARTH, op. cit., p. 176, nota 39.

109 A Universidade de Paris surgiu como *ex consuetudine*, isto é, nasceu espontaneamente de escolas preexistentes. Ela substituiu as escolas monásticas de São Vitor e Santa Genoveva e as escolas episcopais de São Germano e Notre Dame. Foi o principal centro de estudo de Filosofia e Teologia da Baixa Idade Média. ULLMANN, R. A. op. cit., p. 106, 120, nota 1.

110 RAMON LLULL. *Vida coetânea*, II, 10, nota 58; CARRERAS I ARTAU, T. op. cit., p. 42, nota 1; BATLLORI, op. cit., p. 10, nota 89.

Além disso, como ele pretendia estudar um problema local (a missão entre os infiéis), seria melhor que ficasse em Maiorca, onde essa era uma realidade cotidiana. Para os mestres de Paris, o infiel era uma realidade distante, além do que, os estudos realizados nessa Universidade terem na época como principal característica formar intelectuais profissionais, isto é, administradores e mestres para o ensino, não missionários.¹¹¹

Convencido, Ramon retornou para Maiorca e iniciou seu período de estudos, que durou aproximadamente nove anos (entre 1265 e 1274). Esse período é omitido pela *Vida coetânea*. O que se sabe é que ele se dedicou ao estudo da língua árabe auxiliado por um escravo mouro, além de estudar Teologia e Gramática.¹¹²

O silêncio sobre esses anos na *Vida* decorre da certeza, ao final de sua vida, de que seu projeto missionário-apologético era resultado da sua iluminação divina.¹¹³ Por isso, Ramon não sentiu necessidade de demonstrar claramente o que aprendeu.

Por esse motivo, não é possível precisar quais foram as obras lidas por ele, ou quais leu por completo. Pode-se, contudo, rastrear traços de alguns textos que ele teve

111 LE GOFF, J. *Os Intelectuais na Idade Média*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003, p. 88-90, 128-135; CARRERAS I ARTAU, T. op. cit., p. 242, nota 1; LLINARÈS, A. op. cit., p. 15, nota 42.

112 Isto é, o latim. VEGA, op. cit., p. 24, nota 100; LLINARÈS, A. op. cit., p. 67-68, nota 42; BONNER i BADIA, op. cit., p. 16, nota 103.

113 A **doutrina da iluminação divina** foi concebida por Santo Agostinho e, no baixo-medievo, foi retomada São Boaventura (1221-1274). A teoria agostiniana estabelecia que todo conhecimento verdadeiro era resultado de uma iluminação divina; as verdades espirituais, especialmente, as coisas referentes ao conhecimento de Deus, só poderiam ser alcançadas pelos olhos do nosso espírito quando iluminadas pela luz divina para assim, se tornarem inteligíveis. SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural, 2000, p. 16-17. Essa doutrina foi influenciada por São João quando anunciava a vinda de Cristo: “O Verbo era a luz verdadeira que ilumina todo homem; ele vinha ao mundo. Ele estava no mundo e o mundo foi feito por meio dele, mas o mundo não o reconheceu”. (Jo 1, 9-10). Portanto, a Luz é Cristo, que é o Sumo Bem. Os iluminados por Deus seriam pessoas especiais escolhidas para transmitir Sua mensagem e tornar Sua obra inteligível para quem não conseguia enxergar essa luz.

contato. Quem foram seus mestres? Infelizmente, essa pergunta só pode ser respondida de forma indireta, pois, Ramon não tinha o hábito de citar suas fontes.¹¹⁴

Dentre as obras e os mestres de sua educação autodidata, estão a *Bíblia*, o *Alcorão*, o *Talmude*,¹¹⁵ *Calila e Dimna*,¹¹⁶ e textos de mística árabe, o sufismo;¹¹⁷ entre os

114 Llull era um autodidata em grande parte de sua formação. Percebe-se em seu conhecimento influências do espírito cisterciense, o que explicaria sua oposição ao averroísmo. Há em sua obra uma predileção pelo agostianismo e pela exaltação mística. Assim, seu pensamento estaria mais próximo às correntes de pensamento e à mística do século XII, sendo considerado por isso, um homem fora do seu tempo. LLINARÈS, A. op. cit., p. 67, 68-69, nota 42.

115 CARRERAS I ARTAU, op. cit., p. 262-263, nota 1. O *Talmude* é o livro do Judaísmo. Enquanto o *Chumash* (Pentateuco ou os cinco livros de Moisés) fazem referência aos Mandamentos, o *Talmude* os explica, discute e esclarece. É considerado pelos judeus uma forma de compilação da Lei Oral, transmitida por Deus a Moisés, no Monte Sinai. Tem dois componentes principais: a *Mishná*, livro sobre a lei judaica, escrito em hebraico, e a *Guemará*, comentário e elucidação do primeiro, escrito em hebraico-aramaico. O *Talmude* cobre uma ampla variedade de assuntos, seguindo, no entanto, um plano coerente e muito bem estruturado, a *Mishná*, pilar central da Lei Oral. Comparada à *Guemará*, é concisa e objetiva. Compõe-se de uma série de declarações, organizadas por assunto e tópico, que ensinam as leis, a tradição e a história judaica. Em hebraico, a palavra *Talmud* significa “estudo” ou “aprendizado”. O objetivo primordial do *Talmude* é a busca da verdade. A obra está praticamente toda estruturada em perguntas e respostas. **DJMAL, Tev. O que é o Talmud? (trad. Lilia Wachsmann).** In: *Revista Marashá*, Edição 43, dezembro de 2003. Disponível em: www.morasha.com.br/edicoes/ed43/talmud.asp. Acesso: 27 de julho de 2007.

116 *Calila e Dimna* foi a versão de Afonso X, o Sábio (1252-1284) do clássico *Kalila wa Dimna*. Trata-se de uma coletânea de contos e fábulas de caráter político e moral. A origem do *Calila* remonta, em parte, ao livro indiano, redigido em sânscrito, chamado *Panchatantra*. Abdallah Ibn Al-Muqaffa', por volta de 750, foi o responsável pela versão ao árabe do antigo manuscrito em *pehlavi*, intitulando-a *Kalila wa Dimna*, versão que originou traduções em várias outras línguas, como o castelhano *El Libro de Calila e Digna*, traduzido em 1251 diretamente do original árabe de Ibn Al-Muqaffa'. O *Panchatantra* pertence ao gênero de livros chamado *niti-shastra* (“ciência ou trabalho sobre ética política ou moral”), ou seja, é um “livro de *niti*: uma maneira prudente e sábia de se viver (...)”. *Niti* é um modo prático que conduz a um modo de se viver seguro e proveitoso. FUJIKURA, Ana Lúcia Carvalho. *Os Provérbios no Livro de Calila e Digna*. In: *Collatio*. Ano II nº 4 julio-diciembre 1999. Disponível em: http://www.hottopos.com/collat4/os_proverbios_no_libro_de_calila.htm. Acesso: 25 de julho 2007.

Ramon Llull provavelmente conheceu várias obras de influências árabicas, dentre elas estaria o conto *Kalila e Dimna*. COSTA, Ricardo da. *A novela na Idade Média: o Livro das Maravilhas (1288-1289) de Ramon Llull*. Artigo publicado no MiniWeb Educação. Disponível em: www.ricardocosta.com/univ/novela.htm. Acesso: 25 de julho de 2006. Cf. também IBN AL-MUKAFA. *Calila e Dimna* (trad. e apres. de Mansour Challita). Rio de Janeiro: Associação Cultural Internacional Gibran, s/d.

117 O **sufismo** (ou *tasawwuf*) é um campo da mística muçulmana. No século XIII era a principal forma de mística islâmica na Península Ibérica. Seu maior difusor nessa região foi Abenarabi (Ibn al-Arabí, 1165-1240). O sufismo conceitua a concepção islâmica para as perfeições divinas (*hadras*), que podem ter inspirado o conceito de *dignidades divinas* em Ramon Llull. MATA, op. cit., p. 67-68, nota 12. Para ter uma visão mais aprofundada do sufismo consultar PAREJA, op. cit., p. 289-345, nota 19.

autores, Platão (428/427-347 a.C.),¹¹⁸ Aristóteles (384/383-322 a.C.),¹¹⁹ Anselmo de Cantuária (1033/1034-1109)¹²⁰ e São Boaventura (1221-1274).¹²¹

Foi nesse período de estudo que Ramon redigiu suas primeiras obras: o *Compêndio da Lógica de Algazel* (1271-1272),¹²² e o *Livro da Contemplação em Deus* (1274).¹²³

A *Lógica* apresentava ao leitor uma síntese da lógica de Algazel e sua aplicação na polêmica teológica, o que pode ter sido utilizado como meio de familiarização com os métodos de discussão racional e a teologia islâmica.¹²⁴

118 Platão nasceu em Atenas. Seu verdadeiro nome era Aristócles. O apelido derivou de seu vigor físico (em grego, *platos* significa amplitude, largueza). Inicialmente foi discípulo de Sócrates (470/469-399 a. C.), e com a morte deste, saiu de Atenas. Quando retornou, fundou a Academia. Entre todas as suas obras, a que pode ter influenciado mais o pensamento luliano foi *A República*, onde Platão desenvolve a Idéia do Bem. REALE, Geovanni. *História da filosofia: Antigüidade e Idade Média*. São Paulo: PAULUS, 1990, p.125-151.

119 Cf. nota 29.

120 Anselmo de Cantuária nasceu em Aosta na Itália. Ingressou para a ordem cluniasense em Bec e, após a morte de sua mãe e a aversão que seu pai tomou dele, se tornou abade em 1078. A partir de 1093, tornou-se arcebispo de Canterbury. Em meio ao ambiente de disputas filosóficas do século XI, Anselmo se manteve neutro e equilibrado. Atribuiu ao homem duas fontes de conhecimento, a fé e a razão. Manteve-se sempre otimista quanto à possibilidade da razão aprofundar-se nos mistérios revelados. Contudo, era cuidadoso quanto ao uso das “razões necessárias” para provar os mistérios divinos, matizando sua discussão racional sempre com questões filosóficas. SARANYANA, op. cit., p. 157-163, nota 26.

121 CARRERAS I ARTAU, op. cit., p. 262-263, nota 1. Giovanni de Fidanza, denominado Boaventura e *Doutor Seraficus*, foi um dos maiores representantes da Teologia e da mística do século XIII. Suas obras podem ser inseridas no campo da “metafísica da mística cristã”, com a qual ele pretende demonstrar a existência de Deus. SARANYANA, op. cit., p. 294-304, nota 26; CARPENTER, Charles. *San Buenaventura: La teologia como camino de santidad*. Barcelona: Editorial Herder, 2002, p. 153-192. Já quanto à questão da elevação da alma a Deus, três etapas auxiliam no caminho da iluminação: encontrar os sinais de Deus nas coisas sensíveis e se elevar às alegrias das coisas divinas para a contemplação divina. ETIENNE, Gilson. *A Filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 544-553. Para um conhecimento mais aprofundado de Boaventura, SAN BUENAVENTURA. *Experiencia y Teología del misterio: Itinerário del alma a Dios, Incendio de amor, Soliloquio, El Árbol de vida, De la vida perfecta*. Madrid: BIBLIOTECA DE AUTORES CRISTIANOS, MM.

122 ORL XIX (1936), 1-62.

123 OE II (1960), p. 85-1269. Cf. CARRERAS I ARTAU, op. cit., p. 548-576, nota 1; VEGA, op. cit., p. 24, nota 100; HILLGARTH, op. cit., p. 33, nota 39.

124 VEGA, op. cit., p. 26-27, nota 100; CARRERAS I ARTAU, op. cit., p. 348-349, nota 1.

O *Livro da Contemplação* é considerado uma *summa* mística medieval, uma enciclopédia sistemática sobre Deus e a natureza, que prepara e eleva o leitor espiritualmente para compreender e contemplar a Deus.¹²⁵

As duas obras teriam sido escritas originalmente em árabe e traduzidas para latim e catalão, mas infelizmente, nenhum texto em árabe chegou até nós. O que sabemos é que Ramon estudou árabe, de acordo com sua própria declaração: “Senhor, visto que vós haveis me dado a graça é que eu entendo a língua arábica”.¹²⁶

Todavia, a convivência com seu escravo terminou de forma trágica. Um dia, Ramon ouviu seu servo blasfemar contra Cristo, o que lhe deixou irado e fez com que ele lhe castigasse. Por isso, na primeira oportunidade que teve, o escravo investiu contra Ramon e tentou matá-lo.¹²⁷

Esse fato é narrado na *Vida Coetânia*. Llull nos conta que uma manhã, ao ver que estava só, o escravo pegou um “faca muito cortante” e foi em direção a ele gritando: “Agora morrerás!” Llull conseguiu se desviar do golpe mortal mas, mesmo assim, foi ferido no ventre. O escravo foi encarcerado até Llull decidir que punição seria aplicada a ele.

Ramon estava confuso; o escravo tinha sido de grande valia ao lhe ensinar a língua e a lei árabe, o que lhe auxiliaria no projeto de conversão dos infiéis. Também sabia

125 CARRERAS I ARTAU, op. cit., p. 348, 357-358, nota 1; VEGA, op. cit., p. 29, nota 100. COSTA, op. cit., nota 69.

126 RAMON LLULL. *Livro da Contemplação. OE II*, p. 376. Apud., LLINARÈS, op. cit., p. 67, nota 42.

127 RAMON LLULL. *Vida coetânia*, op. cit., II. 12, p. 279, nota 58.

que, se fosse posto em liberdade, ele continuaria no propósito de matá-lo.¹²⁸

Para refletir, Ramon retirou-se para o mosteiro cisterciense de Santa Maria de Real, para meditar e decidir se o libertaria ou o deixaria ser condenado à morte.¹²⁹ As leis da época condenavam à morte qualquer muçulmano que tentasse matar um cristão.¹³⁰ Quando retornava para casa, ainda indeciso, Ramon passou pela prisão onde o escravo estava, e soube que ele havia se suicidado.¹³¹

Somente depois desse episódio, mais ou menos dez anos após sua conversão, é que Ramon realmente se afastou da vida mundana e se dedicou à vida contemplativa. Ele saiu de casa e foi para o Monte Randa meditar. Neste lugar, passou vários dias; no oitavo, quando estava contemplando o céu, veio à sua mente uma “ilustração divina” de como ordenar e fazer o livro contra os erros dos infiéis.¹³²

Llull deu graças a Nosso Senhor por aquela *maravilha* e desceu de lá, dirigindo-se para o mosteiro de Real; ali faria o livro mais rapidamente. A essa obra denominou *Arte Maior* e depois *Arte Geral*.¹³³ Depois de escrevê-la, ele voltou ao Monte Randa, e mandou edificar um eremitério no mesmo lugar onde recebeu a iluminação divina.

128 RAMON LLULL. *Vida coetânia*, op. cit., II, 12, p. 279, nota 58.

129 RAMON LLULL. *Vida coetânia*, op. cit., II, 12, p. 279, nota 58.

130 Para a questão relativa às condições de vida e aos direitos dos mudejâres, ou seja, muçulmanos que permaneceram na Península Ibérica após a Reconquista, cf. BONNASSIE, op. cit., p. 154-161, nota 53.

131 RAMON LLULL. *Vida coetânia*, op. cit., II, 13, p. 279, nota 58.

132 Ibid.

133 In quo, cum iam stetisset non plene per octo dies, accidit quadam die, dum ipse staret ibi caelos attente respiciens, quod súbito Dominus illustravit mentem suam, dans eidem formam et modum faciendi librum, de quo supra dicitur, contra errores infidelium. De quo Raimundus immensas gratias reddens Altíssimo, descendit de monte illo. Reversusque mox ad abbatiam supra dictam, coepit ibidem ordinare et facere librum illum, vocans ipsum primo: *Artem maiorem*, sed postea: *Artem generalem*. RAMON LLULL. *Vida coetânia*, op. cit., III, 14, p. 280, nota 58.

Depois do agradecimento naquele lugar santificado, Ramon recebeu um convite de Jaime II para ir a Montpellier levar suas primeiras obras. A pedido de Jaime, elas foram examinadas por um frade franciscano, conhecedor de Teologia, que as aprovou.¹³⁴

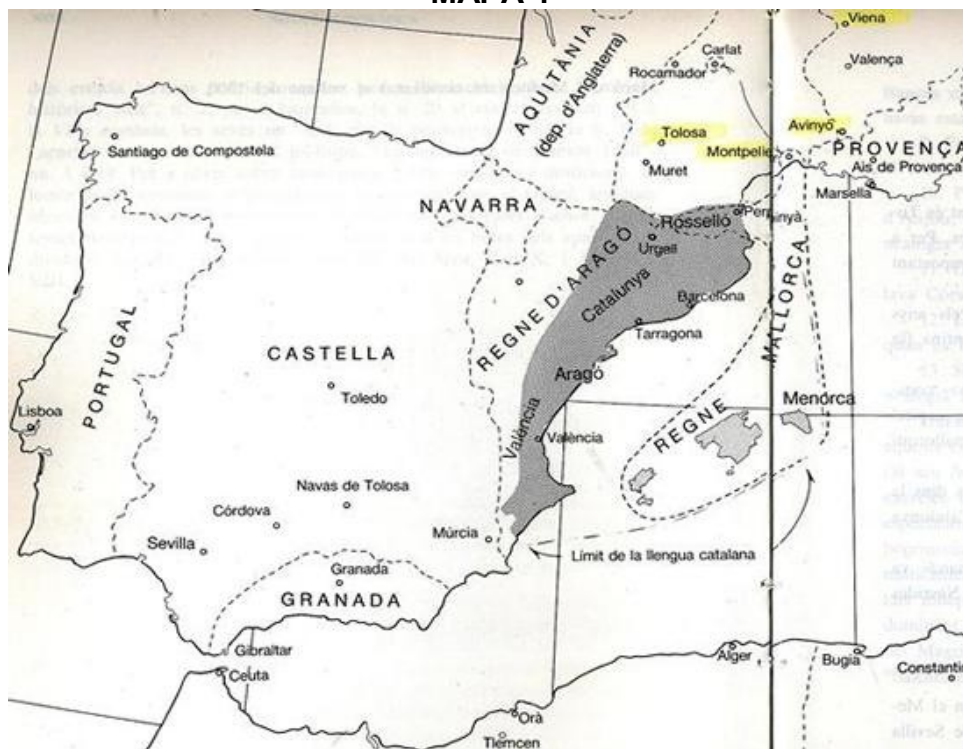
Ramon se dirigiu então para Montpellier para conseguir a aprovação do rei para a construção de colégios onde fossem realizados os estudos das línguas dos infiéis. Jaime II autorizou a construção do colégio de Miramar em 1276,¹³⁵ que recebeu a aprovação do papa João XXI (1215-1277) no mesmo ano.

134 A primeira dessas três obras foi também a primeira versão do seu método, a *Ars compendiosa inveniendi veritatem*. A segunda é a *Ars inveniendi particularia in universalibus* (c. 1283-1287) obra que depende da *Art demonstrativa*. A terceira é a *Ars inventiva veritatis*, na qual Lúlio leva adiante uma profunda revisão da *Arte* no tocante aos procedimentos próprios das duas principais versões anteriores: a *Ars compendiosa inveniendi veritatem* e a *Art demonstrativa*. Sobre essa revisão da *Arte*, consultar RAMON LLULL. *Vida coetânia*, op. cit., IV, 17, nota 58. O feito de reformular a *Arte* não significa que ela tenha perdido seu caráter inventivo. Tampouco o autor deixou de se considerar o criador desse método por intermédio da ilustração divina. A *Arte* manteve sua característica de meio pelo qual é possível “encontrar” ou “descobrir” as coisas, contudo, uniu-se a esse modelo sua finalidade, a busca da verdade. Porém, sua forma de buscar a verdade é que difere do método tradicional da escolástica, que utiliza a dialética. Llull pretende “demonstrar”. Essa demonstração pode ser classificada da seguinte forma: 1) por comparação, ou seja, demonstrar por coisas iguais; 2) como o homem prova o efeito pela causa, e 3) como o homem pelo efeito demonstra a causa. RUIZ SIMON, Josep Maria. *A Arte de Raimundo Lúlio e a teoria escolástica da ciência*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2004, p. 31 e 32.

135 RAMON LLULL. *Vida coetânia*, op. cit., III, 17, nota 58. Miramar era um colégio, não um monastério, pois os conventos franciscanos não podiam ter nenhuma fonte de renda. BATLLORI, op. cit., p. 13, nota 89.

1.4. DAS PRIMEIRAS VIAGENS ATÉ A CRISE DE GÊNOVA (1287-1293)

MAPA 1



Mapa da expansão catalã-aragonesa (c. 1300).

In: BONNER, 1989, vol. i, p. xxviii-xxix. No mapa, se vê o **Reino de Aragão** (com as regiões da catalunha e valência, bem como suas principais cidades – urgell, barcelona, tarragona e valência). Já o **Reino de Maiorca** era constituído por territórios desconectados: **Rossilhão** (*rosselló*, com sua importante cidade de Perpignan), região fronteiriça com a França, **Montpellier** (com sua escola e universidade de medicina), principal saída do comércio francês para o Mediterrâneo, e as **Ilhas Baleares** (Maiorca, Minorca e Ibiza). Em um tom mais escuro, as áreas com populações que falavam o catalão – COSTA, Ricardo da, e PASTOR, Jordi Pardo. “Ramon Llull e o diálogo inter-religioso: cristãos, judeus e muçulmanos na cultura ibérica medieval: o *Livro do gentio e dos três sábios* (c. 1274) e a *Vikvah* (c. 1264) de Nahmânides sobre a Disputa de Barcelona de 1263”. In: LEMOS, Maria Teresa Toribio Brittes e LAURIA, Ronaldo Martins (org.). *A integração da diversidade racial e cultural do Novo Mundo*. Rio de Janeiro: Uerj, 2004. Disponível em www.ricardocosta.com. Acesso: 07 de maio de 2008.

No período posterior à sua formação, Ramon fez uma série de viagens para conseguir ajuda para seus propósitos missionários. Em 1287 foi a Roma, com o intuito de falar com o papa e os cardeais sobre a construção de colégios onde fossem realizados estudos das línguas orientais e da *Arte*, o que possibilitaria o envio de missionários para pregar nas terras dos infiéis.¹³⁶ Entretanto, ao chegar à

136 LLINARÈS, A, op. cit., p. 74, nota 42.

cidade, soube que o papa acabara de falecer.¹³⁷

Ramon então se dirigiu a Paris. Esse foi o primeiro contato com os intelectuais da universidade parisiense. Ao expor sua *Arte*, não foi compreendido. Sua palestra foi um fracasso, muitos caçoaram de sua aula e da sua “*maneira arábica de falar*”.¹³⁸

Decepcionado, Ramon partiu da Universidade ao encontro do rei da França, Felipe, o *Belo* (1268-1314)¹³⁹, para quem escreveu e dedicou o *Livro das Bestas* (1285-1286).¹⁴⁰ Essa obra foi inserida mais tarde no *Livro das Maravilhas* (1289).¹⁴¹ Neste último livro, Ramon explicou os motivos de sua tentativa de aproximação com o rei da França:¹⁴²

(...) um homem que durante um longo tempo trabalhou para a utilidade da Igreja Romana veio a Paris e disse ao rei da França e à Universidade de Paris que fizessem mosteiros onde fossem ensinadas as línguas daqueles que são infiéis, e que se traduzissem para essas línguas a *Arte Demonstrativa* e com ela fosse aos tártaros e pregassem e lhes ensinasse a *Arte*; e que levassem alguns deles para Paris e lhes ensinasse a nossa língua e a nossa escrita antes que retornassem à sua terra.

Todas estas coisas e muitas outras solicitou este homem ao rei e à Universidade de Paris, e que fosse confirmada pelo santo apóstolo e fosse uma obra perdurável.¹⁴³

137 RAMON LLULL. *Vida coetânea*, op. cit., IV, 18,19, nota 58.

138 Ibid.

139 Filipe IV, *Belo*, foi rei da França de 1285 a 1314. Pertencia à dinastia dos Capetos e era casado com Joana I de Navarra. Por isso também era rei de Navarra e conde de Champagne (1284-1305). Seu codinome deve-se à sua beleza. Felipe se envolveu em diversos conflitos durante seu governo, por desejar o fortalecimento da monarquia. Entre seus opositores estiveram o papa Bonifácio VIII e a Ordem do Templo, extinta no Concílio de Vienne. NICHOLAS, David. *A Evolução do Mundo Medieval: Sociedade, Governo e Pensamento na Europa (312-1500)*. Lisboa: Publicações Europe-América, 1999, p. 508, 515-517; RUNCIMAN, III, op. cit., p. 349-351, 374-377, nota 50.

140 RAMON LLULL. *Livro das Bestas*. São Paulo: Escala, 2006.

141 RAMON LLULL. *Félix o el Libre de meravelles*, op. cit., p. 07-393, nota 59.

142 LLINARÈS, A., op. cit., p. 75, nota 42.

143 “(...) un hom qui long temps havia treballat en la utilitat de l'Esgleia romana, venc a Paris, e dix al rei de França e a la Universitat de Paris que en Paris fossen fets monestirs on fossen apreses los lenguatges de aquells qui són infeels, e que hom en aquells lengatges trelladàs la *Art*

Pelas obras escritas nessa época (entre 1287 e 1289), fica claro que Llull tinha como propósito principal convencer Felipe, o *Belo*, da necessidade de edificar colégios onde se desenvolvesse o estudo das línguas orientais em Paris, semelhantes à Miramar.¹⁴⁴

Não é fácil avaliar as relações de Llull com Felipe IV e seus conselheiros. Por um lado, Llull dedicou ao rei um número considerável de obras, algumas das quais com um elaborado panegírico.¹⁴⁵ Por outro, não há nada na propaganda nacionalista francesa da época que possa ter atraído o filósofo.

Tal como foi demonstrado na *Vida*, e em outros escritos em geral, ele era pouco simpático aos juristas que auxiliavam Felipe em seus objetivos monárquicos. Llull não apoiava a supremacia do poder régio, e sim a soberania papal.¹⁴⁶

Em sua *teoria política*, Llull enfatizava a posição do papa na cristandade, e colocava seu cargo como o mais importante. Essa posição a favor do poder pontifício já estava presente nas obras de Hugo de São Vitor (1096-1141)¹⁴⁷ e São Bernardo de

demonstrativa; e que ab aquella *Art demostrativa* hom anar als tartres, e que a aquells preicàs a la *Art* mostras; e que de aquells hom a Paris hagués, e que la nostra letra e lenguatge los mostras, e que puixes a lur terra lurs trametès. Totes aquestes coses e moltes de altres demanà aquest hom al rei e la Universitat de Paris, e que fos confermat per lo sant apostoli e fos obra perdurable. RAMON LLULL. *Fèlix o el Libre de meravelles*, op. cit., p. 291, nota 59.

144 HILLGARTH, op. cit., p. 77, nota 39.

145 O **panegírico** é um discurso ou escrito para louvar alguém, neste caso, a pessoa de Felipe, o *Belo*.

146 HILLGARTH, op. cit., p. 79, nota 39.

147 Filósofo e teólogo agostiniano, provavelmente nasceu em Hartingam, na Saxônia. É o ilustre representante da escola da abadia de São Vitor, em Paris. Sua obra foi de grande importância para a valorização dos novos ensinamentos, tais como a história, as artes mecânicas, têxteis, a fabricação de armas, a agricultura, a caça, etc. Suas obras mais conhecidas são: *De sacramentis christianae fidei*, *Epitome in philosophiam*, *Commentum* (à hierarquia celeste) e *Didascalicon*, que é a obra mais completa sobre o saber da época. HUGO DE SÃO VITOR. *Didascalicon*: da Arte de Ler. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2001.

Claraval (1090-1153)¹⁴⁸ que viveram em uma época de grande prestígio papal.¹⁴⁹ No entanto, para alguém que teve conhecimento dos fatos ocorridos em Agnani¹⁵⁰ e o triunfo de Felipe, o *Belo* contra os templários,¹⁵¹ é estranho que Llull buscasse o apoio desse rei e, ao mesmo tempo, defendesse a soberania papal.

Talvez por esse aparente paradoxo Ramon seja visto por alguns como um homem fora do seu tempo, pois, no final do século XIII, quando o poder papal já estava se enfraquecendo e a monarquia se fortalecia, Llull ainda defendia a supremacia papal no comando da cristandade.¹⁵²

Contudo, nem o rei nem o papa contribuíram para a realização dos seus projetos. Desiludido, como ele mesmo afirma no *Livro das Maravilhas* (“Em tristeza e languidez estava um homem em terra estranha”¹⁵³), fracassado e decepcionado, Llull retornou para Montpellier ainda no ano de 1289, e decidiu modificar sua *Arte* para

148 São Bernardo de Claraval nasceu em 1090, e ingressou na ordem Cisterciense em 1113. Teve grande importância na consolidação da ordem. Em 1130, passou a agir de modo ativo também na vida da Igreja, auxiliando a resolver situações de crise, como a dúplice eleição papal de Inocêncio II e Anacleto II, que provocou um cisma que durou oito anos. Em 1140, interveio contra os erros de Abelardo. Foi também o redator da regra da Ordem do Templo. SAN BERNARDO. *En la Escuela del amor*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, MCMXCIX; BERNARDO DE CLARAVAL. *Elogio de la nueva milicia templaria*. Madrid: Ediciones Siruela, 2005.

149 Para a questão da **Hierocracia** e a **Teocracia Régia** no século XII, como também a **Teoria dos dois gládios**, veja SOUZA, José Antônio de C. R. de (Org.). *O reino de Deus e o reino dos Homens: as relações entre os poderes espiritual e temporal na Baixa Idade Média (da Reforma Gregoriana a João Quidort)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997, p. 63-71; ULLMANN, op. cit., p. 97-151, nota 78; COSTA, op. cit., nota 15.

150 A *Humilhação de Agnani* ocorreu em consequência dos conflitos que envolveram o papa Bonifácio VIII e o rei Felipe, o *Belo*. Bonifácio, com a bula *Clericis laicos* (1296), decretou a excomunhão dos laicos que tributassem os bens da igreja sem o seu consentimento. Em represália, Filipe proibiu a saída de dinheiro para os estados pontifícios e forçou o clero francês a apoiá-lo. O papa então publicou a bula *Unam sanctam* (1302) e, pouco depois, excomungou o rei francês. Em represália ao papa, o monarca mandou que este fosse aprisionado em Anagni (1303), sofrendo com essa prisão grande humilhação. Bonifácio só foi liberto por interferência da população, o que garantiu o seu retorno a Roma, onde morreu pouco depois. GARCIA VILLOSLADA, op. cit., p. 613-623, nota 49.

151 OLIVIER. *O poder temporal do papa*, EL 5; CARRERAS I ARTAU, op. cit., p. 621-623, nota 1.

152 HILLGARTH, op. cit., p. 79, nota 39.

153 RAMON LLULL. *Félix o el Libre de meravelles*, op. cit., p. 19, nota 5.

simplificá-la e torná-la mais compreensível. Para isso, escreveu outro livro que chamou de *Art de trobar veritat*,¹⁵⁴ porque, segundo ele, o intelecto humano não alcançava a compreensão da forma original da *Arte*.¹⁵⁵

Ramon ficou em Montpellier até 1290, quando foi para Gênova. Lá entrou em contato com Ramon de Gaufredi (†1310), mestre geral da ordem franciscana, que lhe autorizou pregar nos conventos franciscanos da Itália. Nesse momento, Llull teve seu primeiro contato com os *espirituais franciscanos*.¹⁵⁶

De Gênova, se dirigiu a Roma para rogar ao papa Nicolau IV (1288-1292)¹⁵⁷ que criasse colégios para o estudo das línguas orientais e que proclamasse uma nova cruzada para reconquistar a Terra Santa.¹⁵⁸

Estamos em 1292, um ano após a queda de São João de Acre, o último reino cristão latino em Ultramar tomado pelos muçulmanos. Movido pela comoção e pela indignação da cristandade,¹⁵⁹ Ramon escreveu sua primeira obra sobre as cruzadas, o *Livro da Passagem*,¹⁶⁰ dedicado ao papa Nicolau IV, que ainda se encontrava

154 *Ars compendiosa inveniendō veritatem* (c. 1274). MOG I (1721), vii, 1-41 (433-473); Anthony Bonner i Albert Soler, "La mise em Anthony Bonner i Albert Soler, "La *mise en texte* de la primera versió de l'Art: noves formes per a nous continguts", *SL* 47 (2007), 29-50.

155 O tradutor se equivocou: o título exato desta obra é *Ars inventativa veritatis* (escrita em 1290 em Montpellier). Llull se encontrava em Montpellier quando recebeu no dia 26 de outubro de 1289 uma carta de recomendação de Ramon Gaufredi, geral dos franciscanos, que o autorizava a ensinar a sua *Arte* nos conventos franciscanos da Itália.

156 BATLLORI, op. cit., p. 19, nota 89; GARDIA-VILLOSLADA, II, op. cit., p. 804-808, nota 49; BOLTON, B., op. cit., nota 46; FALBEL, Nachmann. *Os Espirituais Franciscanos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995. Para ligação de Llull com os espirituais, ver GAYÀ, op. cit., nota 29.

157 Nicolau IV, (1220-1292), foi o primeiro papa franciscano da Igreja. Sua eleição se deu após um ano de sede vacante. Uma importante característica de seu pontificado foi a promoção de missões entre os tártaros e os mongóis. VILLOSLADA, op. cit., p. 545-551, nota 49.

158 BATLLORI, op. cit., p. 17, nota 89.

159 RUNCIMAN, III, op. cit., p. 372, nota 50.

160 *Liber de passagio; Llibre de passatge*. (1292), Roma. *ROL*, Tomus XXVIII, 49-52; *SL* 43 (2003), 127, 147; *ATCA* 23/24 (2004-5), 546-551; *Speculum* 80 (2005), 266-8. RAMON LLULL. *Liber de*

abatido e chocado com o fato ocorrido em 1291.¹⁶¹

Pelas obras escritas entre 1287 e 1289 é possível perceber que Llull ainda não tinha nenhum interesse em promover uma cruzada. Provavelmente, ele só escreveu a primeira obra de cunho político por causa da perplexidade diante dos fatos de 1291.

Nesse texto e em petições posteriores encaminhadas a Celestino V (1215-1296),¹⁶² Bonifácio VIII (1235-1304) e ao Concílio de Vienne (1311),¹⁶³ como também, no *Livro da Passagem* (1292), no *Livro do Fim* (1305) e no *Livro da Aquisição da Terra Santa* (1309),¹⁶⁴ Llull sempre harmoniza duas propostas: a missão (espada espiritual) e a luta armada (espada corporal) para recuperar a Terra Santa.¹⁶⁵

Não obstante, ao menos no início, a cruzada somente era um meio para conseguir o objetivo que guiava toda a atividade infatigável do projeto de conversão luliano: a missão entre os infiéis e o diálogo inter-religioso.

A partir de 1292, teve início uma nova fase na vida de Ramon: ele afastou-se da vida contemplativa e passou para uma vida de ação ligada aos seus projetos

Passagio. In: *Liber de sancta Maria in Monte Pessulano anno MCCXC*. Corpus christianorum. Continuatio Mediaevalia CLXXXII. Turnhout: Brepols Publishers, 2003, p. 323-353.

161 VILLOSLADA, II, op. cit., p. 545-547, nota 49; BATLLORI, op. cit., p. 18, nota 89.

162 Celestino V (1215-1296) era um monge beneditino. Só permaneceu no cargo pontifício durante alguns meses de 1294.

163 O *Concílio de Vienne* foi realizado na Catedral de Vienne na França, entre 1311 e 1312. Foi convocado pelo papa Clemente V para, dentre outras coisas, resolver a questão da supressão da Ordem dos Templários, e a condenação póstuma do papa Bonifácio VIII por ter excomungado Felipe, o Belo, rei da França. VILLOSLADA, III, op. cit., p. 26-61, nota 49.

164 RAMON LLULL. Liber de acquisitione Terrae Sanctae. In: *Studia Orientalia Christiana. Collectanea 6* (P. Eugene Kamar, OFM). Edizioni del Centro Franciscano di Studi Orientali Christiani. Cairo, 1961, p. 103-131. Tradução de Waldemiro Altoé (Ufes), Revisão do Prof. Dr. Josep Serrano i Daura (Universitat Internacional de Catalunya, Espanha). Notas de Ricardo da Costa (Ufes). Disponível em: <http://www.ricardocosta.com>. Acesso: 20 jun. 2006.

165 Ibid.; VILLOSLADA, II, op. cit., p. 545-547, nota 49; BATLLORI, op. cit., p. 18, nota 89. CARRERA i ARTAU, op. cit., p. 324-326, nota 12.

missionários. Suas preocupações agora estavam relacionadas com a situação política da cristandade. Voltou-se então para a pregação e a missão.¹⁶⁶ Porém, suas esperanças em relação a Nicolau IV se desfizeram com sua morte precoce.

Em Gênova, Llull decidiu partir para o norte da África para colocar em prática seus projetos missionários e, se necessário, sofrer o martírio.¹⁶⁷ Nessa mesma cidade encontrou homens e mulheres leigos dispostos a auxiliarem sua expedição espiritual e apostólica.¹⁶⁸ Por ser um espírito livre, o maiorquino não estava ligado a nenhuma ordem religiosa, embora tenha se aproximado dos dominicanos (por sua racionalidade) e dos franciscanos (por seu misticismo).

Esse contraste interior, a indecisão sobre em qual dessas ordens ingressaria, ligado ao temor de morte por um possível martírio, causou-lhe a famosa “Crise de Gênova”:

E quando chegou a Gênova, prontamente divulgaram que ele desejava passar à Beberia; e, de fato, o povo tinha confiança que Nosso Senhor Deus faria grandes maravilhas pelas mãos dele, como já tinham ouvido que Nosso Senhor lhe inspirara em certa montanha. E de fato, estando ele neste santo propósito, como aí houvesse já certa passagem pela Beberia, e o dito reverendo mestre já havia recolhido os seus livros, sobreveio-lhe uma grande tentação, porque O seu entendimento lhe ditava, assim realmente como se ele o visse, que incontinenti que ele estivesse na Beberia, sem deixá-lo disputar nem predicar, os mouros o apedrejariam, ou ao menos meter-lhe-iam no cárcere perpétuo; de tal coisa teve grande temor o dito reverendo mestre, assim como, lembrou-se do monsenhor São Pedro; e, de fato, o dito reverendo mestre, por este temor não se moveu àquela vez, obrigado por Nosso Senhor, ao qual nesse momento não suportaria.

E como o barco já havia partido, tentação contrária reteve o dito reverendo mestre, considerando que por aquele grande pecado Nosso Senhor o danaria; e não duvidando que houvesse feito escândalo ao povo contra a fé, quase se viu em ponto de desespero, e tinha tanta dor dentro de sua alma, que exalou uma parte para fora e caiu em uma grande doença, na qual esteve por um grande tempo,

166 BATLLORI, op. cit., p. 18-19, nota 89.

167 Ibid.

168 RAMON LLULL. *Vida coetânia*, op. cit., nota 58.

e ninguém jamais conseguiu descobrir a causa.¹⁶⁹

Em conseqüência desse dilema espiritual, a *Vida* descreve a dúvida existencial de Ramon: em que ordem ele deveria ingressar, a dos dominicanos ou a dos franciscanos? Doente, permaneceu no convento dos dominicanos, onde teve uma visão que lhe disse que só se salvaria se ingressasse nessa ordem.

Porém, o maiorquino recordou que seus escritos sempre foram acolhidos pelos franciscanos. Isso gerou uma grande dúvida em sua mente. Decidiu não ingressar em ordem alguma, e divulgar a sua *Arte*. Optou por seu projeto missionário.¹⁷⁰

169 Cumque apud lanuenses cito divulgatum esset, quod Raimundus iam venerat ad transfretandum in terram Saracenorum causa convertendi eos ad fidem Christi, si posset, multum aedificatus est inde populus, sperantes, quod Deus per ipsum aliquod bonum notabile faceret apud ipsos supra Saracenos. Audiverant enim lanuenses, ipsum Raimundum post conversionem ipsius ad poenitentiam recepisse in quodam mente divinitus scientiam quandam sanctam pro conversione infidelium. Sed cum Dominus sic Raimundum tanto gáudio populi, quase quodam dilúculo visitasset, eundem tentatione gravíssima súbito coepit probare. Nam cum ad trasfretandum, sicut praetangitur, navigium et alia parata fuissent omnia, librique sui in navim cum necessariis aliis introducti, venit ex quibusdam occasionibus sibi tanquam fixum quid in mente, scilicet quo si ipse transiret ad Saracenos, illi mox eum in adventu suo trucidarent, vel ad minus carceri perpetuo maciparent. Quare Raimundus, timens pelli suae, sicut in passione quondam Domini sanctus Petrus apostolus, oblitusque sui propositi supra dicti, quo scilicet mori pro Christo statuerat in convertendo ad cultum eius infideles, lanuae, quodam detentus inertim timore, remansit; sibi ipsi, forsitan ne inaniter de se praesumeret, permittente vel dispensante Domino, ínterim derelictus. Verum recedente iam de lanua praedicto navigio, Raimundus mox super hoc, quod ipse sic enormiter remanendo dedisset populo scandalum contra fidem, tantum remorsum passus est conscientiae, quod ipse in desperationem penitus incidit, aestimando certissime se propter hoc a Deo fore damnandum. Propter quod tactus est tanto dolore cordis intrinsecus, quod ipse extrinsecus, id est in corpore febricitando gravissime aegrotaviit. Sicque apud lanuam languens diutius, nec alicui causam sui dolores aperiens, fere ad nihilum redatus est. RAMON LLULL. *Vida coetânia*, op. cit., IV, 20, p. 284, nota 58.

170 VEGA, op. cit., p. 43, nota 100.

1.5. VIAGENS ENTRE A ÁFRICA, A EUROPA E O ORIENTE (1293-1301)

Superada a crise, Ramon decidiu experimentar na prática seu método de conversão e partiu para Túnis (1293). Ao desembarcar, Ramon foi procurar os líderes letrados da religião muçulmana.¹⁷¹ Iniciou o debate com eles dizendo que se converteria ao Islamismo caso provassem que a fé cristã era falsa.¹⁷²

Os debates promovidos por Ramon chegaram ao conhecimento das autoridades islâmicas que determinaram sua morte. Porém, um dos membros do conselho ponderou nas possíveis conseqüências desse ato.¹⁷³

Não convinha matar Ramon simplesmente porque ele estava defendendo sua crença, conforme nos atesta o texto da *Vida*.¹⁷⁴ Isso possibilitaria que os sarracenos também fossem mortos ao pregarem em território cristão. Então Ramon foi expulso de Túnis e regressou para Nápoles.¹⁷⁵

Em 1294, nessa mesma cidade, ele leu sua *Arte* e assistiu a eleição do papa Celestino V (1209-1296).¹⁷⁶ Apresentou-se à nova corte pontifícia e novamente pediu auxílio para a realização dos seus planos de evangelização. Dedicou ao sumo pontífice o tratado denominado *Petitio Raymundi pro conversione infidelium ad*

171 RAMON LLULL. *Darrer Llibre sobre la conquesta de Terra Santa (Liber de fine)* (introd. de Jordi Gayà y trad. de Pere Llabrés). Barcelona: Facultat de Teologia de Catalunya, 2002, p. 81-82. Tradução de Ricardo da Costa e Eliane Ventorim. Disponível em: <http://www.ricardocosta.com/textos/livrodofim.htm>. Acesso: 20 jan. 2005. Citado a partir de agora como RAMON LLULL. *Livro do fim*.

172 RAMON LLULL. *Vida coetânia*, VI, 26, p. 289-291, op. cit., nota 58.

173 Ibid.

174 RAMON LLULL. *Vida coetânia*, VII, 28, p. 291-293, op. cit., nota 58.

175 RAMON LLULL. *Vida coetânia*, VII, 28, p. 291-293, op. cit., nota 58; VEGA, op. cit., p. 44-45, nota 100; BATLLORI, op. cit., p. 21-23, nota 89; COSTA, op. cit., nota 15.

176 Cf. nota 162.

Coelestinum V papam,¹⁷⁷ em que expôs basicamente três propósitos:¹⁷⁸ 1) a fundação de colégios para o ensino das línguas orientais, 2) a conquista da Terra Santa e 3) a unificação das ordens militares sob o comando de um único mestre.¹⁷⁹

Porém, com a abdicação daquele papa, em dezembro de 1294, mais uma vez seus planos foram frustrados. Todos os cristãos esperavam que Celestino fosse realizar uma reforma moral na Igreja.¹⁸⁰ Contudo, ao contrário de sua força espiritual, o pontífice não possuía grande capacidade administrativa para lidar com os monarcas da época e com os negócios da corte pontifícia.¹⁸¹

Um novo papa foi eleito em 1294, Bonifácio VIII (1294-1303).¹⁸² Ramon teve novo ânimo com essa eleição, e acompanhou a corte papal de Nápoles até Roma, quando apresentou uma nova petição, a *Petitio pro conversione infidelium*,¹⁸³ onde se encontram propostas semelhantes ao tratado anterior.

Bonifácio era um homem experiente nos negócios da cúria papal, conhecedor do direito romano e do direito canônico.¹⁸⁴ Era inimigo dos *espirituais franciscanos* (por

177 RAMON LLULL. *Petición a Celestí V; Petitio Raymundi pro con versione in fidelium ad Coelestinum V papam*. (1294), Nápoles. ROL 57. Ed. Perarnau em ATCA 1 (1982), 9-46. Latim. Trad. Salzinger, 3 eds.: (1) MOG II (1722), 174-5 = Int. iv, 50-1; (2) Pasqual, *Vindiciae I* (1778), 207-8; (3) Go 3 (1906).

178 RUBIÓ I BALAGUER, Jordi. *Ramon Llull i el lul.lisme*. Barcelona: Publicacions de l'abadia de Montserrat, 1985, p. 39.

179 COSTA, Ricardo da. *Ramón Llull y la Orden del Templo* (Siglos XIII-XIV). Universitat Internacional de Catalunya, 2003-2004. Tese de pós-doutorado gentilmente cedida pelo autor.

180 DUFFY, Eamon. *Santos & Pecadores*. História dos papas. São Paulo: Cosac & Naif, 1998, p. 119.

181 VILLOSLADA, II, op. cit., p. 552-556, nota 49.

182 Cf. nota 150.

183 *Petitio Raymundi pro conversione infidelium ad Bonifacium VIII papam*. (1295), Roma/Anagni. ROL 63. Ed. Longpré in *La France Franciscaine* 18 (1935), 145-9; (2) ed Wieruszowski in *ML* (1935), pp. 410-19 (= EF 47, 1935, 100-3); (3) em A. S. Atiya, *The Crusade in the Later Middle Ages* (Londres, 1938), pp. 487-9.

184 "O direito canônico é o da Igreja Católica, da comunidade de crentes. A sua influência sobre o

suas propostas reformistas e anti-hierárquicas). Essa antipatia com os espirituais pode ter auxiliado a recusa de Bonifácio aos pedidos de Llull.¹⁸⁵

Quando percebeu que o papa não o atenderia, partiu para Gênova. Tudo isso causou um estado de profundo desapontamento e depressão. Diante do fracasso de todo seu trabalho pela honra de Cristo, ele caiu em profundo estado de melancolia.¹⁸⁶

Dar-se-ia nesse momento sua segunda crise. O filósofo escreveu o *Desconsolo* (1295)¹⁸⁷ para manifestar toda a sua desolação. Nessa obra, ele lamenta por seu fracasso:

III

Quando me pus a considerar do mundo o seu estado, 25
quão poucos são os cristãos e como muitos Lhe descrêem,
então, em meu coração tive tal concepção
que fosse a prelados e a reis, igualmente,
e a religiosos, com tal ordenamento,
para que ocorresse a Passagem¹⁸⁸, e com tal pregação 30
que com ferro e fogo, e verdadeira argumentação,

direito laico da Europa ocidental é considerável, por diversas razões: – universalismo cristão da Idade Média; o mundo medieval no Ocidente é um mundo cristão; – o carácter escrito do direito canônico; este é, na Europa ocidental, o único direito escrito entre o fim do séc. IX e o séc. XIII; – a atribuição aos tribunais eclesiásticos da competência exclusiva em numerosos domínios da área do direito privado, tais como o casamento e o divórcio”. GILISSEN, John. *Introdução Histórica ao Direito*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003, p. 17.

185 Os **espirituais** (ou rigoristas) **franciscanos** formavam uma corrente de hábitos estritos dentro da ordem franciscana. Afirmavam que a Regra e o Testamento de São Francisco deveriam ser seguidos em todo o seu rigor, sem interpretações, mesmo que essas fossem feitas pelo papa. Tinham que levar uma vida de autêntica pobreza, mendigando o sustento a cada dia, vestindo os hábitos mais pobres, até mesmo se, para isso, tivessem que desobedecer aos superiores da sua comunidade. VILLOSLADA, vol. III, op. cit., p. 71-75, nota 49.

186 LAUAND, Jean. *O pecado capital da acídia na análise de Tomás de Aquino*. Conferência proferida no Seminário Internacional “Ao Pecados Capitais na Idade Média”, <http://www.pecapi.com.br/> - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, setembro de 2004. Disponível em: <http://www.hottopos.com/videtur28/ljacidia.htm>; Acesso: 25 de março de 2005.

187 RAMON LLULL. *Desconhort*. (1295), Roma. ROL 64; ORL XIX (1936), 217-54; OE, vol. I, 1959, p. 1308-1328.

188 Na Idade Média não existia o termo “Cruzada”; os textos citam “Passagem” (com o sentido de peregrinação, caminho com ascensão espiritual, elevação). Trataremos desse ponto mais adiante.

se desse à nossa fé tão grande exaltação
que os infiéis viessem à conversão.
E isso tenho tratado, verdadeiramente, há trinta anos,
mas não obtive nada, pelo que estou doente¹⁸⁹,
tanto, que choro freqüentemente, e estou em languidez. **35**

IV

Enquanto estava assim, em tristeza,
considerando freqüentemente a grande desonra
que Deus recebe do mundo por falta de amor.
como um homem irado, que foge do mal senhor,
fui a um bosque, onde estive em pranto,
tão fortemente desconsolado, que o coração estava em dor. **40**

Mas como chorava, então sentia doçura,
e a Deus falava fazendo-Lhe clamor,
como tão pouco escuta o justo e o pecador **45**
quando Lhe adoram e crêem tratar Sua honra,
pois se lhes desse mais ajuda e fervor,
todos converteriam o mundo ao Seu valor.¹⁹⁰

Recuperado da crise, Ramon esteve novamente em Paris, entre 1297 e 1299, onde realizou uma segunda leitura pública de sua *Arte*. Durante esses anos, ele também

189 “Estou doente” – Doente de paixão, de sofrimento.

190 **III.** Can pris a consirar del mon son estament, (25)

com paucs son cristians e molt li desereent,
adoncs en mon coratge ac tal concebiment:
que anas a prelats e a reys, exament,
e a religioses, per tal ordenament,
que se·n seguis passatge e tal preicament, (30)

que ab ferre e fust e ab ver argument
se donas de nostra fe tan gran exalsament,
que·ls infeels venguessen a convertiment.
Es eu ayso tractan, .xxx. ans ha verament,
no u ay pogut obtenir; per que n'estay dolent
tant, que·n plore soven e·n son en languiment. (35)

IV. Dementre que en axi estava en tristor,
e consirava soven la gran desonor
que Deus pren en lo mon per sofraxa d'amor,

con a home irat que fuyg a mal seynor, (40)
me n'ane en un boscatge, on estava en plor,
tant fort desconortat, que·l cor n'era 'n dolor;
mas per so car plorava, hi sentia dolsor,
e car a Deu parlava, feent a el clamor
car tant pauc exoex li iust e·l peccador, (45)
adoncs [c]om lo requiren en tractar sa honor;
car si mays los donava d'aiuda e favor,
pus tost convertirien lo mon a sa valor.

Texto catalão disponível em: <http://www.riale.unina.it/89.6.htm>. Acesso: 25 de fevereiro de 2008.
Trad.: Profa. Tatyana Nunes Lemos e Prof. Dr. Ricardo da Costa (Ufes), com base em duas
edições: a de Josep Batalla (RAMON LLULL. *Lo Desconhort. Cant de Ramon*. Barcelona:
Obrador Edèndum, 2004), e RAMON LLULL. *Obres Selectes I [OE]*. Barcelona: Editorial
Selecta, 1957, p. 1308-1328.

concluiu obras de grande importância, como a *Árvore da Ciência* (1295-1296)¹⁹¹ – obra enciclopédica dedicada a Felipe, o *Belo* – e a *Árvore da Filosofia do Amor* (1298),¹⁹² dedicada à rainha Joana I de Navarra (†1305).¹⁹³

Em outubro de 1299, Ramon já havia saído da França. Estava então em Barcelona, onde recebeu do rei Jaime II de Aragão permissão para pregar nas sinagogas e nas mesquitas dos seus domínios.¹⁹⁴

Entre 1300 e 1301, depois de anos longe de sua terra natal, Ramon voltou para Maiorca. Ao ver o colégio de Miramar abandonado, escreveu um dos seus poemas mais comoventes, o *Canto de Ramon* (1300):¹⁹⁵

Sou um homem velho, pobre, menosprezado,
não tenho ajuda de nenhum homem nascido,
mas comecei um grande feito. **45**
Grande coisa do mundo tenho buscado,

191 *Arbre de ciência; Arbor scientiae*. (29 set. 1295 a 1 abr. 1296), Roma. *Raimundi Lulli Opera latina*, Tomi XXIV-XXVI, 65, *Arbor scientiae. Romae in festo sancti Michaelis archangeli anno MCCXCV incepta, in ipsa urbe Kalendis Aprilibus anni MCCXCVI ad finem perducta*, ed. Pere Villalba Varneda, "Corpus Christianorum, Continuatio Mediaevalis" CLXXX A-C (Turnhout: Brepols, 2000), 188* + 1434 p.; SL 41 (2001), 119, 131-2; *Speculum* 77 (2002), 1342-6; *ATCA* 21 (2002), 765-6; Pere Villalba i Varneda "Ramon Llull: *Arbor scientiae* [1295-1296]" *Boletín de la Real Academia de Buenas Letras de Barcelona* 48 (2002), pp. 607-625.

192 *Arbre de filosofia d'amor; Arbor philosophiae amoris*. (Out. 1298), Paris. *ROL* 77; *ORL* XVIII (1935), 67-227; (3) *OE* II (1960), 9-84; (4) ed. G. Schib, *ENC* (1980).

193 Joana I de Navarra (1271-1305) foi rainha da Navarra, condessa de Champagne desde 1274, e rainha consorte de Filipe IV de França de 1284 até sua morte. Era filha do rei Henrique I de Navarra e de Branca de Artois. Aos 13 anos de idade, casou-se com o príncipe herdeiro da França, Filipe o *Belo*. No ano seguinte Filipe III de França morreu, Filipe IV subiu ao trono, e Joana foi coroada rainha consorte de França. Joana era uma mulher de grande inteligência e vivacidade, amante das artes e letras, tendo fundado a Universidade de Navarra. Em 1304, adoeceu e transferiu seu título ao primogênito, Luís I de Navarra, de quinze anos. Este casou no mesmo ano com Margarida, filha de Roberto II, duque da Borgonha. Segundo outras versões, foi seu esposo quem continuou como rei de Navarra. Luís só governou depois da morte do pai em 1314, quando subiu também ao trono da França como Luís X de França. Disponível em: <http://www.genealogics.org/getperson.php?personID=I00001691&tree=LEO>. Acesso: 20 de maio de 2008

194 HILLGARTH, op. cit., p. 76, nota 39; CARRERAS I AUTAU, op. cit., p. 249, nota 1; COSTA, op. cit., nota 179.

195 RAMON LLULL. *Cant de Ramon*. (1300) Maiorca: *ROL* 79; *ORL* XIX (1936), 255-60; *OE* I (1957), 1301-1302.

ótimo exemplo tenho dado,
mas sou pouco conhecido e amado.

Desejo morrer em um pélogo de amor
Por ser grande não tenho pavor **50**
nem de mau príncipe, nem de mau pastor.
Todos os dias considero a desonra
que faz a Deus o grande senhor,
ao colocar o mundo em error.

Peço a Deus que envie mensageiros **55**
devotos, cientes e verdadeiros
para conhecer que Deus se fez homem.
A Virgem, onde Deus se fez homem
e todos os santos a Ela submetidos.
Peço que no Inferno não seja colocado. **60**¹⁹⁶

196 Son hom veyl, paubre, meyspreat,
no ay ajuda d'home nat
e ay trop gran fait emparat. (45)
Grans res ai de lo mon cercat,
mant bon exempli hai donat:
poc son conegut e amat.
Vuyl morir en pelec d'amor.
Per esser gran non ay paor (50)
de mal princep ne mal pastor.
Tots jorns consir la desonor
que fan a Deu li gran senyor
qui meten lo mon en error.
Prec Deus trameta missatgers (55)
devots, sciens e vertaders
a conexer que Deus hom es.
La Verge on Deus hom se fes
e tots los sants d'ela sotsmes
prec qu'en infern no sia mes. (60)

Texto catalão disponível em: <http://www.riale.unina.it/89.6.htm>. Acesso: 25 de fevereiro de 2008.
RAMÓN LLULL. *Cant de Ramon*. In: *OE*, vol. I, vv. 43-60, p. 1302. Trad.: Profa. Tatyana Nunes Lemos e Prof. Dr. Ricardo da Costa (Ufes).

1.6. NOVAS VIAGENS (1300-1309)

Um novo ardor missionário tomou conta do “procurador dos infiéis”, e fez com que ele escrevesse muito durante esses anos, mesmo que estivesse sempre viajando. Quando recebeu a notícia que o *Ghazan* (ou *Kassan*) da Pérsia (1271-1304)¹⁹⁷ havia tomado o território da Síria das mãos dos muçulmanos, Ramon embarcou imediatamente para Chipre, ao chegar ao seu destino, constatou que a boa nova era falsa.¹⁹⁸

Para não perder a viagem, pediu ao rei do Chipre permissão para pregar entre os infiéis e entre os cismáticos da ilha, e que o rei os obrigasse a disputar com ele. De sua parte, Ramon se comprometia a continuar o processo de evangelização e converter o sultão da Babilônia e os reis da Síria e do Egito. A negativa real não impediu o maiorquino de realizar sua pregação na ilha. Afinal, essa era uma excelente oportunidade para colocar em prática o seu método de conversão, a *Arte*.¹⁹⁹

Em ação, Ramon caiu gravemente enfermo. Ao descobrir que fora envenenado pelo clérigo e pelo camareiro que o acompanhavam, fugiu ainda convalescente para Famagusta.²⁰⁰ Ali foi hospedado e muito bem assistido pelo mestre dos templários,

197 O câ da Pérsia era um aliado em potencial para os cristãos, só que as embaixadas enviadas ao Ocidente por Ilcã Arghun não obtiveram resposta. Assim, em 1295, logo após a morte Arghun, o Ilcã Ghazan adotou o Islamismo como religião do ilcanato, mesmo mantendo-se amigo dos cristãos e tendo ódio dos egípcios e turcos. RUNCIMAN, III, op. cit., p. 372, nota 50. VILLOSLADA, II, op. cit., p. 549, nota 49.

198 VEGA, op. cit., p. 47, nota 100; VILLOSLADA, II, op. cit., p. 549, nota 49; BONNER, Antoni. *Ambient Històric i Vida*, OS, vol. I, p. 39.

199 RAMON LLULL. *Vida coetânia*, VIII, 34, op. cit., p. 295-296, nota 58.

200 RAMON LLULL. *Vida coetânia*, VIII, 34, op. cit., p. 295-296, nota 58.

Jacques de Molay (c. 1243/ 1250-1314).²⁰¹

Uma vez restabelecido, viajou para a Armênia, e de lá foi para Chipre, depois para Malta e, em 1302, regressou a Maiorca. No ano seguinte, foi para Montpellier, passou por Gênova, e voltou para Montpellier, sem nunca deixar de escrever. Sua produção nesse período é frenética. Nessa última cidade, publicou o *Livro do Fim* (1305),²⁰² no qual expressou de forma detalhada seus planos político-missionários de unificação da cristandade e conversão dos infiéis.²⁰³

Naquela mesma cidade, assistiu a uma conferência do papa Clemente V (1264-1314), que acabava de ser eleito, para quem dedicou a obra supracitada. Mais uma vez, Ramon acreditou que o novo papa realizaria seus projetos. Depois de uma breve estada em Barcelona, Llull foi para Lion, para onde se dirigia a corte papal. Novamente, nem o papa, nem os cardeais deram atenção às suas idéias.²⁰⁴

Por causa do pouco caso feito aos seus pedidos, Ramon deixou a corte pontifícia em direção a Paris. Ali permaneceu por pouco tempo, pois logo depois foi para Pisa com o objetivo de passar à Beberia. Sem encontrar nenhuma embarcação para esse destino, Ramon voltou para Maiorca em 1307.

201 RAMON LLULL. *Vida coetânea*, VIII, 35, op. cit., p. 530, nota 58; CARRERAS I AUTAU, op. cit, p. 249, nota 1.

202 RAMON LLULL. *Livro do fim*, op. cit., p.111, nota 171.

203 CARRERAS I AUTAU, op. cit, p. 205, nota 1.

204 RAMON LLULL, *Vida Coetânea*, op. cit., IX, 41, nota 58; CARRERAS I AUTAU, op. cit, p. 250, nota 1.

Dali partiu então para Bugia, e assim que pisou em terra firme, começou a pregar em praça pública a fé católica e apontar os erros dos infiéis.²⁰⁵ Provocou a ira dos muçulmanos e, ao falar mal do profeta Maomé,²⁰⁶ foi preso. Ao longo do caminho até a prisão foi atacado, apedrejado e teve parte da sua barba arrancada, quando a população quase o matou.²⁰⁷

O caide da cidade conseguiu livrá-lo da morte. No entanto, o condenaram a uma punição tão severa que praticamente o mataria.²⁰⁸

Por intervenção de alguns catalães e genoveses, foi conseguido o abrandamento do rigor do cárcere. Os muçulmanos modificaram o tratamento cruel pelo desejo de convertê-lo. Ofereceram-lhe mulheres, honras e riquezas, mas nada conseguiu desviá-lo de sua crença.²⁰⁹

205 RAMON LLULL, *Vida Coetânea*, IX, 41, op. cit., p. 300-301, nota 58.

206 CARRERAS I AUTAU, op. cit., p. 250, nota 1.

207 RAMON LLULL, *Vida Coetânea*, op. cit., IX, 39, nota 58; COSTA, op. cit., nota 15.

208 Caide – do árabe *kaid*, chefe entre os mouros. COSTA, op. cit., nota 15.

209 RAMON LLULL, *Vida Coetânea*, op. cit., IX, 40, nota 58.

FIGURA 2



A imagem acima ilustra a segunda viagem de Ramon Llull para uma região da África, nesse caso, Bugia. Iluminura V do *Breviculum*. *Badische Landesbibliothek* de Karlsruhe, St. Peter, pergaminho (detalhe). *Raimundus Lullus Ikonographie*. Disponível em: <http://www.ub.uni-freiburg.de/referate/04/lullus-ikonographie.htm>, Acesso: 23 de jan. 2007.

Então, Ramon conseguiu convencer os sarracenos a disputarem com ele. Propôs que cada um compusesse um livro dos seus diálogos e da defesa da sua própria fé.²¹⁰ Na prisão, começou a escrever a *Disputa de Ramon, o cristão e Homar, o Sarraceno*,²¹¹ livro que só foi publicado na versão latina anos depois.²¹²

Como os sábios do Islã, segundo Llull, não conseguiam provar os erros da fé cristã e a verdade do Islamismo, o rei de Bugia decretou a expulsão de Ramon, sob pena de

210 RAMON LLULL, *Vida Coetânea*, op. cit., IX, 41, nota 58.

211 Cf. nota 58.

212 RAMON LLULL, *Vida Coetânea*, op. cit., IX, 40-41, nota 58.

morte caso ele tentasse permanecer ou regressar. Por isso, Ramon teve que deixar a cidade com sua obra inacabada.²¹³

O filósofo embarcou para Gênova, mas o barco em que estava foi tomado por uma enorme tempestade. A embarcação foi lançada contra o litoral de Pisa. Somente sobreviveram Ramon e um marujo. Com esse trágico acontecimento, todos os livros que ele transportava se perderam.²¹⁴

Em Pisa, foi recebido com grandes honras, e um rico cidadão lhe hospedou em sua casa.²¹⁵ Nessa cidade viveu retirado no convento de São Domingo de 1307 a 1308.²¹⁶ Compôs novas obras e tentou organizar uma cruzada para conquistar a Terra Santa. Com esses propósitos, conseguiu obter do governo daquela república recomendações para o papa e os cardeais.²¹⁷ Saiu muito animado de Pisa para a corte pontifícia.

Ao passar por Gênova, Llull recebeu também uma oferenda de trinta mil florins de algumas damas da cidade para financiar sua viagem.²¹⁸ De lá foi para Montpellier, sem nunca parar de escrever.

213 RAMON LLULL, *Vida Coetânea*, op. cit., IX, 41, nota 58; CARRERAS I AUTAU, op. cit, p. 251, nota 1.

214 Ibid.

215 RAMON LLULL, *Vida Coetânea*, op. cit., IX, 41, nota 58.

216 Ibid.

217 CARRERAS i AUTAU, op. cit, p. 251, nota 1.

218 Gênova foi um lugar de destaque no que se refere à produção de textos de propaganda em favor das cruzadas. Em 1295, o genovês Galvano de Levanto redigiu uma obra sobre o tema que ficou bastante conhecida, pois influenciou a pregação de Felipe Busseri que, por sua vez, despertou em algumas nobres genovesas o desejo de financiar uma cruzada. Para Fernando Dominguez Reboiras, há grande possibilidade de que sejam as mesmas “senhoras devotas” que doaram dinheiro para auxiliar Llull em seus projetos missionários. COSTA, op. cit, nota 172; DOMÍNGUEZ REBOIRAS, op. cit., p. 286-287, nota 41.

Nesta cidade, publicou em 1309 o *Livro da Aquisição da Terra Santa*, que apresentou ao papa Clemente V.²¹⁹ No entanto, mais uma vez, seus desejos foram frustrados. Como último fôlego de esperança, seguiu para Paris.²²⁰

1.7. OS ANOS DERRADEIROS (1310-1316)

Essa derradeira viagem para a França (1310-1311) foi a que teve os melhores resultados. De Avignon, Ramon se dirigiu para Paris, onde expôs publicamente sua *Arte*. Dessa vez Llull teve um público maior e muitos aprovaram aquela “santa ciência e doutrina”,²²¹ como autêntica para os argumentos filosóficos e os princípios da Teologia.

Mesmo que alguns mestres de Paris sustentassem que a fé católica não podia ser provada, para opor-se e demonstrar que essa opinião era errada, ele compôs várias obras, seus escritos anti-averroístas.²²²

O averroísmo deixou marcas profundas em Paris. Influenciou sobremaneira os membros da Universidade. Llull, com sua pena em ação, provocou uma verdadeira cruzada contra o averroísmo.²²³ Nesse aspecto de sua doutrina, ele obteve sucesso.²²⁴

219 RAMON LLULL. *Liber de acquisitione Terrae Sanctae*, op. cit., nota 161.

220 COSTA, op. cit, nota 172; DOMÍNGUEZ REBOIRAS, op. cit., p. 286-287, nota 43; DOMÍNGUEZ REBOIRAS, op. cit., nota 2.

221 RAMON LLULL, *Vida Coetânea*, op. cit., IX, 41, nota 58.

222 RAMON LLULL. *Vida coetânia*, op. cit., VIII, 35, nota 58; CARRERAS I ARTAU, op. cit, p. 251, nota 1.

No final do livro *De natali Parvuli Pueri Jesu*,²²⁵ Ramon pede a Felipe IV, a quem dedicou à obra que:

- 1) Fosse o guardião da fé cristã e banisse da Universidade de Paris as idéias averroístas;²²⁶
- 2) Fundasse em Paris e em outros lugares do mundo colégios onde se aprendessem os idiomas dos infiéis;
- 3) Que, de todas as ordens militares, fosse feita uma só, para que houvesse um só rebanho e um só Pastor, e que esta recuperasse a Terra Santa do domínio dos infiéis, tudo isso pela honra do Divino Menino Jesus.²²⁷

De acordo com um documento datado de 1310, quarenta mestres e bacharéis da Universidade de Paris aprovaram a doutrina de Ramon Llull. Por outro documento, de dois de agosto de 1310, Ramon conseguiu do rei da França cartas de recomendação para pregar em todos os territórios da cristandade, especialmente, para os seus súditos.

Segundo um terceiro documento, de nove de setembro de 1311, Francisco de Nápoles, chanceler da Universidade, por ordem do rei examinou várias obras de Llull

223 O **Averroísmo** era uma tendência filosófica da escolástica do final do século XIII: a interpretação de Aristóteles feita pelo filósofo árabe Averróis (1126-1198) e a tentativa de conciliar essa interpretação com o Islã. As principais idéias do averroísmo eram: existe somente uma verdade, porém, há ao menos duas maneiras de alcançá-las, através da filosofia e da religião; o mundo é eterno; a alma se divide em duas partes (individual e divina); a alma individual não é eterna e todos os homens participam da essência divina. SARANYANA, op. cit., p. 235-245, nota 26; AVERRÓIS. *Discurso decisivo*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

224 HILLGARTH, op. cit., p. 80-82, nota 89.

225 *Liber natalis pueri parvuli Christi Jesu*. (Janeiro 1311), Paris. *ROL, Tomus VII, 168-177, Parisiis anno MCCCXI composita*, ed. Hermogenes Harada, "Corpus Christianorum, Continuatio Mediaevalis" XXXII (Turnholt (Bélgica), 1975).

226 Neste momento de sua vida, Llull debatia com os doutores de Paris envolvidos pelas opiniões e obras de Averróis. Seu desejo nessa cruzada contra o averroísmo era que este pensamento fosse eliminado da Universidade de Paris, e que ninguém mais lesse, citasse ou o comentasse. Llull considerava vergonhoso para os cristãos, principalmente os mestres de Paris, a afirmação de que a fé cristã não pode ser explicada racionalmente. Sobre o anti-averroísmo luliano consultar, COSTA, op. cit., p. 107-133, nota 69.

227 RAIMUNDO LÚLIO, op. cit., p. 115-117, nota 38.

e considerou-as corretas com relação à fé católica, cheias de zelo e retidão, bem escritas com o propósito de promover a fé cristã.²²⁸

Convocado pelo papa Clemente V para participar do Concílio do Vienne (1311), Llull viu reacender em seu espírito um jovial fervor, e pôs-se a caminho daquela cidade.²²⁹ O resultado não foi totalmente o esperado.

Ao final do Concílio, em 1312, Llull partiu para Montpellier, de onde regressou para Maiorca. Em sua terra natal, mesmo sendo um homem de idade avançada, estava sempre a escrever novas obras para a conversão dos infiéis e a difusão de suas idéias.²³⁰ Em 16 de abril de 1313, fez seu *Testamentum Raymundi Lulli*, onde manifestou o desejo de que fossem feitas cópias das suas obras e indicou o lugar onde deveriam ser depositadas.²³¹

De Maiorca embarcou rumo a Messina. Sem descanso, continuou escrevendo, em plena navegação. Permaneceu em Messina um ano e se entregou ao projeto de conversão de judeus e sarracenos, uma vez que, contava com apoio e proteção do rei daquela região.²³² Ali escreveu vários opúsculos. Depois, regressou para Maiorca, onde ficou até 1314, com o propósito de ir novamente para a terra dos sarracenos. Ramon aproveitou a circunstância favorável do recente tratado de paz e concórdia entre os reis de Maiorca e Bugia e embarcou para Túnis em 1314.²³³

228 CARRERAS I AUTAU, op. cit, p. 252, nota 1.

229 RAMON LLULL, *Vida Coetânea*, op. cit., IX, 41, nota 58.

230 CARRERAS I AUTAU, op. cit, p. 254, nota 1.

231 *Testamentum Raymundi*. (26 Abril 1313), Maiorca. *Raimundi Lulli Opera Latina, Tomus XVIII, 208-212, in Civitate Maioricensi anno MCCCXIII composita*, ed. Abraham Soria Flores, Fernando Domínguez i Michel Senellart, "Corpus Christianorum, Continuatio Mediaevalis" LXXX (Turnholt: Brepols, 1991), xxxii + 274 pp.

232 RAMON LLULL, *Vida Coetânea*, op. cit., IX, 41, nota 62.

233 CARRERAS I ARTAU, op. cit, p. 254, nota 1.

Essa foi sua última viagem e teve circunstâncias distintas das de 1292. O sultão necessitava de aliados para defender seu território, e expressou o desejo de se converter ao cristianismo. Para isso, iniciou contatos com os reis da Sicília e de Aragão. Os catalães mantinham relações comerciais e diplomáticas com Túnis e, provavelmente, auxiliaram o sultão a usurpar o trono dos abássidas.²³⁴

Em Túnis, Ramon passou a exercer um tipo de função de embaixada. Isso lhe deu tranqüilidade durante a permanência na região. Naquela cidade, Ramon redigiu várias obras. Em 1315, ainda possuía fôlego para escrever. Nesse ano, ele enviou uma carta para Jaime II de Aragão, na qual pedia ao rei que mandasse para Túnis um discípulo seu para traduzir algumas obras do catalão para o latim, em especial a *Ars consili*.²³⁵

Essa informação nos mostra que, mesmo em seus derradeiros dias de vida, ele continuou fiel aos seus propósitos. Suas últimas obras datam de 1315, todas redigidas em Túnis. Depois desse ano, não temos mais notícias suas. Ramon Llull, provavelmente morreu em 1316, durante a viagem em que retornava para Maiorca.

Depois de sua morte, restaram as lendas, as obras, e os projetos missionários. Para difundir esse aspecto peculiar dos escritos político-apologéticos lulianos, analisaremos a partir de agora o *Livro do Fim*.

²³⁴ BOMBER, op. cit., p. 52, nota 198.
²³⁵ *Ars consili*, (Jul. 1315), Tunes, *ROL*, Tomus II, 240-250, Opera Messanensia; 251-280, Opera Tuniciana, ed. Johannes Stöhr, (Palma de Mallorca, 1960).

2. APOLOGÉTICA E MISSÃO NO *LIVRO DO FIM* (1305)

No *Livro do Fim*, o filósofo desenvolveu seus propósitos apologético-missionários e descreveu de forma detalhada seus planos estratégico-militares para que o exército do *rei guerreiro* (*bellator rex*) pudesse recuperar os territórios cristãos ocupados pelos muçulmanos.²³⁶

Além disso, Ramon descreveu como deveria ser realizada a reforma da cristandade que, ao longo dos séculos, havia se corrompido, afastando-se dos ideais de pregação e conversão do cristianismo primitivo, atividade iniciada pelo próprio Cristo e abraçada após a sua morte pelos apóstolos.²³⁷

Essa corrupção dos atos e costumes e esse relaxamento com os princípios de conduta cristã causaram o afastamento de muitos cristãos da *primeira intenção*, conceituada por Llull como o dever máximo de todo cristão: conhecer, amar e honrar Deus.²³⁸

236 RAMON LLULL. *Livro do fim*, op. cit., p. 93-97, nota 117.

237 COSTA, op. cit., nota 179.

238 A teoria luliana da *primeira e segunda intenção* é utilizada com uma finalidade moral. Primeiro, ou seja, pela **primeira intenção**, o homem deve buscar compreender, lembrar e amar a Deus. Todos os outros prazeres corporais e mundanos deviam ser uma consequência da primeira intenção. Então, em segundo lugar, pela **segunda intenção**, os homens poderiam desfrutar dos bens materiais, que devem ser amados pela primeira intenção. Logo no início do Livro da Intenção, Llull faz uma analogia com o escrivão que faz o livro:

“2. Filho, essa intenção da qual tens necessidade é dividida em duas maneiras, isto é, a primeira intenção e a segunda. A primeira é melhor e mais nobre que a segunda porque é mais útil e mais necessária; a primeira é o princípio da segunda, e a segunda é movida pela primeira de tal maneira que a segunda é instrumento e aparelho para que a primeira intenção tenha o que lhe convém de acordo com seu cumprimento. 3. Filho, convém exemplificar ambas as intenções para que possas ter conhecimento. E como eu trabalho para tua utilidade, trabalha tu para entenderes isto que te mostro a respeito da intenção, e lembra e relembra estas palavras para que muitas vezes lembres, ames e tenhas a intenção em teu conhecimento. 4. Filho, se tu desejas fazer um livro com algum escrivão, debes ter a primeira intenção para fazeres o livro e a segunda para dares dinheiro àquele homem que faz o livro. E como amas mais o livro que o

O *Livro do Fim* era, portanto, uma espécie de manual de apologética cristã, porém com características particulares: serviria para que os cristãos reconquistassem não só sua pureza religiosa e espiritual, mas também disseminar o credo latino entre cismáticos, infiéis e pagãos. Dessa forma, a obra se insere na literatura político-apologética, estilo desenvolvido entre os séculos XI ao XIII e que visava provar a verdade do credo cristão latino.

Antes de iniciar a análise do *Livro do Fim*, faz-se necessário definir os conceitos de *passagem*, *cruzada* e *missão*, de acordo com nossa intenção de trabalhar com uma *história conceitual*, conforme dissemos anteriormente. Durante os séculos XII e XIV, período em que ocorreu o movimento de expansão da cristandade para Ultramar, as expressões utilizadas na época para designar aquilo que hoje denominamos “cruzado” e “cruzada” eram *peregrinus* (para cruzado) e *peregrinatio, iter* (percurso), *via* (rota), *passagium* (caminho por mar), “santa passagem”, “santa viagem”, todas palavras para definir a cruzada.

dinheiro que dá, o livro é a primeira intenção e o dinheiro a segunda. E o escrivão faz o contrário disso, pois ama mais o dinheiro que recebe pelo trabalho que o livro que faz, pois se amasse mais o livro que o dinheiro não daria o livro pelo dinheiro.” RAMON LLULL. *O Livro da Intenção* (c. 1283), I, 2-4. ORL, Palma de Mallorca, 1935, vol. XVIII, p. 03-66 (Trad: Ricardo da Costa e Grupo de Estudos Medievais da UFES III. Rev. Final: Alexander Fidora [Goethe-Universität Frankfurt]. Disponível em: www.ricardocosta.com/grupos/intencao.htm. Acesso: 27 mar. 2005.

Ao utilizar como **metodologia de análise** a “*história dos conceitos*” como afirma Marc Bloch, “o historiador, se não tem o fetichismo da etimologia (...), se dedicará ao estudo dos sentidos, à “semântica histórica”, cujo renascimento hoje é preciso buscar”. BLOCH, op.cit., p. 30-31, nota 31. Para uma maior compreensão desse campo metodológico ligado à filosofia política, cf. JASMIN, Marcelo Gantus e JÚNIOR, João Feres. *História dos conceitos: debates e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio: Edições Loyola: IUPERJ, 2006.

Ou seja, a “cruzada” era entendida como uma peregrinação,²³⁹ uma *peregrinação armada*, algo bem distinto e muito mais complexo e transcendental que o de um simples exército organizado para uma guerra.

No século XIII, passou também a significar *auxilium* e *succursum*, com a noção de defender e manter o Reino de Jerusalém sob a posse dos cristãos.

O conceito de passagem (*passagio*) evoluiu ao longo dos dois séculos em que os cristãos tentaram reconquistar a Terra Santa. Quando foi utilizado por Llull, tinha o significado de expedição armada que se dirigia ao Oriente Próximo. O filósofo se vale da palavra passagem (como se verá, por exemplo, no poema *Desconsolo*) como sinônimo *gládio corporal* – em oposição ao *gládio espiritual* – mas sem nunca deixar de lado a amplitude da transcendência da peregrinação espiritual, sempre com vistas à elevação da alma em direção à Jerusalém Celeste.

A idéia de *missão* pregada por Llull também é fundamental para entender suas relações políticas com reis e papas, seus projetos de cristianização dos cismáticos e a conversão dos infiéis. A *missão* tem o significado de pregação ou *diálogo pacífico com os infiéis*, no intuito de convertê-los ao cristianismo, conceito que tem como sinônimo a *cruzada* ou o *gládio espiritual*.²⁴⁰

239 Originalmente, a palavra **peregrinação** tinha o sentido de *visitare loca sacra* ou *peregrinatio sacra*, que era a visita aos lugares sagrados, principalmente Roma, Santiago de Compostela e Jerusalém, uma idéia que vem do período romano com um sentido profano de “estrangeiro”, “aquele que está fora da sua pátria”. O cristianismo deu uma dimensão espiritual ao termo, de que todo fiel era um peregrino, um exilado (um *homo viator*) que está provisoriamente em terra estrangeira, em sua vida terrena, e que só encontrará a sua verdadeira pátria na outra vida, como cidadão do céu. FERNANDEZ, op.cit., p. 317-324, nota 47. Cf. ZUMTHOR, op.cit., p. 179-193, nota 51.

240 DOMÍNGUEZ REBOIRAS, op. cit., p. 258, nota 2. Sobre o tema da **passagem**, destaco algumas obras de grande valor para uma visão geral sobre o assunto: a introdução do *Liber de passagio*

Portanto, nos valeremos da palavra “cruzada” ao invés de “passagem” por pura *convenção histórica* – da mesma forma como quando utilizamos a pejorativa expressão renascentista “Idade Média” – já que na época o termo inexistia, além de não possuir etimologicamente a pluralidade dos sentidos transcendentais medievais como “passagem, isto é, “uma viagem de peregrinação santa – e armada – para o cumprimento de uma obrigação religiosa (salvar o Santo Sepulcro das mãos dos infiéis e proteger os peregrinos indefesos) e uma purgação espiritual com fins salvíficos”!

2.1. A LITERATURA POLÊMICO-APOLOGÉTICA

Na verdade, as armas com que combatemos não são carnis, mas têm ao serviço de Deus, o poder de destruir fortalezas. Destruímos os raciocínios presunçosos e todo o poder altivo que se levanta contra o conhecimento de Deus. Tornamos cativo todo pensamento para levá-lo a obedecer a Cristo.²⁴¹

Na Apologética de Paulo, da *Segunda Epístola aos Coríntios*, encontramos a gênese do proselitismo cristão.²⁴² Essa forma de defesa e pregação apostólica surgiu no período da *ecclesia primitiva*, e tinha como principal objetivo a defesa da fé,

feita por Fernando Domínguez Reboiras e a obra *Ramon Llull i el naixement del lulisme*, escrita por J. N. Hillgarth. Na introdução do *Liber de passagio*, Domínguez Reboiras faz uma ampla e completa análise sobre o assunto, e abordando a diferença entre os conceitos de *passagio* e *missão*. Além disso, faz uma descrição geral do período histórico e das obras de Ramon Llull sobre o assunto, seu conteúdo e seus objetivos, e discorre sobre alguns autores contemporâneos a Llull que também fizeram projetos de expedição para as terras de Ultramar. Já a obra *Ramon Llull i el naixement del lulisme*, escrita por J. N. Hillgarth, contém uma interessante discussão sobre Ramon Llull e a política em seu tempo. O autor analisa as viagens feitas por Llull a reinos cristãos com o desejo de convencer reis e príncipes cristãos da necessidade de se realizar a conversão dos infiéis. Trata também dos projetos de *passagem* ou de *missão*, e tudo o que era necessário para a sua realização. Cf. DOMÍNGUEZ REBOIRAS, op. cit., p. 258-259, nota 2; HILLGARTH, op. cit., nota 39. O tema da *missão* será detalhada no capítulo 2.

241 2 Cor. 10, 4-5.

242 GEISLER, op. cit., p. 57, nota 4.

disciplina que hoje denominamos *apologética cristã*.²⁴³

A palavra grega *apologia* tem como significado “apresentar uma razão” ou a “defesa” de algo, que pode ser, uma religião, ou uma idéia.²⁴⁴ Assim, os primeiros apologistas acreditavam que a defesa do cristianismo era uma ordem do próprio Deus e, com base no texto bíblico, afirmavam: “Santificai a Cristo, o Senhor em vossos corações, estando sempre prontos a dar razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la pede; fazei-o, porém, com mansidão e respeito”.²⁴⁵

Esses versículos justificam o projeto missionário Iuliano, que pregava o retorno ao discurso apostólico. Isso explicava a posição de Lull a respeito para com aqueles que deveriam ser convertidos. Por isso, a conversão deveria ser feita com a aceitação do infiel, caso contrário, o converso não acolheria de coração a sua nova religião, e poderia tornar-se um apóstata e retornar à sua antiga crença.

Essa abertura ao contato cordial com o outro era um importante sinal da aceitação do cristão da missão a ele delegada por Cristo. A partir desse desprendimento pessoal, o fiel se tornava submisso à sua fé e a Cristo, que se tornava Senhor de seu coração.

Em sua ação, o crente passava a “(...) destruir fortalezas, (...) raciocínios presunçosos, e todo poder altivo que se levanta contra o conhecimento de Deus,

243 BOLTON, op. cit., p.21, nota 47.

244 APOLOGÉTICA e APOLOGISTAS, In: ABBAGNANO, op. cit., p. 74, nota 1.; GEISLER, op. cit., p. 56, nota 4.

245 1 Pe, 3, 15-16.

tornando cativo todo pensamento para levá-lo a obediência de Cristo (...).²⁴⁶

Isso significava confrontar questões em suas próprias mentes e nos pensamentos expressos por outros que, porventura, quisessem impedi-lo de conhecer a Deus.²⁴⁷

Esse novo ardor missionário que ressurgiu entre os séculos XIII e XIV originou um estilo de literatura típico da Baixa Idade Média, a *literatura polêmico-apologética* que era um novo processo de conversão para os cismáticos e os infiéis. Existiram três tipos de escritos polêmico-apologéticos, que classificamos da seguinte forma:

1. A *controvérsia “exegético-crítica”* – disputa que tinha por objetivo comprovar a “autenticidade dos textos sagrados” com relação aos temas da Trindade e da Encarnação, além, dentre outros, os artigos da fé católica. Esses temas seriam provados como verdadeiros em disputas orais e públicas. Como principal exemplo dessa primeira forma, temos a *Disputa de Barcelona* de 1263, entre um cristão e um judeu.²⁴⁸
2. Os *tratados* – textos que tinham o intuito de demonstrar o conhecimento completo de determinado assunto. Neles, o autor provava os artigos de fé por meio das *autoridades*. Em seguida, eram apresentados argumentos de “*razão natural*”, isto é, raciocínios para demonstrar os erros do infiel. Esses textos tinham como principal intuito provar que a fé católica era a verdadeira. Um exemplo desse tipo de tratado é a obra *Explanatio symboli apostolorum*, de Ramon Martí (c. 1230-1284).²⁴⁹
3. A *disputa* pelas “*razões necessárias*” – debates públicos (ou nas sedes das igrejas) com o uso exclusivo de argumentos lógicos. Tinham como objetivo explicar de forma racional os atributos ou virtudes divinas (Bondade, Grandeza, Sabedoria etc.) comumente aceitas pelas três religiões do *Livro*, em oposição à utilização das “razões naturais”.²⁵⁰ Essa forma de argumentação introduziu a lógica no discurso polêmico-apologético e criou uma nova “arte de filosofar”.²⁵¹ O maior expoente desse modelo apologético foi o filósofo maiorquino, Ramon Llull (1232-1316).

246 2 Co 10, 4-5.

247 GEISLER, op. cit., p. 57, nota 4.

248 COSTA e PASTOR, 2004, nota 1; CARRERAS I ARTAU, op. cit., p. 46-50, 336-337, nota 1.

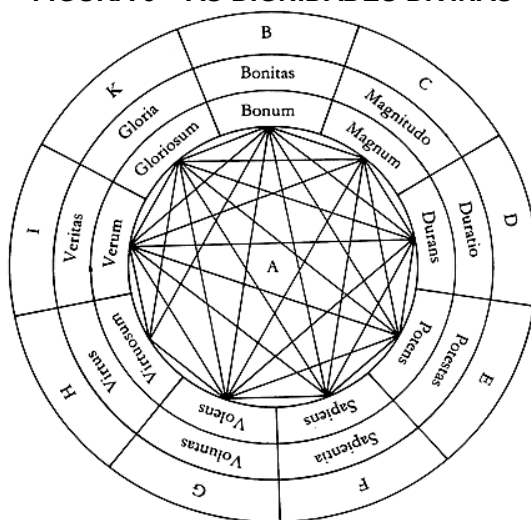
249 CARRERAS I ARTAU, op. cit., p. 34-41, p. 147-170 e p. 337-338, nota 1.

250 Ibid.

251 Cf. nota 12.

Por defender a disputa pelas razões necessárias, o filósofo tinha como ponto de partida sempre os *atributos divinos*, em sua filosofia (*Arte*), Representado pela **Figura A**: “Esta parte se divide em quatro partes, ou seja, em quatro figuras. A primeira figura é a **A**.²⁵² Esta figura contém em si nove princípios, a saber, Bondade, Magnitude, etc., e nove letras, ou seja, **B, C, D, E**, etc.²⁵³

FIGURA 3 – AS DIGNIDADES DIVINAS



252 Letras **B** (Bondade/Bem), **C** (Grandeza/Grande), **D** (Duração/Durabilidade), **E** (Poder/Potência), **F** (Sabedoria/Sapiência), **G** (Vontade/Desejo), **H** (Virtude/Virtuosidade), **I** (Verdade/Verdadeiro) e **K** (Glória/Glorioso). “Deus, naquilo que pode ser conhecido aos homens, se caracteriza por uma série de atributos essenciais, e estes são os princípios substanciais de todas as coisas (...) estas Dignidades se refletem em todos os aspectos da Criação (...). Todo o método indutivo, comparativo e demonstrativo da *Arte* consiste na redução das coisas particulares aos aspectos transcendentais da realidade que são estas Dignidades e, conseqüentemente, a comparação das coisas particulares entre si à luz das dignidades divinas.” Cf. PRING-MILL, Robert D. F. *Estudis sobre Ramon Llull*. Barcelona: Publicacions de l’Abadia de Montserrat, 1991, p. 42-43.

253 “Os princípios básicos da *Arte* foram extraídos do **substrato coletivo dos lugares comuns da cultura medieval** e compartilhado por cristãos, judeus e muçulmanos, e que, em boa parte, deriva da *síntese neoplatônica* que, durante os séculos anteriores ao XIII, foi adaptada às três crenças monoteístas. No caso, a atribuição de determinadas qualidades a Deus, identificadas com sua própria essência, não era um dado estranho à teologia muçulmana ou judaica, pois remete às *hadras* ou *nomes divinos* dos teólogos do Islã, e às *sephiroth* da cabala hebraica (...) Convém ainda destacar a ausência de referências especificamente cristãs nas dignidades divinas: conceitos como a *Trindade* (ou *Paternidade, Filiação*, etc.) não entram na figura **A**.” cf. RUBIO, Josep E. Introducció. In: RAMON LLULL. *Arte breve* (introd. y trad. de Josep E. Rubio). Pamplona: EUNSA, 2004, p. 26.

2.2. O CONCEITO DE MISSÃO

Para os medievais, o conceito de *missão* era algo muito próximo aos propósitos formulados por Llull.²⁵⁴ Essa forma de teoria, que define uma nova estratégia para realizar a recuperação dos Lugares Santos do cristianismo latino e afastar o perigo muçulmano, começou a ser sistematizada após 1291, quando a cristandade constatou o fracasso das cruzadas.²⁵⁵

Esses projetos, formulados por juristas e religiosos, tinham conteúdos estratégicos e missiológicos. Um fator comum a quase todos eles era a referência à necessidade de realizar um bloqueio econômico ao Egito.²⁵⁶ Outros, contudo, davam preferência à evangelização dos muçulmanos.²⁵⁷

Para definir melhor o que o filósofo maiorquino compreendia como *missão*, vou apresentar as exigências colocadas por ele para a realização da mesma. Em seguida, identificarei os elementos específicos desse molde missionário e, finalmente, demonstrarei as bases desse modelo de vida.

A missão luliana estava fundamentada na *contemplação* e na *vida virtuosa*, condições que possibilitavam a realização do diálogo do cristão com o outro, fosse ele infiel, cismático ou pagão.²⁵⁸

254 GAYÁ, Jordi. *Ramon Llull i l'islam*: Infideles sunt hominis, sicut et nos, p. 2. Disponível em: <http://www.jordigaya.com/llull/articulos/infideles.pdf>. Acesso: 10 de junho de 2007.

255 VILLOSLADA, vol. II, p. 547, nota 49;

256 Comungam dessa idéia Fidencio de Pádua, Marino Sanudo, *o Velho*, e Pedro de Dubois.

257 Essa forma de ação foi formulada em sua maior parte por teólogos, como Raimundo de Penyafort e Ramon Martí.

258 Para a questão da contemplação, cf. RUBIO, Josep E. *Les bases del pensament de Ramon Llull*:

A *contemplação*, a vida dedicada exclusivamente ao conhecimento do divino, para as culturas antigas, era um estado mental sumamente bom (*summum bonum*), pois olhava a forma do bem: ao buscar Deus com sua mente, o místico deveria refletir sobre as virtudes e, assim, se afastar dos vícios.

Por exemplo, Aristóteles disse que a atividade da *vida contemplativa* – a vida que olha a verdade – era o que melhor existia em nós, pois era a atividade virtuosa, a única estimada por si mesma, isto é, a própria felicidade. O cristianismo nada mais fez que incorporar esse modo supremo de vida e integrá-lo em sua concepção, em seu conceito de *beatitude*.²⁵⁹

Missionários imbuídos desse espírito de comunhão fraterna, conhecedores da língua e do credo de seu destinatário se colocariam em posição de diálogo, não de disputa. Iniciariam seu trabalho utilizando os argumentos concordantes entre os credos como, por exemplo, as dignidades divinas como pressuposto apriorístico de toda a realidade.

Após o missionário e seus ouvintes concordarem com a igualdade da base de seus credos, passar-se-ia para a demonstração dos pontos discordantes e comprovação dos erros aos quais o infiel estaria submisso. A conclusão seria a demonstração dos males que lhe adviriam, e, assim, a posterior conversão voluntária, sincera, e de forma pacífica.²⁶⁰

2.3. A APOLOGÉTICA E A MISSÃO EM RAMON LLULL

A apologética luliana era distinta da defesa da fé praticada pelos pregadores e clérigos de sua época, como vimos na classificação anterior. Ao analisar o método

els orígens de l'art lul·liana. València/Barcelona; Institut Universitari de Filologia Valenciana/Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 1997.

259 COSTA, op.cit., p. 107-133, nota 69.

260 RAMON LLULL. *Livro do fim*, op. cit., p.80, nota 171.

tradicional de conversão, o maiorquino teceu-lhe algumas críticas.²⁶¹ O exemplo mais marcante se relaciona aos seus comentários sobre a missão do dominicano Ramón Martí (c. 1230-1281)²⁶² entre os tártaros. Este missionário tinha como base de seu método de conversão o uso de *auctoritates* de fé²⁶³, mas, por esse método apologético, não era possível provar logicamente o credo cristão.²⁶⁴

Afinal, para os pregadores tradicionalistas, a Teologia era superior à Filosofia. Por isso, era *necessário crer antes de entender* os dogmas da fé cristã, pois estes, segundo eles, não podiam ser comprovados racionalmente.²⁶⁵ O método tradicional consistia em atacar a fé dos judeus e dos sarracenos com as verdades da fé cristã, considerada a única via salvífica existente.²⁶⁶

Em contrapartida, para Ramon Llull, que opunha as autoridades à filosofia (a razão), o debate com o infiel deveria ser realizado com o uso das *razões necessárias*²⁶⁷ –

261 Cf. nota 1.

262 O dominicano e catalão Ramón Martí foi o grande difusor do tomismo na Península Ibérica. Ramón “consciente do perigo que ameaçava destruir a integridade da fé no coração do povo, apresentava-se como seu defensor, e se fixou na intenção de sua ação por objetivos convergentes: atacar as confissões inimigas e atrair para a religião cristã as populações árabes e judaicas.” CARRERAS I ARTAU, op. cit., p. 147-170, nota 1.

263 Cf. nota 13.

264 Cf. nota 1.

265 As regras das ordens mendicantes incluíam a **missão** como uma das obrigações dos frades. A regra dos franciscanos se refere expressamente ao frades que irão se dedicar à evangelização dos sarracenos e demais infiéis. Até mesmo São Francisco (c.1181-1226) se dirigiu três vezes ao norte da África, porém, só conseguiu completar a última viagem (1219), quando pregou para o sultão do Egito, porém, sem sucesso. Entre os dominicanos, a ação missionária estava inserida em sua regra desde os primórdios da ordem. São Domingo de Guzman (c. 1170-1221) em viagem a Dinamarca, entre 1203 e 1205, conheceu o trabalho missionário nas fronteiras do noroeste europeu. Quando fundou a ordem dominicana, estabeleceu como objetivo fundamental a pregação entre os batizados, para evitar o surgimento de heresias, e entre pagãos e cristãos. CANTERA MONTENEGRO, *Las Ordenes religiosas en la Iglesia medieval siglos XIII a XV*. Madrid: Arco/Libros, S.L., 1998, p. 71; PARDO PASTOR, Jordi. Las auctoritates bíblicas en Ramon Llull: etapa 1304-1311. In: *Revista Española de Filosofía Medieval*, 11, 2005, p. 167-180.

266 CARRERAS I ARTAU, op. cit., p. 339-342, nota 1.

267 Cf. nota 12.

argumentos lógicos utilizados para explicar de forma racional as virtudes divinas²⁶⁸ – dogmas que eram semelhantes, portanto, e aceitos pelas três *religiões do Livro*.

Segundo Llull, com essa forma de debate, os infiéis chegariam ao conhecimento de seus erros e voluntariamente aceitariam o cristianismo, pois compreenderiam “a fé cristã para depois crer”.²⁶⁹ Tais *razões necessárias* seriam explicadas com o uso da *Arte*, sistema lógico que poderia se aplicar a qualquer tema. A *Arte* era um método racional para se chegar à verdade²⁷⁰ e possuía cinco usos:

- 1) Conhecer e amar a Deus,
- 2) Praticar as virtudes e afastar os vícios,
- 3) Disputar racionalmente com os infiéis,
- 4) Ordenar e resolver questões e
- 5) Adquirir rapidamente o conhecimento de outras ciências, o que fazia de sua *Arte* a “ciência das ciências”.²⁷¹

Tudo isso se adaptava ao contexto político-religioso do final do século XIII. Esse foi um período bastante significativo, no que se refere ao contato entre cristãos e muçulmanos, assim como pela busca por meios para reconquistar os territórios que pertenceram aos cristãos, agora ocupados pelos muçulmanos. Essas tentativas tiveram início com as cruzadas e a Reconquista ibérica.²⁷²

268 **Virtude divina** ou **atributo divino** era o termo utilizado no período escolástico para indicar os nomes de Deus. ATRIBUTO. In: ABBAGNANO, op. cit., p. 94, nota 1.

269 GAYÀ, op. cit., nota 38.

270 Terceira distinção do *Livro do Fim*, cf. RAMON LLULL. *Livro do fim*, op. cit., p. 107-110, nota 171.

271 COSTA, Ricardo da. A Árvore Imperial. In: COSTA, Ricardo da (Org.). *Testemunhos da História*. Documentos de História Antiga e Medieval. Vitória: EDUFES, 2002, p. 308-309.

272 FLORI, Jean. *La Guerra Santa: la formación de la idea de cruzada em el Occidente cristiano*. Madrid: Editorial Trotta, 2003, p. 293-313; Sobre as cruzadas cf. nota 76; NICHOLAS, nota 139; RUNCIMAN, nota 50; DEMURGER, Alain. *Os cavaleiros de Cristo: as ordens militares na Idade Média (sécs. XI-XVI)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002; NAVARRO, Francesc. *História Universal*. La expansión musulmana. Madrid: Editorial Salvat, 2004; PERNOUD, Régine. *A mulher nos tempos das cruzadas*. Campinas, Sp: Papyrus, 1993; READ, Piers Paul. *Os templários*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001.

“A Reconquista foi o nome dado ao processo pelo qual a partir do século XI, as comunidades cristãs da Espanha reconquistaram os territórios perdidos para os muçulmanos nas décadas

2.4. DA DIVISÃO DO LIVRO DO FIM

O *Livro do Fim* foi dividido em três distinções. A **primeira distinção** trata da maneira como os missionários cristãos devem dialogar com os infiéis.²⁷³ Essa distinção, por sua vez, está subdividida em cinco partes: a primeira esclarece a **ordem** a ser seguida para que o projeto missionário luliano tivesse sucesso.

Inicialmente deveria ser eleito um cardeal que se responsabilizaria pela construção dos mosteiros onde seriam ensinadas as línguas dos infiéis àqueles que desejassem participar das missões.²⁷⁴ Contudo, também era necessário determinar como seriam obtidos os recursos para financiar esses estudos e as viagens dos missionários até as terras de Ultramar.²⁷⁵

Nas quatro partes seguintes, o autor demonstra a forma de diálogo e os argumentos necessários para converter, respectivamente, **sarracenos**, **judeus**, **cristãos cismáticos** (gregos, jacobitas e nestorianos) e **tártaros**.²⁷⁶ Essa parte da obra é a que mais nos interessa por sua relação direta com nosso tema.²⁷⁷ Ao diálogo como forma de alcançar a conversão, dedicamos o capítulo seguinte. Nele discutiremos as

imediatamente seguintes a 711. As principais datas decisivas são: recuperação de Toledo (1085); a formação do reino de Portugal e a conquista de Lisboa (1148); a batalha de Navas de Tolosa (1212) e a subsequente extensão da autoridade cristã a Sevilha e Córdoba. No final do século XV, a conquista de Granada (1492)". LOYN, op. cit., p. 314, nota 23; cf. BONNASSIE, nota 53; Cf. CARR, nota 84; Cf. COSTA, nota 21; BUADES, Josep M. *Os Espanhóis*. São Paulo: Contexto, 2006; FLETCHER, Richard. *Em busca de El Cid*. São Paulo: Editora UNESP, 2002; MENCAL, op. cit., nota 457; RUCQUOI, Adeline. *História Medieval da Península Ibérica*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995; SARAIVA, José Hermano. *História de Portugal*. Madrid: Alianza Editorial, 1989.

273 RAMON LLULL. *Livro do fim*, op. cit., p. 78-80, nota 171

274 Ibid.

275 Ibid.

276 Nesse trabalho não analisaremos o projeto de conversão de judeus nem de tártaros.

277 RAMON LLULL. *Livro do fim*, op. cit., p. 93-107, nota 171

questões referentes à apologética e à missão.²⁷⁸

Na **segunda distinção**, o filósofo desenvolve a melhor maneira de se fazer a guerra – caso a conversão pelo diálogo não fosse concretizada. Esta distinção foi subdividida em sete partes: a primeira, sobre a **eleição** do “rei guerreiro”. Esse líder cristão comandaria uma nova ordem militar-religiosa, a *Ordem da Milícia*,²⁷⁹ criada a partir da junção de todas as outras ordens já existentes, e todas as atribuições e obrigações delegadas ao *bellator rex*, rei mais importante entre todos por ser rei de Jerusalém, já que, com seu trabalho, ele honraria toda a corte celeste e toda a cristandade.²⁸⁰

A segunda parte trata da **regra** a ser seguida pelos membros da *Ordem da Milícia*. Essa regra seria formulada utilizando o que havia de melhor nas regras das ordens militares já existentes. Por essa nova regra seriam definidas suas vestes, suas

278 O **pensamento uniconista** de Ramon surgiu tarde em seus escritos. A primeira obra em que trata do cisma oriental é a *Doutrina Pueril* (c. 1282). Talvez isso se deva ao fato de ele não compreender o grego. Mesmo assim, incluiu já nessa época a necessidade do ensino dessa língua para que o diálogo com os bizantinos fosse possível, pois era necessário provar que a forma como criam na procedência do Espírito Santo era um erro. Essa ampliação em seu ideal de ação tornou o projeto luliano uma “empresa científica-apologética-missiológica-missionária”. GARCÍAS PALOU, Sebastián. *Ramon Llull en la historia del ecumenismo*. Barcelona: Herder, 1986, p. 35.

279 O nome escolhido por Ramon para a nova ordem de cavaleiros de Cristo (*Militia Christi*), *Ordem da Milícia*, provavelmente, foi inspirado em São Paulo. O termo *militia* é antigo, “São Paulo já havia invocado o combate espiritual do soldado de Cristo. Nos séculos V e VI, a *militia* representava o clero secular que lutava pela fé na vida secular; um pouco mais tarde sob os caralíngios, o verdadeiro *miles Christi*, o atleta da fé, é o monge que luta sem cessar na solidão do monastério contra o demônio, contra o mal. Por volta de 1095, o bispo Yves de Chartres, ao escrever a certo Roberto, que, ao preço de uma verdadeira *mutatio*, decidiu entrar para o convento, diz-lhe: Deves combater o espírito do mal: portanto, se queres lutar com segurança, entra para o campo dos soldados de Cristo, habituados à táticas das batalhas [*castris Christi militum ordinate pugnatium te insere*]. Vocabulário marcial para evocar um combate ainda totalmente espiritual! Gregório VII inova, conferindo à expressão seu sentido militar. A *militia Christi* deixa o campo espiritual pelo campo de batalha. Torna-se uma confraria de cavaleiros, prontos ao combate contra os adversários da cristandade, o instrumento da guerra santa”. DEMURGER, Alain. *Os Templários: uma cavalaria cristã na Idade Média*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2007, p. 48.

280 RAMON LLULL. *Livro do fim*, op. cit., p. 77-78, nota 171.

armas e sua norma de conduta.²⁸¹

Na terceira parte dessa distinção foi definido o **lugar** por onde deveria se iniciar a ação militar cristã, as melhores rotas e as táticas militares para derrotar o exército sarraceno e reconquistar os territórios cristãos invadidos e habitados pelos inimigos da verdadeira fé. Tudo isso até a recuperação completa da Terra Santa.²⁸²

Na quarta parte, **Sobre a forma de se fazer a guerra**, foram descritas as vantagens e as desvantagens dos cristãos e seus métodos de batalha em relação aos sarracenos nos seguintes aspectos: armas, estratégia e recursos militares.²⁸³ Esses fatores são discutidos também na quinta parte, sobre a **armada**, contudo, relacionando-se à marinha e como seria feito o ataque e a destruição das terras dos sarracenos.²⁸⁴

Na sexta parte, sobre a **pregação**, foi detalhada a forma como os missionários cristãos deveriam pregar entre os infiéis que fossem encarcerados durante a guerra. Pois estes, depois de convertidos seriam enviados como espiões do rei guerreiro às terras ainda ocupadas pelos sarracenos. Também era necessário manter alguns religiosos em territórios cristãos, pregando e captando recursos para a guerra.²⁸⁵

Por fim, na sétima parte, são descritos quais mestres **mecânicos** que deveriam fazer parte da *Ordem da Milícia* e auxiliarem o *rei guerreiro* na organização e

281 Ibid, p. 100-103.

282 Ibid.

283 Ibid.

284 Ibid., p. 104.

285 Ibid., p. 105-107.

utilização dos recursos mecânicos.

A **terceira distinção**, sobre a *exaltação do entendimento*, foi subdividida em duas partes: uma que trata da **arte geral** e que ensina e demonstra muitas coisas; outra, em que Ramon trata das vinte **artes especiais**, derivadas da *Arte Geral*, que facilitam a obtenção do conhecimento de forma mais simples.

Ramon conclui a obra dedicando-a ao Espírito Santo, e afirma que ela tem como finalidade maior o *bem comum*²⁸⁶ da cristandade: se tudo o que foi descrito não for realizado, aqueles que poderiam contribuir para a exaltação da fé cristã e não o fizeram pecaram contra o Espírito Santo (que personifica o amor de Deus), e contra essa Pessoa da Trindade os pecados não são perdoados.²⁸⁷

286 De acordo com o *Catecismo da Igreja Católica*, o **bem-comum** entende-se como o conjunto das condições da vida social que permitem aos grupos e a cada um de seus membros atingirem de maneira mais completa e desembaraçadamente a própria perfeição. O bem-comum interessa à vida de todos. Exige a prudência da parte de cada um e, mais ainda, da parte dos que exercem a autoridade. Comporta-o três elementos essenciais: 1) O respeito pela pessoa como tal. Em nome do bem-comum, os poderes públicos são obrigados a respeitar os direitos fundamentais e inalienáveis da pessoa humana. A sociedade é obrigada a permitir que cada um de seus membros realize sua vocação. Em particular, o bem-comum consiste nas condições para se exercerem as liberdades naturais, indispensáveis ao desabrochar da vocação humana: "Tais são o direito de agir segundo a norma reta de sua consciência, o direito à proteção da vida particular e à justa liberdade, também em matéria religiosa"; 2) O bem-comum exige o bem-estar social e o desenvolvimento do próprio grupo. É claro, cabe à autoridade servir de árbitro, em nome do bem-comum, entre os diversos interesses particulares. Mas ela deve tornar acessível a cada um aquilo de que precisa para levar uma vida verdadeiramente humana: alimento, vestuário, saúde, trabalho, educação e cultura, informação conveniente, direito de fundar um lar etc., 3) O bem-comum envolve a paz, isto é, uma ordem justa duradoura e segura. Supõe, portanto, que a autoridade assegure, por meios honestos, a segurança da sociedade e a de seus membros, fundamentando o direito à legítima defesa pessoal e coletiva.

O bem-comum está sempre orientado ao progresso das pessoas: "A organização das coisas deve se subordinar à ordem das pessoas, não ao contrário". Esta ordem tem por base a verdade, edifica-se na justiça, é vivificada pelo amor. *Catecismo da Igreja Católica*. Disponível em: <http://intervox.nce.ufrj.br/~gleibson/catecismo.rar>, Acesso: 27 de junho de 2007.

287 A Doutrina do Espírito Santo como fonte de amor foi iniciada por Santo Agostinho.

2.5. O PRÓLOGO DO *LIVRO DO FIM*

A redação do *Livro do Fim* se insere em um momento posterior a várias tentativas feitas por Llull de apresentar seu projeto político-religioso para vários reis e religiosos cristãos.

O prólogo da obra transparece um tom dramático, que quase beira o desespero. Afinal, para Ramon o mundo se encontrava em “mal estado” e as coisas só tendiam a piorar. Por isso, era necessária uma ação rápida por parte dos cristãos.²⁸⁸ Se estes não se esforçassem para impedir o avanço muçulmano pelo Oriente, em breve estariam adentrando os territórios do Ocidente latino, pois já estavam batendo às portas da cristandade.

Ramon também lamentava de forma dolorosa o número de cristãos existentes no mundo, pois eram tão poucos, e aqueles que defendiam e desejavam expandir essa fé eram em menor número ainda. A ociosidade aliada à indolência na defesa da fé tornava cada dia mais difícil a reconquista das terras ocupadas pelos árabes.²⁸⁹ Essa situação político-religiosa causava grande temor em Llull e em todos aqueles que tinham consciência de que a cristandade corria um grande perigo.²⁹⁰

No final do século XIII, os cristãos latinos já tinham consciência de que não eram maioria no mundo. Isso tornava urgente a organização de uma ação em prol da

288 RAMON LLULL. *Livro do fim*, op. cit., p. 111, nota 171.

289 Ibid., p. 77-78, 81-82.

290 Ibid., p. 77-78, 81-82.

evangelização dos infiéis e dos tártaros.²⁹¹ A cristandade corria grande perigo, principalmente porque os sarracenos continuavam sua expansão e em breve poderiam converter até mesmo os povos pagãos ao Islã.²⁹²

Para Llull, essa falta de ação com a evangelização por parte dos cristãos teria conseqüências trágicas. No Dia do Juízo Final, quando fossem prestar contas de suas ações no mundo ao Juiz Supremo, Jesus Cristo, eles teriam que pagar por terem contribuído para a condenação de milhares de almas de muçulmanos, judeus e pagãos ao Inferno.²⁹³ Sobre aqueles que conhecem a verdadeira fé e não a difundem, recaía uma culpa maior ainda, a de omissão.²⁹⁴

Como os cristãos podiam ignorar esse mal tão grande que causavam? Como podiam evitar, por relaxamento e/ou indiferença ao próximo, que tantos seres humanos conhecessem as verdades do cristianismo? Por que não agiam para que todo esse mal fosse evitado e o cristianismo fosse propagado pelo mundo?²⁹⁵ Como podiam aceitar com tanta passividade o desaparecimento do cristianismo?²⁹⁶ Ramon Llull se questionava, no auge de seu desespero, sobre tudo isso quando compôs o *Livro do Fim*, pois, para ele, não poderia existir mal maior para a Humanidade.²⁹⁷

Na visão cosmológica medieval,²⁹⁸ a cristandade²⁹⁹ era o espelho, ou seja, o reflexo

291 Ibid., p. 91-93.

292 Ibid.

293 Ibid., p. 111.

294 Cf. nota 184.

295 RAMON LLULL. *Livro do fim*, op. cit., p. 77-78, nota 171.

296 DOMÍNGUEZ REBOIRAS, op. cit., p. 284, nota 2.

297 RAMON LLULL, *Livro do fim*, op. cit., p.111, nota 171.

imperfeito da corte celestial. Durante o medievo havia uma crença muito forte na existência de uma estreita ligação entre o céu e a terra.³⁰⁰ Assim, o fato de os Lugares Santos estarem sob o domínio dos infiéis era uma enorme afronta a Deus, à Sua Corte Celeste e, por fim, aos próprios cristãos.³⁰¹

Porém, como os cristãos estavam descrentes e permitiam que o mundo prosseguisse nesse mau estado, desonravam a *primeira intenção*, ofendendo de forma violenta a Deus.³⁰² A Justiça Divina que nunca falha, agia, e os cristãos latinos eram castigados, impedidos de possuir a Terra Santa, e derrotados nas batalhas para retomar seu solo sagrado.

298 “A *cosmologia medieval* foi influenciada diretamente pelos escritos de Aristóteles e, sobretudo, Ptolomeu (c.100-170) e seu Tetrabilos. Era considerada a parte mais elevada da Astronomia, que por sua vez era a sétima das Artes Liberais, portanto, a ciência mais nobre antes da Teologia, nobre porque pretendia estudar as coisas próximas de Deus. Devo ressaltar logo de início, porém, que os conceitos de Astrologia e Astronomia estavam intrincados e queriam dizer na maior parte das vezes a mesma coisa. Poucos eram os que percebiam a diferença. (...) De qualquer modo, a cosmologia medieval distinguia duas regiões em todo o universo com características bastante distintas. A primeira era a esfera sublunar, que continha todas as substâncias sujeitas à corrupção devido à contrariedade natural existente entre os quatro elementos constitutivos dos corpos (fogo, ar, terra e água) e suas qualidades (quente, seco, frio e úmido). (...) A segunda, a esfera supralunar (ou celeste), era povoada pelos astros, pelos santos que estão na Glória Eterna, os anjos e Deus. Acreditava-se que o mundo supralunar emitia fluidos, influxos invisíveis que influenciavam as coisas do mundo sublunar, idéia de base neoplatônica que influenciou decisivamente a astrologia. Eram os segredos naturais. A origem dessa concepção encontra-se em Dionísio, o *Areopagita* (séc. V): ‘Todo bom dom e toda dádiva descende do Pai das luzes. Mais: a Luz procede do Pai, se difunde copiosamente sobre nós e com seu poder unificador nos atrai e leva ao alto’ (DIONISIO AREOPAGITA. *La jerarquia celeste*, I, 1)”. COSTA, Ricardo da, Olhando para as estrelas, a fronteira imaginária final: astronomia e astrologia na Idade Média e a visão medieval do cosmo. In: *Dimensões - Revista de História da UFES* 14. Dossiê Territórios, espaços e fronteiras. Vitória: Ufes, Centro de Ciências Humanas e Naturais, EDUFES, 2002, p. 481-501; cf. GUREVITCH, op.cit., nota 52.

299 A **Cristandade** era considerada uma formação unitária, isto é, possuía uma fé comum, uma linguagem comum (o latim) e formava era uma espécie de supra-Estado. FEBVRE, Lucien. *A Europa: Gênese de uma Civilização*. Bauru, SP: EDUSC, 2004, p. 126-127. Inicialmente, foi sinônimo de cristianismo, depois, com o papa João VIII (872-882), passou a designar o conjunto dos cristãos do Ocidente. No fim do século XI, o termo se difundiu, sendo pronunciado como *Christianitas* ou *Respublica Christiana*, identidade coletiva que se construiu a partir do momento em que os cristãos ocidentais passaram a ter um contato maior com muçulmanos e bizantinos. FRANCO JR, Hilário. *A Idade Média: Nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2001, p. 182.

300 IOGNA-PRAT, Dominique. ORDEM(NS). In: LE GOFF, Jacques & SCHIMTT, Jean-Claude (coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval II*. São Paulo: Imprensa Oficial / EDUSC, 2002, p. 306, 314.

301 RAMON LLULL. *Livro do fim*, op. cit., p. 77-78, nota 171.

302 Ibid.

Muitos cruzados, quando se dirigiam para os reinos latinos no Oriente, seguiam cheios de fervor e devoção. Agora, os que viviam na região abandonavam os propósitos santos e deixavam-se impregnar pela cobiça e o desejo de bens materiais.³⁰³

Essa desordem do mundo cristão era conseqüência da corrupção do clero latino e rivalidades entre as ordens de militares que se desviaram de seus objetivos, conquistar territórios e proteger os peregrinos cristãos a caminho de Jerusalém.³⁰⁴

Outro fator que se desviava da *primeira intenção luliana* dizia respeito à cobiça de alguns príncipes cristãos, que utilizavam o dízimo da Igreja para realizar seus negócios mundanos.³⁰⁵ Não bastasse a usurpação dessas rendas, os governantes também as utilizavam para financiar conflitos fratricidas em solo cristão. Essa falta agravava ainda mais o pecado cometido pelos chefes do poder temporal, que eram os guardiões do povo cristão e tinham por obrigação de zelar pela paz no mundo.³⁰⁶

Como as autoridades laicas estavam subordinadas ao poder espiritual, isto é, deviam obediência à Igreja e a seu chefe maior, o Papa, os reis e príncipes só poderiam utilizar os bens materiais que lhes eram cedidos por Deus para o benefício e a promoção da fé cristã apostólica, nunca para a realização da *segunda intenção*.³⁰⁷

303 Ibid, p. 95.

304 DEMURGER, op. cit., p. 185-187, nota 279.

305 Cf. nota 179; *Livro do fim*, op. cit., p. 95, nota 171.

306 VILLOSLADA, op. cit., p. 575, 599, nota 49.

307 Ibid., p. 277.

2.6. UM PROJETO DE VIDA EM PROL DA CONVERSÃO DOS INFIÉIS

Desde o século XI, quando foi realizada a chamada *Reforma gregoriana*³⁰⁸, o ocidente cristão europeu viu nascer entre alguns grupos religiosos o desejo de alcançar uma vida cristã pura e inspirada na Igreja primitiva, a chamada “*vida apostólica*”.³⁰⁹

Esse modelo de vida religioso era caracterizado pela renúncia dos bens materiais, uma vida ascética, e o compromisso de assumir um trabalho de evangelização entre os não-cristãos.³¹⁰ Esse ardor religioso inspirado na vida apostólica fez a Europa

308 Ibid., p.305-306.

309 Quanto à **maneira de conversão apostólica dos infiéis**, a obra *Comentário al símbolo apostólico* (entre 401 e 409), de Rufino de Aquileya (345-410), escrita quando o credo cristão ainda estava em fase de constituição, nos traz uma importante referência à missão apostólica no cristianismo primitivo. Este homem de boa formação, cultura sólida e grande amigo de São Jerônimo (347-419), descreve-a da seguinte forma: “2. Nuestros antepasados nos han referido que, tras la ascensión del Señor, al venir al Espíritu Santo, se posaron sobre cada uno de los apóstoles lenguas de fuego para que hablaran con diversos y variados lenguajes de modo que ninguna gente extranjera ni lengua bárbara les pareciera inaccesible o cerrado. El Señor les mandó ir a cada una de las naciones para predicar la palabra de Dios. Antes de partir y separarse establecieron una norma común de su predicación para que no sucediera que, al alejarse uno de outro, expusieran algo diverso a los que invitaban a abrazar la fe de Cristo. Congregados, pues, todos ellos y llenos del Espíritu Santo, poniendo en común lo que cada uno sentía, compusieron (...) esta regla a los creyentes. Por muchos y justificados motivos quisieron denominarla «Símbolo». En griego, el vocablo «símbolo» significa indicio y contribución, es decir, lo que varias personas ponen en común. Esto hicieron precisamente los apóstoles en aquellos discursos, poniendo en común cada uno lo que sentía. Se llama indicio o signo porque, em aquel tiempo – como dice Pablo y se relata en los Hechos de los Apóstoles –, muchos de los judíos circuncisos fingían ser apóstoles de Cristo y, por interés de lucro o alimento, se dedicaban a predicar nombrando ciertamente a Cristo, pero sin anunciarlo conforme a las líneas de la tradición. (...) No obraron como los hijos de Noé, que, al separarse unos de otros, construyeron con ladrillos cocidos y alquitrán una torre cuya punta tocara el cielo. Por lo contrario, edificaron las fortificaciones de la fé, capaces de resistir el ataque enemigo, con las piedras vivas y las perlas del Señor, a las que ni los ríos pueden arrancar ni el ímpetu de tempestades y borrascas remover. (...) A los apóstoles, que construyeron la torre de la fe, se les dio el conocimiento de todas las lenguas.”, RUFINO DE AQUILEYA. *Comentário ao símbolo apostólico*. Editorial Ciudad Nueva: Madrid, 2001, p. 34-35, 37.

310 As principais ordens religiosas desse novo movimento foram as ordens mendicantes, que recebem essa denominação por subsistirem de esmolas, não pela cobrança do dízimo como ocorria com a maior parte das ordens religiosas até então. LE GOFF, J. *Uma longa Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 175. CANTERA MONTENEGRO, op. cit., p. 71, nota 265.

ocidental viver um novo impulso missionário.³¹¹ Todo esse abrasamento religioso fez também com que os missionários se dirigissem para os territórios mais distantes e recém descobertos pelos cristãos com a intenção de “pregar a verdadeira fé”.³¹²

O contato com povos de origem asiática e africana e a fundação das ordens mendicantes³¹³ eram dados conhecidos por Ramon Llull. Esses fatos serviram para aguçar o interesse deste “apóstolo dos infiéis” pela vida ativa.³¹⁴

Os acontecimentos citados acima foram de importância determinante na formulação da proposta missionária luliana, norteando todo seu projeto missionário-apologético, que pode ser resumido em três propósitos: 1) *formação*, fundar colégios para o

311 CANTERA MONTENEGRO, op. cit., p. 12-13, nota 265.

312 Ibid., p. 71, nota 265. A presença dos cristãos durante a Primeira Cruzada já deu asas à imaginação desses homens deslumbrados com os encantos e as riquezas do Oriente. Assim, as lutas, vitórias e derrotas deram margem à construção de lendas no Ocidente Medieval. Uma delas, sobreviveu até os nossos dias, foi registrada por Oto Babenberger, bispo de Freising e tio de Frederico I Barba-Ruiva que, na época, era o imperador do Sacro Império Romano-Germânico (1152-1190). Oto registrou a notícia da existência de um potentado cristão na Ásia, na fronteira com a Pérsia, que fazia então uma guerra vitoriosa contra o mundo árabe. RUNCIMAN, III, op. cit., p. 229, nota 50.

Conta a lenda que o rei desse reino maravilhoso tinha triunfado em uma segunda frente de batalha contra o Islã. Seu nome era Preste João, nestoriano, uma das correntes heréticas dos cismas cristológicos, originária da escola Antioquia de Nestor (c. 381-451), patriarca de Constantinopla em 428-31. Os nestorianos acreditavam que Cristo tinha duas naturezas (*duo physeis*) conjugadas em uma unidade voluntária. LOYN, op. cit., p. 272, nota 23.

Mas essa diferença de credo não tinha importância neste momento em que Preste João vencia o inimigo comum aos cristãos, pois isso tornava possível aos cristãos terem esperanças na vitória da verdadeira fé. *Carta do Preste João das Índias. Versões Medievais Latinas* (trad. Leonor Buescu). Lisboa: Assírio & Alvim, 1998, p. 82. Através do Sacro Império Romano-Germânico o mito de Preste João começou a se difundir no Ocidente. O bispo Oto teria inclusive falsificado uma carta, que ele afirmava ter sido enviada por Prestes João (em 1150) ao imperador bizantino Manuel I Comneno (1143-1180), ao papa e ao rei Frederico I Barba-Ruiva. O conteúdo da suposta carta descrevia as maravilhas do reino de Preste João – jóias corriam nos rios, o palácio abrigava 30.000 pessoas à mesa, diariamente, além de vários visitantes. O palácio era ricamente decorado – teto de cedro, cobertura de ébano e no cume dois pomos de ouro (...) *Carta do Preste João das Índias. Versões Medievais Latinas* (trad. Leonor Buescu). Lisboa: Assírio & Alvim, 1998, p. 56. Sobre o Preste João, ver COSTA, Ricardo da. Por uma *geografia mitológica*: a lenda medieval do Preste João, sua permanência, transferência e “morte”. In: *História 9*. Revista do Departamento de História da UFES. Vitória: Ufes, Centro de Ciências Humanas e Naturais, EDUFES, 2001, p. 53-64; para o contato entre cristãos e mongóis, cf. NICHOLAS, op. cit., p. 237-238, 483-485, nota 139.

313 Principalmente franciscanos e dominicanos.

314 LLINARÈS, op. cit., p. 74-94, nota 42.

ensino da língua dos infiéis; 2) *pregação*, conversão através da *Arte*, um método conhecido pela ilustração divina; 3) *consciência religiosa*, pregar a fé cristã latina entre os infiéis, e até mesmo aceitar o martírio caso fosse necessário. Sobre a *consciência religiosa*, encontramos uma interessantíssima narrativa (*exempla*) no *Livro das Maravilhas*:

Em uma abadia aconteceu do abade, do prior, do monge-adegueiro e dos outros oficiais daquele monastério irem ao capítulo. Cada um daqueles oficiais se gabou de que havia melhorado a renda do monastério. Um monge claustral estava diante deles e disse estas palavras:

“– Senhores, é uma maravilha como vós não tendes consciência como tantas vezes ao dia e tantos dias haveis deixado de considerar e contemplar a Deus em Sua unidade, trindade, encarnação e nos outros artigos para considerar e desejar ter vanglória em multiplicar as rendas do monastério, pois as orações, as contemplações, as lágrimas e os choros são multiplicações maiores e mais nobres que os dinheiros, os castelos, as vilas e cidades. E melhor convém ao monge contemplar e chorar que comprar e vender.”³¹⁵

Llull estava convencido de que os infiéis viviam no erro pelo descaso dos cristãos. Isso lhe entristecia muito. Além disso, como na passagem do *Livro das Maravilhas* citada acima, ele não notava nenhum empenho por parte dos cristãos, nem mesmo dos clérigos, com a prática missionária ou a evangelização dos outros povos, mesmo conhecendo seu dever.

Essa obrigação, confirmada de forma imperativa nas *Sagradas Escrituras*, fora determinada por Cristo aos apóstolos: “Ide pelo mundo e pregai o Evangelho”.³¹⁶

Portanto, esse era o ponto de partida de toda a obra luliana.³¹⁷

315 Cf. nota 2.

316 Mt 28, 19.

317 DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando. *Ramon Llull: El hombre y su obra*, 2005, p. 16.

Llull acreditava que o contato com os não-cristãos deveria ser pacífico. A conversão se realizaria por meio do diálogo inter-religioso.³¹⁸ Os missionários preparados por meio do estudo da *Arte* realizariam a disputa com seu interlocutor utilizando *armas espirituais* – o diálogo³¹⁹ e a controvérsia³²⁰ – ao que se denominou *cruzada espiritual*.³²¹

Contudo, se a conversão por via pacífica não fosse aceita pelos infieis e estes se recusarem a dialogar, Llull sugeria que fossem presos e então convertidos ao cárcere³²², no que foi denominado *cruzada corporal*.³²³

Tudo isso demonstra o modo atípico como o filósofo elaborou seu programa missionário. Para Ramon, a razão era superior à fé.³²⁴ Ao longo das obras sobre a missão, o maiorquino quase não utiliza argumentos de caráter teológico ou citações bíblicas, o que não nos impede de detectar influências dogmáticas e bíblicas nos seus escritos.³²⁵

Ramon acreditava que seu método fazia parte dos planos divinos, o que o insere no campo da fé revelada. Sua *Arte* era uma ciência superior, o melhor método para realizar a unificação dos cristãos reunindo cismáticos e latinos, o mais adequado

318 FIDORA, op. cit., p. 227-244, nota 4.

319 Cf. nota 6.

320 Do latim, *controversia*, discussão regular sobre assunto literário, científico ou religioso; contestação.

321 VEGA, op. cit., p. 20, nota 100.

322 “Sobre a Pregação”. In: RAMON LLULL. *Livro do fim*, op. cit., p.104-105, nota 171.

323 Esse aspecto do projeto de conversão luliano, os melhores caminhos e todos os meios necessários para alcançar a vitória serão analisados no próximo capítulo.

324 Para uma visão geral sobre essa questão, cf. MELENDO, Tomás. *Iniciação à filosofia: razão, fé e verdade*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2005.

325 CARRERAS I ARTAU, op. cit., p. 341, nota 1; COLOMER POU, op. cit., p. 634-635, nota 13; FIDORA, op. cit., p. 239-242, nota 4.

para converter judeus e sarracenos na verdadeira da fé, a cristã e ensinar aos tártaros que eram pagãos, o que é a religião.³²⁶

2.7. A UNIFICAÇÃO DOS CISMÁTICOS

Mas, qual é a relação da apologética com as cruzadas,³²⁷ ou melhor, com a missão?³²⁸ Ao propor a realização de uma missão, a apologética luliana fazia reaparecer e, ao mesmo tempo, recolhia em si uma tentativa de resgatar das práticas do cristianismo primitivo.³²⁹

A característica fundamental dessa reformulação se dava na necessidade de recuperar a unidade do cristianismo. Afinal, uma das causas da desconfiança e da descrença no credo cristão por parte dos infiéis era o fato de existirem várias correntes por conta de suas divergências doutrinárias.³³⁰

Três correntes de cismáticos são apresentadas por Ramon Llull: gregos, nestorianos e jacobitas no *Livro do Fim*.³³¹

326 RAMON LLULL. *Livro do fim*, op. cit., p. 104-105, nota 171.

327 FLORI, op. cit., p. 293-313, nota 272.

328 O ideal de **missão** pregado por Llull também é fundamental para entender seus projetos. Sua busca constante para manter relações políticas com reis e papas, fazia parte da necessidade de conseguir recursos para que seus projetos pudessem ser postos em prática. A unificação da cristandade e conversão dos infiéis eram seus principais objetivos. Em Llull, a *missão* tem o significado de “pregação” ou “diálogo pacífico” com os infiéis, no intuito de convertê-los ao cristianismo, conceito que tem como sinônimo a *cruzada* ou o *gládio espiritual*. SUGRANYES DE FRANCH, op. cit., p. 275-290, nota 39.

329 GAYÀ ESTELRICH, op. cit., p. 31-32, nota 12.

330 Para uma visão aprofundada da visão luliana sobre os cismáticos, cf. GARCÍAS PALOU, op. cit., nota 278. Em especial o capítulo VI (El cisma oriental y sus derivaciones visto por Ramon Llull: grave problema oriental, p. 98-302).

331 RAMON LLULL. *Livro do fim*, op. cit., p. 84, nota 171.

**QUADRO 1:
SÍNTESE DAS DIFERENÇAS DE CREDO ENTRE LATINOS,
GREGOS, NESTORIANOS E JACOBITAS**

	Latinos	Gregos	Nestorianos	Jacobitas
Espírito Santo	O Pai gera o Filho e espira o Espírito Santo. ³³²	Não crêem que o Espírito Santo foi espirado pelo Filho, questão do <i>Filioque</i> . ³³³		
Jesus Cristo	Em Cristo há uma só pessoa e duas naturezas: uma divina, infinita e eterna e outra finita e nova.			Crêem que em Cristo existe uma só natureza. ³³⁴
Jesus Cristo			Crêem que há duas pessoas em Cristo	

Para que se realizasse essa unificação pela ação missionária, alguns pontos deveriam ser demonstrados e provados como erros dos dogmas cismáticos. Os gregos não criam que o Filho pudesse engendrar o Espírito Santo. Caberia aos missionários destruírem esse erro com a seguinte argumentação:

Deus é um princípio simplesmente perfeito. Um princípio perfeito não pode ser tal sem três elementos: que em tal princípio haja um princípio principiante e não principiado, que nele outro seja princípio principiante e principiado, e outro seja principiado e não principiante, e que todos os três sejam um só princípio simplesmente perfeito. (...) Pois Deus Pai é o princípio principiante e não principiado; Deus Filho é o princípio principiante e principiado: principiante por que com o Pai espira o Espírito Santo, principiado por que é engendrado do Pai; e o Espírito Santo é principiado e não principiante: principiado, por que é espirado do Pai e do Filho, não principiante, por que na essência³³⁵ de Deus não engendra nem espira qualquer pessoa.³³⁶

Para o credo latino, Deus é um princípio perfeito, ou seja, uma Unidade de Substância Divina na Trindade de Pessoas.³³⁷ Para a filosofia luliana, inspirada no

332 Ibid., p. 84-91.

333 A **questão do Filioque** é a principal discordância doutrinária entre latinos e gregos, pois, para estes, o Espírito Santo procedeu do Pai. Llull, contudo defendia a visão ocidental católica. Ibid., p. 84-87.

334 Ibid., 87-88.

335 Na filosofia luliana: "I) A essência é isso pelo qual existe o ser, e o ser é isso pelo qual existe a natureza; II) O Ser é ente co-essencial da essência e da natureza do ser". RAMON LLULL. *Començaments de Filosofia*. NEORL, vol. VI, Palma: Patronat Ramon Llull, 2003, p. 171.

336 RAMON LLULL. *Livro do fim*, op. cit., p.84-87, nota 171.

337 TRINDADE. In: ABBAGNANO, op. cit., p. 975-976, nota 1.

credo latino, as Pessoas Divinas são Unas em Essência e distintas em Sua relação. Ou seja, o Pai se relaciona com o Filho pela Paternidade, o Filho se relaciona com o Pai pela Filiação, e o Espírito Santo se relaciona com o Pai e o Filho pelo Amor divino, que é o que procede da relação amorosa entre Pai e Filho.

Essas relações são movimentos reais e intrínsecos (*ad intra*) à Substância Divina, pois sem esse movimento Deus seria inativo, e isso, para Llull, é algo impossível naquele que origina todo o Universo e lhe dá movimento a tudo o que pode ser demonstrado através da *doutrina dos correlativos*.³³⁸

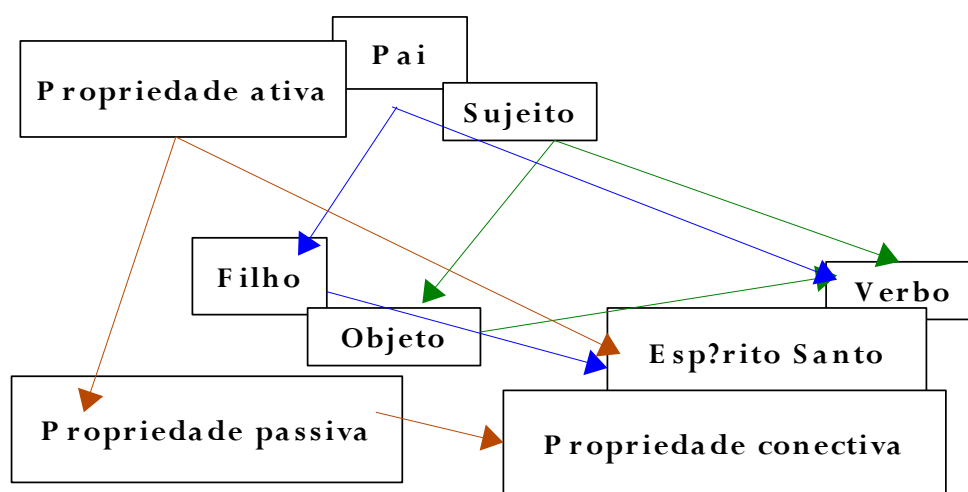
338 A **doutrina dos correlativos** pode ser caracterizada como uma articulação original da Ontologia, um estudo do ser, feito por Llull ao utilizar sua *Arte*. Os correlativos têm sua origem em um desdobramento do modo nominal dos verbos transitivos: o **particípio presente como forma ativa**, o **último particípio como passiva** e o **infinitivo como ligação entre ambos**. Deste modo, Llull faz uso da doutrina que Santo Agostinho utilizou para explicar o mistério da Trindade, aplicada aos verbos que expressavam as atividades da alma ('conhecendo', 'conhecido' e 'conhecer', 'amando', 'amado' e 'amar', etc.). REALE, op.cit., p. 447-449, nota 118.

Então, cada um dos princípios de Llull, uma vez transformados essencialmente em uma força ativa, ampliaram-se, formando a tríade de seus correlativos (**Bondade = bonificativo, bonificável e bonificar; Grandeza = magnificativo, magnificável e magnificar**, etc.). O que Llull queria explicar por meio dessa terminologia estranha era uma mensagem de grande alcance. Considerando que Deus era infinitamente ativo e fértil, suas Dignidades não poderiam permanecer eternamente ociosas. A partir desta teoria nova se transforma o princípio fundamental da teologia de Llull, a Trindade e a Encarnação poderiam ser demonstradas racionalmente. Essa teoria, do ponto de vista filosófico, era a expressão da **concepção dinâmica dos seres**. Por meio dos correlativos, que constituem as propriedades divinas, o mundo se iguala analogicamente a Deus, participando do ritmo vital e trinitário existente em toda a criação divina. A definição dos correlativos lulianos encontra-se disponível em: http://quisestlullus.narpan.net/esp/62_prpis_esp.html#corrA. Acesso: 27 de agosto de 2007.

“Como Deus é bondade e a bondade se difunde da eternidade por toda a eternidade (conhecida doutrina neoplatônica aceita pelas três religiões do Livro) a Trindade era, para Llull, o resultado da atividade intrínseca das dignidades de Deus (Bondade [B], Grandeza [C], Eternidade [D], Poder [E], Sabedoria [F], Vontade [G], Virtude [H], Verdade [I] e Glória [K]). Essa eterna e generosa atividade intrínseca das dignidades de Deus obrava em cada coisa criada, agia no mundo, criando assim uma permanente situação real e ternária: aquele que agia (sujeito), aquele que recebia a ação (objeto) e o próprio ato em si. Llull designou nominalmente essas ações, criando uma terminologia própria e diferenciando os sufixos em cada palavra. Assim, os atos da **bondade** de Deus foram chamados de **bonificativo** (capacidade que a bondade tem de bonificar), **bonificável** (aquele que pode receber a bondade) e **bonificar** (o ato da bondade); os atos da **grandeza** de Deus (magnitude) de **magnificativo**, **magnificável** e **magnificar**, e assim por diante.” COSTA, Ricardo da. O que é, de que é feita e porque existe? Definições lulianas no *Livro da Alma Racional* (1296). In: COSTA, Ricardo da, TÔRRES, Moisés Romanazzi e ZIERER, Adriana (dirs.). *Mirabilia 5 - Revista Eletrônica de História Antiga e Medieval*, dezembro de 2005.

Essa doutrina intenta explicar o movimento, a relação e a igualdade entre as Pessoas da Trindade: o Pai é **princípio passivo e ativo**, não é gerado e gera, o Filho é o **princípio ativo** por ser gerado e gerar, e o Espírito Santo é **princípio passivo** por ser gerado e não gerar, como mostra o quadro abaixo:

QUADRO 2: A AÇÃO AD INTRA DE DEUS³³⁹



Os jacobitas “diziam que se da natureza divina e humana não derivasse de uma só natureza, a pessoa de Cristo não poderia ser uma”.³⁴⁰ Caberia aos missionários latinos destruírem esse erro, e, para isso, deveriam seguir a seguinte argumentação:

Como qualquer indivíduo é uma só pessoa e a natureza da sua alma e do seu corpo não são convertíveis,³⁴¹ tal como a alma tem uma natureza incorruptível e espiritual e o corpo a tem corruptível e corporal, em Cristo uma só é a pessoa e duas são as naturezas: uma divina, infinita e eterna, e outra finita e nova, as quais, como tais naturezas não são convertíveis.³⁴²

339 Quadro retirado de COSTA, Ricardo da. *A Árvore Imperial : Um Espelho de Príncipes* na obra de Ramon Llull (1232-1316). Niterói: Tese de doutorado. Universidade Federal Fluminense, 2000, p. 185.

340 RAMON LLULL. *Livro do fim*, op. cit., p. 87-88, nota 171.

341 Transformação de uma coisa em outra; transmudar.

342 RAMON LLULL. *Livro do fim*, op. cit., p. 87-88, nota 171.

Esse argumento seria comprovado com a aplicação da *relação de semelhança*. Como o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus, e o intelecto humano tem capacidade limitada para compreender as relações intrínsecas a natureza divina, cabe aos cristãos, por meio do entendimento de sua própria natureza corporal e espiritual, compreender que em Cristo existiu uma só pessoa e duas naturezas.

Por sua vez, os nestorianos criam que haviam duas pessoas em Cristo, e afirmavam que

Deus não teria podido fazer-se homem se não houvesse já sido homem em ato,³⁴³ não só em potência.³⁴⁴ Se fosse homem, seria pessoa humana, um ser humano e uma essência humana.³⁴⁵ Chamam pessoa humana este homem existente por si e nomeiam a pessoa do Filho de Deus pessoa por si existente.³⁴⁶

Para convencê-los que essa concepção de Cristo era errônea, Ramon utiliza o seguinte exemplo:

Este indivíduo,³⁴⁷ quando era um embrião no útero, não era pessoa humana, pois lhe faltava a alma racional. (...) Ao sobrevir a alma racional, arrebatou-o totalmente com o que tinha no princípio, a espécie humana (...) a alma e com ela tudo o que tinha por natureza, o fez e o compôs homem, e o fez em um instante, em um momento indivisível.

(...) o Filho de Deus, em um instante produziu um embrião, (...) e naquele instante criou a alma racional; nesse mesmo momento, transportou a natureza humana para a natureza divina e eterna, na qual Deus se fez homem, e o homem Deus.³⁴⁸

343 Na filosofia luliana, o conceito de **ato** representa uma realidade que se realizou ou está se realizando do ser que irá alcançar, ou já alcançou sua forma final.

344 A **potência** é o princípio ou a possibilidade de mudança.

345 RAMON LLULL. *Livro do fim*, op. cit., p.88-91, nota 171

346 RAMON LLULL. *Livro do fim*, op. cit., p.88-91, nota 171

347 O ente que foi concebido sem pecado, no ventre de Maria, no ato da Anunciação.

348 RAMON LLULL. *Livro do fim*, op. cit., p. 88-89, nota 171

Com essa argumentação seria possível aos missionários provarem que Cristo possuía uma única pessoa e uma única natureza, indivisível e constituída de corpo e espírito, o que torna Cristo Deus e homem, homem e Deus.

Somente quando as diferenças dogmáticas fossem extintas entre latinos e cismáticos é que os cristãos poderiam reunificar seu credo e todos reconheceriam o sucessor de Pedro como único chefe espiritual da cristandade.

O próximo passo seria a expansão do credo entre todas as outras culturas, para que o cristianismo se tornasse universal. Somente nesse momento a cristandade conheceria uma imagem, ou seja, um reflexo da Jerusalém celeste na Terra.

2.8. A UNIDADE E A SUPREMACIA DO PODER ESPIRITUAL SOBRE TODA A CRISTANDADE

Ramon Llull defendia a unidade do mundo cristão e a unificação de todos os homens em um só credo. Esse ideal demonstra seu desejo de exemplificar a unidade divina por meio da unidade da criação e das criaturas:

Deus ordenou que neste mundo existam reis para ter justiça e prelados para conservar a nossa fé. Abaixo dos reis existem condes, duques e marqueses, cavaleiros e burgueses, mercadores e camponeses, e o mesmo dos outros ofícios.

Deus ordenou o mesmo aos prelados, onde existem diversos ofícios de clérigos, que, por ordem, devem manter a santidade e a verdade no mundo para louvar, conhecer e amar a Deus.³⁴⁹

A realização desse desejo possibilitaria que todo o Universo permanecesse em *ordem*³⁵⁰, pois, como a criação foi ordenada através da unidade, nada poderia concordar mais com a vontade de Deus do que a comunhão (*comum união*) de todas as criaturas, legitimando a essa unidade.³⁵¹

Assim, até mesmo as autoridades espirituais e temporais deveriam ter uma cabeça, o sucessor de Cristo responsável pelo pontificado romano, o papa, que representava o poder e a unidade de Deus na terra.³⁵²

349 (...) Déus ordonà que em aquest món sien reis per tenir dretura, e sien prelats per conservar nostra fé; e sots rei són comtes, ducs e marqueses, cavallers e burgueses, mercaders e pageses, e així de los altres oficis; e aixó mateix há ordonat sots prelats, on ha diverses oficis de clergues, qui per orde deuen mantenir santedat, veritat, em lo món, a lausar, conèixer e amar Deu. RAMON LLULL. *Fèlix o el Libre de meravelles*, op.cit., p. 270, nota 5.

350 Esta é uma interessante passagem do *Livro das Maravilhas* em que demonstra que Llull aceitava e até mesmo desejava a permanência da ordem social existente. Assim, suas críticas e suas propostas de reforma social não incluíam a mudança da estrutura social. Assim, Llull exprime a típica visão medieval da *ordenação* deste mundo como um reflexo (*imago*) do além. OLIVER, A., EL XI, 1967.

351 CAVALCANTE, Ronaldo. *Espiritualidade cristã na história: das origens até Santo Agostinho*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 345-346.

352 ULLMANN, op. cit., p. 97-124, nota 78.

Como o papa era o líder e defensor da cristandade, todos os cristãos, até mesmo o imperador e os príncipes que estavam à frente do poder temporal, deveriam se submeter ao comandante do poder espiritual.³⁵³ O poder papal era transmitido pela outorga dos poderes espirituais dados por Cristo a São Pedro. Assim, seus sucessores eram sucessores diretos de Cristo quando adquiriam na sacração os poderes espirituais recebidos por meio do próprio corpo místico de Cristo.³⁵⁴

Essa sucessão direta de Cristo acoplava o papa aos supremos poderes espirituais, que poderiam ser recebidos por alguém em sua condição humana. O papa era o interlocutor direto da vontade divina na terra. Ramon sempre respeitou essa faculdade pontifícia, por isso, sempre defendeu a tripla hierarquia social que era a *imago* da Trindade.³⁵⁵

Nos escritos lulianos também podemos perceber que a capacidade espiritual do papa fazia dele o pastor, a bússola que conduzia toda a cristandade nos caminhos retos da fé. Portanto, era uma das suas obrigações, liderar o movimento de recuperação dos territórios cristãos em Ultramar, mesmo que para isso fosse necessário se colocar diante do exército cristão, como estandarte e flâmula do cristianismo.³⁵⁶

Além das questões de liderança para os missionários, também eram necessários recursos econômicos: “As despesas seriam relativamente pequenas se comparadas

³⁵⁴ HELLMANN, Walter. *Escritos sobre teoría política medieval*. Buenos Aires: Eudeba, 2003, p. 107-146.

³⁵⁵ Sobre a questão da hierarquia, cf. DUBY, Georges. *As três ordens ou o imaginário do Feudalismo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994, p. 85-88.

³⁵⁶ ANTONIO OLIVER, C. R. El poder temporal del papa según Ramón Llull y postura de éste relativa a las controversias de su tiempo. In: *EL*, vol. V, 1961, p. 99-131.

com os bens da Igreja, pois há muitos bispos e prelados que, pessoalmente, poderiam cobrir essas despesas com a quinta parte de suas rendas”.³⁵⁷

Para Llull, todos os recursos e bens terrenos foram cedidos por Deus para a fruição daqueles que O seguem com a *primeira intenção*: conhecer, honrar e amar a Deus, o que pode ser traduzido com o Primeiro Mandamento, “Amar a Deus sobre todas as coisas”.³⁵⁸

Os recursos da Igreja que viessem da cobrança do dízimo, assim como parte dos bens dos reinos cristãos, deveriam ser convertidos para a realização desse propósito glorioso.³⁵⁹ Afinal, esse projeto missionário era algo muito necessário e urgente, pois a “seita de Maomé”, que era “cheia de contradições e lasciva”, já levava centenas de almas para o Inferno, e levaria outras milhares à medida que avançava “como uma sombra sobre a Terra”.³⁶⁰

357 RAMON LLULL. *Livro do fim*, op. cit., p. 79, nota 171

358 Cf. nota 235.

359 Bens da igreja terrestre utilizados para financiar a cruzada.

360 CARRERAS i AUTAU, op. cit, p. 250, nota 1.

3. DA CRUZADA ESPIRITUAL: FORMAÇÃO E DIÁLOGO COM OS INFIÉIS

Depois de resolvidas as questões relativas às finanças e à unidade do credo cristão, seria o momento, para Ramon Llull, de iniciar a *cruzada espiritual*. A forma de ação cristã seria pacífica. Os missionários buscariam, acima de tudo, dialogar com os infiéis.

Contudo, para que esse diálogo se tornasse profícuo, era necessário preparar os missionários no que se referia ao conhecimento do credo, da cultura e da língua de seus destinatários, como também o método de abordagem e diálogo necessários:

Para converter os infiéis se seguirá esta ordem: o senhor papa e os senhores cardeais elegerão um cardeal de vida santíssima, fervoroso e instruído nas Sagradas Escrituras, (...) esse cardeal fará construir quatro monastérios fora das cidades, em lugares apropriados e agradáveis, com os bens da Igreja, dotando-os perpetuamente com rendas suficientes, de tal maneira, que aí possam viver os aprendizes de línguas como disse, e aí disponham de livros suficientes e de mestres que os ensinem.³⁶¹

O passo seguinte para a boa realização desse “negócio santo” seria a seleção dos futuros missionários:

Nesse *Livro* se vê e se demonstra que o senhor cardeal, delegado do *sumo pontífice* para esse negócio, teria mensageiros e homens de leis que enviaria para investigar fielmente entre todo o clero quais homens instruídos e devotos desejariam se aplicar em aprender aquelas línguas, com vontade de suportar com grande amor e paciência esse esforço e desgosto, e, finalmente, morrer pelo Filho de Deus e Nosso Senhor Jesus Cristo, que não temeu sofrer a morte por eles.³⁶²

361 RAMON LLULL. *Livro do fim*, op. cit., p. 79-80, nota 171.

362 Ibid.

Aqui vemos transparecer a doutrina paulina da *União Mística com Cristo* que culmina com o martírio,³⁶³ quando, mediante a ação do Espírito Santo pelo batismo, os cristãos passam a viver a mesma vida do Cristo morto e ressuscitado, relembra por meio da celebração eucarística, ou seja, o Mistério Pascal.³⁶⁴

A teoria luliana que subjaz a todo esse procedimento político-teológico tem como pilar Paulo. Em sua *Carta aos Gálatas*, ele afirma: “(...) Fui crucificado junto com Cristo. Já não sou eu quem vivo, mas é Cristo que vive em mim. Minha vida, presente na carne, eu a vivo pela fé no Filho de Deus”.³⁶⁵

Dessa forma havia uma permutação entre Cristo e aqueles que escolheram viver Nele, estes estavam destinados à salvação e a glória eterna. Quanto à garantia da salvação, Paulo afirmava:

Vós não estais na carne, mas no espírito, se é verdade que o Espírito de Deus habita em vós, pois quem não tem o Espírito de Cristo não pertence a ele. Se, porém, Cristo está em vós, o corpo está morto pelo pecado, mas o Espírito é vida pela justiça.

E o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos dará vida também a vossos corpos mortais, por meio do Espírito, que habita em vós.³⁶⁶

Essa relação de identidade do crente com Cristo é tão grande que os textos paulinos nos fornecem um riquíssimo vocabulário: compadecer,³⁶⁷ co-crucificados,³⁶⁸ co-

363 CAVALCANTE, op. cit., p. 85, nota 351.

364 Ibid, p. 80-81.

365 Gl 2, 19-20.

366 Rm 8, 9-11.

367 Rm 8, 17.

368 Rm 6, 6; Gl 2, 9.

mortos,³⁶⁹ co-sepultados,³⁷⁰ co-glorificar,³⁷¹ co-sentar na Glória,³⁷² co-reinar,³⁷³ co-corporais,³⁷⁴ co-herdeiros,³⁷⁵ co-participação no Evangelho³⁷⁶ e na Graça,³⁷⁷ co-alegrar-se,³⁷⁸ co-imitadores,³⁷⁹ con-formes ao Filho³⁸⁰ e ao seu corpo de Glória,³⁸¹ co-beneficiados com ele,³⁸² ocultos e manifestados com Cristo.³⁸³

Todas essas metáforas utilizadas para denominar a relação humana com o divino dão testemunho da participação da essência divina no homem, daqueles que são de Cristo a partir do momento que se unem à *ecclesia* cristã.

É pela garantia da glória demonstrada através do sacrifício de Cristo que os missionários da conversão luliana que fossem pregar entre os infiéis não deveriam temer nem mesmo a morte, pois seus corpos ressuscitariam como “corpos espirituais” pela ação do Espírito Santo³⁸⁴, pois aqueles que são testemunhas da Verdade de Cristo serão desprezados, perseguidos, humilhados, rejeitados e, para coroarem sua missão, terão um destino próximo ao de Cristo, seguindo assim a *conformitas crucis* que Ramon Llull descreve em suas obras e que também está presente nos textos paulinos:

369 2Cor 7, 3.

370 Rm 6, 5.

371 Rm 8, 17.

372 Ef 2, 6.

373 1Cor 4, 8.

374 Ef 3, 6.

375 Rm 8, 17.

376 1Cor 9, 23.

377 Fl 1,7.

378 1Cor 12, 26.

379 Fl 3,17.

380 Rm 8, 28.

381 Fl 3,21.

382 Rm 8, 32.

383 Cl 3,5s. A relação citada acima foi retirada de CAVALCANTE, op. cit., p. 81-82, nota 351.

384 Rm 8,11.23; 1Cor 15, 44-49; 2Cor 5,1-5; Ef 1,14.

Quanto a mim, não aconteça gloriar-me a não ser na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, por quem o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo.

De resto, nem circuncisão é alguma coisa, nem a incircunsição, mas a nova criatura [...]. Doravante, ninguém mais me moleste. Pois eu trago em meu corpo as marcas de Jesus.³⁸⁵

Assim, aqueles que desejassem seguir por esse caminho dedicado à missão deveriam estar dispostos a qualquer sacrifício para a sua realização, mesmo que tivessem que oferecer-se como objeto de imolação, e doarem a própria vida. “Uma vez encontrados esses homens, sendo ou não religiosos, eles receberiam imediatamente uma licença do papa para irem aos ditos mosteiros e habitá-los”.³⁸⁶ Nos mosteiros, por sua vez, receberiam a formação necessária.

É interessante destacarmos também toda a simbologia que envolve essa comunidade missionária, assim explicada por Llull.

Parece-me suficiente que nesses mosteiros viva uma comunidade de doze e um superior que complete o décimo terceiro. Restaria estabelecer que, quando dois houvessem aprendido as línguas, fossem enviados a pregar e entrassem dois novamente.³⁸⁷

A simbologia do número treze foi muito importante para a Idade Média. Ele representa a Última Ceia, momento em que Cristo estava reunido entre os seus apóstolos e sabia quem iria lhe trair.³⁸⁸ Os missionários nunca deveriam se esquecer do sacrifício feito por Cristo pela Humanidade em pecado, que, mesmo com esse ato

385 Gl 6,14-15.17.

386 RAMON LLULL. *Livro do fim*, op. cit., p. 79, nota 171. No início da sua atividade, ele recebeu a autorização de Jaime II de Maiorca, após suas obras terem sido aprovadas, para fundar o mosteiro de Miramar. Contudo, a sorte de Miramar nos é conhecida, e não foi boa: sete anos após sua fundação, Llull ainda o descreve como o modelo para todos os outros mosteiros que deveriam ser fundados; mas, dez anos depois, já era visto como uma causa perdida. O território de Maiorca foi perdido por Jaime II e, por fidelidade a esse rei, Ramon se afastou de Maiorca por vários anos. GAYÁ, op. cit., p. 18, nota 12. Para o conceito de colégio, cf. nota 101.

387 RAMON LLULL. *Livro do fim*, op. cit., p. 79-80, nota 171.

388 TREZE. In: CHEVALIER, op. cit., p. 902-903, nota 98.

de amor, não O reconhecia como seu verdadeiro mestre.³⁸⁹

O número treze é um número que representa uma “evolução fatal em direção à morte”.³⁹⁰ Os missionários que fossem para esses monastérios também sabiam que o martírio poderia ser necessário.

Aqueles que abraçassem a causa da recuperação dos Lugares Santos e da conversão dos infiéis seriam destinados a quatro monastérios, e ordenados quanto ao estudo de línguas da seguinte forma: “no primeiro se ensinaria a língua dos sarracenos, no segundo o hebraico, no terceiro, a língua dos cismáticos, e no quarto, a dos tártaros ou pagãos”.³⁹¹

Mas se os cristãos não conheciam essas línguas, quem iria ensiná-las aos missionários? Os mestres seriam recrutados nos lugares onde houvesse o uso e o conhecimento do idioma.

Para contratar mestres dessas línguas, o indicado senhor cardeal enviaria mensageiros aos respectivos países, onde encontrariam homens pobres que, de bom grado e atraídos pelo lucro, viriam ensinar os sobreditos homens valentes.³⁹²

Essa forma de ordenação do ensino das línguas era necessária para evitar a incompreensão e a zombaria que os infiéis poderiam fazer com os missionários lulianos, caso não conhecessem sua língua, filosofia e costumes.

389 RAMON LLULL. *Livro do fim*, op. cit., p. 79-80, nota 171.

390 TREZE. In: CHEVALIER, op. cit., p. 902-903, nota 98.

391 RAMON LLULL. *Livro do fim*, op. cit., p. 91-93, nota 171.

392 RAMON LLULL. *Livro do fim*, op. cit., p.80, nota 171.

Esses monastérios seriam construídos em terras de cristãos, próximos do mar, já que alguns fervorosos religiosos, movidos por devoção, vão algumas vezes aos países bárbaros para converter os infiéis, mas como não aprenderam à língua deles conosco, bem pouca coisa podem fazer lá.

Não temos aqui efetivamente quem os instrua bem em línguas estrangeiras – e disso tenho experiência, pois fui um desses; assim, os infiéis riem e menosprezam o que eles pregam ou dizem por que se expressam de forma muito confusa pela deficiência de sua fala.

De maneira semelhante, quando disputam com os infiéis mediante intérpretes, tampouco esclarecem as coisas, por que os intérpretes não captam o sentido da fé cristã nem sabem palavras suficientes para expressar nossa fé.³⁹³

Ao final dessa explicação da ordem a ser seguida, Ramon faz uma apelo emocionado e pede urgência para que seus propósitos sejam postos em prática. Destaca os frutos espirituais que colheriam aqueles que assim agissem:

Ah, senhor papa, como serás bendito! Oh, senhores cardeais, que recompensa recebereis (sobretudo o cardeal que reger esse negócio)!

Começais, por Deus, começais! Vem a morte e já serão passados e estudados mil anos em que esse negócio não foi iniciado. As palavras não foram lamentadas nem os dinheiros escamoteados, os mesmos dinheiros que, talvez, bispos ou prelados não gastam ao serviço de Deus. E, no entanto, não custaria mais do que disse. Não sabeis que os sarracenos educam “assassinos” para objetivos temporais do mundo presente?³⁹⁴

Não seria algo de se admirar se educássemos santos para multiplicar a honra de Jesus Cristo e a salvação dos gentios? Já disseram os apóstolos a Jesus Cristo: “Aqui temos duas espadas”.³⁹⁵ Ele respondeu: “É suficiente”. Com isso, fez entender que tínhamos de guerrear com a pregação e com as armas contra os homens infiéis. Não sabeis o que Cristo disse: “Quem não está comigo, está contra mim?”³⁹⁶, e que ele já significou o comando desse negócio quando disse: “Estima o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração”, etc.³⁹⁷

393 RAMON LLULL. *Livro do fim*, op. cit., p.80, nota 171

394 Para a Seita dos Assassinos, cf. LEWIS, Bernard. *Os Assassinos. Os primórdios do terrorismo no Islã*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

395 Lc 22, 38.

396 Mt 12, 30.

397 Mt 22, 37.

3.1. DOS INSTRUMENTOS NECESSÁRIOS PARA O DIÁLOGO

Os primeiros missionários versados na *Arte* e conhecedores dos idiomas dos infiéis seriam enviados para pregar entre os círculos de sábios muçulmanos.³⁹⁸ Mas como esse era o principal propósito do projeto luliano, deixaremos para analisá-lo mais à frente.

Quando estivessem entre os infiéis, os missionários deveriam dialogar com eles. Para que esse diálogo tivesse resultados positivos, fazia-se necessário cumprir duas condições: restaurar o “*estilo dos apóstolos*” e dispor-se a um diálogo respeitoso, utilizando as “*razões necessárias*”, caminho pelo qual aquele que crê era convidado a compreender e aquele que não crê obteria as respostas necessárias de forma abrangente para entender racionalmente os argumentos da fé.³⁹⁹

Llull tinha uma profunda convicção de que essa era chave para a interpretação do credo latino. Era a partir dessa nova forma de diálogo, que possibilitava a “demonstrabilidade” das verdades da fé, que a *Arte* luliana se inseriu no campo dos debates filosófico-teológicos da época.⁴⁰⁰ Para Ramon, esses eram os verdadeiros instrumentos necessários para o sucesso de todos os seus planos, ou seja, para a salvação da cristandade.⁴⁰¹

398 RAMON LLULL. *Livro do fim*, op. cit., p.81-82, nota 171.

399 GAYÁ, op. cit., p. 19, nota 12.

400 Cf. nota 1.

401 GAYÁ, op. cit., p. 20, nota 12.

3.2. A CONTEMPLAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE APREDIZAGEM DOS MISSIONÁRIOS

A contemplação também faria parte do aprendizado dos futuros missionários que pretendiam participar desse projeto missionário.⁴⁰² Por meio da contemplação, o cristão elevaria seu intelecto ao mundo espiritual e alcançaria compreensão dos preceitos relativos à sua própria fé.

Assim como cria na possibilidade de vislumbrar as luzes das estrelas distantes da terra, o crente também teria confiança que vislumbraria o mundo supralunar através do *êxtase místico*.⁴⁰³ Isso contribuiria para que o missionário tivesse a coragem necessária e o ato supremo da virtude: entregar-se ao martírio.⁴⁰⁴

A partir de então, já seria possível iniciar a análise das especificidades do diálogo com os cismáticos, os infiéis e os pagãos. Pois após percorrer esta fase de aprendizado, o missionário estaria preparado para realizar sua missão.

Após todo esse itinerário pela mente luliana, espero que você, leitor, também esteja mentalmente ambientado e concentrado para continuar nossa viagem. Pois, para compreender Ramon Llull e seu grande projeto missionário, torna-se necessário uma boa ambientação histórico-intelectual para alcançar o conhecimento do que ele

402 Tal como expõe Llull, o **processo de contemplação** respeita a estrutura do conhecimento e segue os mesmos passos. Assim, por exemplo, quando diz que parte do “dizer”, assume o papel da palavra (através do sentido do *affatus*), que se completa no conhecimento da realidade. Seguimos, depois, um processo de ascensão do entendimento que contempla e reflete as verdades criadas, seguindo o esquema ascensional do conhecimento, que vai do sensível até o intelectual e o espiritual. GAYÁ, op. cit., p. 22, nota 12.

403 Para o conceito de **teoria da iluminação**, cf. 113. “A *mística* se define basicamente pela crença da possibilidade de uma comunicação direta entre o homem e Deus, o *êxtase*. Os místicos medievais tinham como base filosófica os tratados neoplatônicos, especialmente a obra de Proclo e do Pseudo-Dionísio.” COSTA, op. cit., nota 69.

404 GAYÁ, op. cit., p. 21, nota 12.

entendia como a verdade. Também era necessário ter um grande respeito pelo credo do outro, pois, inspirados pelo amor a Deus, somos impulsionados a amar o próximo.⁴⁰⁵

405 GAYÀ, op. cit., p. 111-117, nota 12.

4. O DIÁLOGO E A DISPUTA COM OS SARRACENOS

A visão luliana quanto à doutrina islâmica, o *Alcorão* e Maomé, foi demonstrada pelo maiorquino em uma das suas obras pedagógicas, a *Doutrina para Crianças* (1274), que Ramon escreveu para seu filho Domingos. Nela, ele emitiu a seguinte opinião:

Quando Maomé (...) foi à Vila de Triple e se fez profeta, disse que Deus o enviara ao povo daquela cidade para prometer que eles teriam, no Paraíso, a companhia de fêmeas, que comeriam manteiga e mel, beberiam vinho, água e leite, teriam belos palácios de ouro, prata e pedras preciosas, e teriam as vestimentas que desejassem.

Ele prometeu muitas dessas bem-aventuranças para que acreditassem. Jogou-se na terra retorcendo as mãos e os olhos quase como um endemoniado, dizendo depois que São Gabriel veio a ele e mostrou palavras de Deus que estão em seu livro chamado *Alcorão*. E que pela grande santidade de São Gabriel e de suas palavras, ele não podia se conter e, por isso, se jogava na terra.⁴⁰⁶

Por seus erros, Maomé é considerado na *Doutrina para Crianças* um homem enganador e pecador.⁴⁰⁷ Nessa obra, Llull desenvolve um discurso degradante sobre o Islamismo: “Maomé foi um homem enganador que fez um livro chamado *Alcorão*, e disse ao povo dos sarracenos que lhe foi dado por Deus, dos quais sarracenos Maomé foi o iniciador”.⁴⁰⁸

Ao descer do monte onde estivera em meditação por quarenta dias, Maomé foi até a cidade de Triple, também chamada de Medina, e lá prometeu a recompensa celestial àqueles que seguissem sua doutrina.⁴⁰⁹ Para juntar fiéis para esse novo

406 RAMON LLULL. *Doutrina para crianças*. op. cit., nota 59.

407 CRUZ PALMA, Óscar de la. La información sobre Mahoma en la *Doctrina Pueril* de Ramón Llull. Taula: Quaderns de pensament, n.º 37, 2002, pags. 37-49.

408 RAMON LLULL. *Doctrina pueril*., op. cit., nota 404.

409 Cf. nota 4.

credo, ele fez muitas promessas de glórias no Paraíso. É importante observarmos que o Paraíso islâmico estava, segundo Lull – e, conseqüentemente, a visão dos cristãos medievais – dividido em glórias corporais e espirituais, o que o diferenciava muito do ideal cristão de Paraíso.⁴¹⁰

Para Ramon, as promessas desse profeta são falsas e suas “iluminações divinas”⁴¹¹ também. O próprio Maomé, segundo o maiorquino, logo após a primeira recitação, se apavorou pensando estar louco ou dominado por um demônio, pois, na própria cultura árabe pré-islâmica existia a crença em gênios, os *jinnis*.⁴¹² Estes eram espíritos que zombavam dos humanos, muitas vezes os dominavam pelo resto da vida. Quem fosse tomado por um desses espíritos, muitas vezes considerados demônios, se tornavam charlatões, adivinhos, poetas ou cantores.⁴¹³

Como Ramon conhecia a cultura árabe e o *Alcorão*, ele considerou que as visões, iluminações e sonhos de Maomé,⁴¹⁴ através dos quais ele tomava conhecimento das *sunnas* corânicas, não passavam de possessões demoníacas.

410 Cf. nota 113.

412 GEISLER, op. cit., p. 25-32, nota 4.

413 Sobre a **iluminação de Maomé**, conta-se entre os islâmicos que, quando ele voltou a si, e depois da primeira aparição do anjo Gabriel, ficou em estado de terror e repulsa. Maomé estava horrorizado por pensar que poderia ter se tornado *kahin* (supostamente pessoa possuída por um *jinni*, um dos espíritos que pensavam que habitassem a paisagem e eram enganadores). Os árabes acreditavam que os poetas também eram possuídos pelos *jinnis*. Um bom exemplo disso é a narrativa de Hassan ibn Tabit, poeta de Yathrib, que se tornou muçulmano. Ele dizia que, quando recebeu a vocação poética, seu *jinni* lhe aparecera, jogara-o no chão e forçara os *peomas* a saírem de sua boca. Essa era a única forma de inspiração conhecida na Arábia. Maomé se apavorou com a idéia de que podia ter se tornado *majnun*, isto é, possuído por um *jinni*. Então correu para fora da gruta onde estava, e decidiu se jogar do seu cume em busca da morte. Mas na encosta da montanha teve outra visão, que o impediu e que, mais tarde, identificou com o anjo Gabriel. ARMSTRONG, Karen. *Uma história de Deus: quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 145-146. Para mais informações sobre a poesia árabe, ver PEREIRA, Rosalie Helena de Souza (org.) *O Islã clássico: itinerários de uma cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

414 Cf. nota 113; nota 66.

O maiorquino também acusa Maomé de ser um homem pecador, e afirma que suas leis tem muitos enganos.⁴¹⁵ Segundo ele, alguns versículos do livro sagrado dos islâmicos são compostos por uma linguagem confusa e misturam o credo, as normas sociais e os costumes, com canções luxuriosas, então o Alcorão jamais pode ser um milagre, como afirmou Maomé.⁴¹⁶

Quando lemos trechos referentes às mulheres e ao matrimônio entre os muçulmanos, encontramos os seguintes dizeres no *Alcorão*: “desposai tantas mulheres quanto quiserdes; duas ou três ou quatro. Contudo, se não puderes manter igualdade entre elas, então desposai uma só”.⁴¹⁷

O texto corânico diverge da monogamia cristã e da fidelidade conjugal defendida pela Igreja, e prega, segundo o olhar ocidental medieval, a prática constante da luxúria, da concupiscência, da devassidão e da volúpia, comportamentos considerados graves pecados pelos cristãos, pois satisfazem a carne e afastam o espírito das glórias celestes.⁴¹⁸

Para Llull, Maomé foi um grande embusteiro, impostor e pecador, nunca um profeta. Seu pecado ao instituir uma falsa religião se agravava um pouco mais a cada dia, pois seu credo “impregnado de mentiras” já havia levado para a danação eterna várias almas, antes mesmo de sua própria condenação espiritual ao morrer, e, a cada dia, mais e mais pessoas eram condenadas através de sua “seita perversa”.⁴¹⁹

415 GEISLER, op. cit., p. 32, nota 4.

416 RAMON LLULL. *Livro do fim*, op. cit., p.81-82, nota 171.

417 Alcorão, IV, 03.

418 CRUZ PALMA, op. cit, p.46, ver nota 407.

419 Ibid.

As penas recebidas por Maomé no Inferno também deviam se agravar a cada dia, pois além de professar uma falsa crença, denominou-se o último dos profetas e portador da mensagem divina. Mas sendo ele conhecedor do credo cristão com o qual teve contato enquanto era mercador, quando ainda vivia em Meca, tinha a consciência da verdade que é Cristo, e não agiu em prol da sua propagação. Pelo contrário, preferiu adquirir riquezas, poder e se tornar o chefe dos árabes e levar centenas de milhares de pessoas a agirem até mesmo pela força das armas para expandir a fé islâmica.

Os cristãos medievais entendiam que isso era um grande mal que se alastrou pelo mundo por meio da *jihad* islâmica, pois a religião muçulmana tem características universalistas e sua pretensão era – e é ainda hoje – a de chegar a todos os confins da Terra e assim converter toda Humanidade.⁴²⁰

Ramon advertia aos cristãos sobre os graves erros dos muçulmanos e demonstrava a necessidade de convertê-los ao cristianismo. Pois, aqueles que conhecessem as provas contra os erros dos muçulmanos em suas obras, pela caridade cristã e por interseção da misericórdia divina, não conseguiriam acomodar-se diante da condenação de tantas almas e até mesmo do possível desaparecimento do cristianismo sobre as trevas dessa “crença repleta de enganos e falsidades”.⁴²¹

Afinal, as promessas do paraíso islâmico eram muito sedutoras, e possibilitavam um eterno deleite corporal. Enquanto isso, a “verdadeira glória eterna”, o Paraíso

420 Cf. nota 19.

421 CRUZ PALMA, op. cit, p.46, ver nota 407.

cristão, por ser quase inacessível à compreensão do intelecto humano obscurecido pelo pecado, dificultava a compreensão e a busca pelos homens em seu caminho de lágrimas, sofrimentos e retidão.

Pois, se o próprio Filho de Deus não foi reconhecido como o Messias e sofreu morte de cruz, quão mais difícil seria ao intelecto humano racionalizar e compreender a Deus, compreender a Trindade e conceber a possibilidade da Encarnação. Contudo, Ramon conhecia o método que tornaria possível demonstrar todas as verdades do cristianismo latino.

4.1. DA CONVERSÃO DOS SARRACENOS

A conversão dos muçulmanos era o principal objetivo do projeto missionário-apologético de Ramon Llull. Mas esse plano era, acima de tudo, um projeto de amor do “Procurador dos infiéis”, o que significava converter pelo diálogo, não pela força.⁴²²

A conversão deveria ser um ato voluntário, um ato de liberdade. Por isso, a conquista das almas seria feita com *armas espirituais*, as mesmas armas que há centenas de anos foram utilizadas por Cristo e pelos apóstolos, e que converteram milhares de pessoas pela persuasão.⁴²³

422 SUGRANYES DE FRANCH, 1960, p. 275-276, nota 39; HILLGART, 1998, p.51.

423 Ibid.

As *armas corporais*, como a guerra e o cárcere, só seriam utilizadas para forçar os infiéis a ouvirem os missionários, caso oferecessem resistência à pregação. Para isso, eles receberiam no cárcere a visita de um missionário que estabeleceria uma disputa, e de lá certamente sairiam convertidos e, quando voltassem às suas terras de origem, converteriam todo seu povo ao cristianismo.⁴²⁴

E como os sarracenos “concordam com os cristãos em muitas coisas”, poderíamos “tentar nos aproximar deles com nossa fé”, pois, convencê-los dos seus erros não seria uma tarefa muito difícil se um missionário disputasse com eles utilizando as “razões necessárias”.⁴²⁵

O trabalho missionário luliano deveria se iniciar com os sábios do Islã, homens versados em Filosofia. Assim, a argumentação racional seria mais bem aceita por eles. Uma vez convencidos das verdades da fé cristã através dos argumentos racionais, eles continuariam o trabalho dos missionários e converteriam os maometanos iletrados.⁴²⁶

Na obra de Llull, os principais temas da disputa com os muçulmanos são a Trindade e a Encarnação. Sobre a Encarnação, Llull, afirma, no *Livro do Fim*:

Os sarracenos crêem que Nosso Senhor Jesus Cristo é Filho de Deus e Espírito. Porém não crêem que seja Deus. Crêem também que foi o melhor homem que jamais existiu, existe e existirá, que foi concebido por obra do Espírito Santo e nascido da Virgem Maria.⁴²⁷

424 RAMON LLULL. *Livro do fim*, op. cit., p. 79-80, nota 171; SUGRANYES DE FRANCH, 1960, p. 275-276, nota 39; LLINARÈS, op. cit., p. 16, 128, nota 42.

425 RAMON LLULL. *Livro do fim*, op. cit., p.81, nota 171.

426 RAMON LLULL. *Livro do fim*, op. cit., p.81, nota 171; SUGRANYES DE FRANCH, 1960, p. 275-276, nota 39; HILLGART, 1998, p. 51.

427 RAMON LLULL. *Livro do fim*, op. cit., p.81, nota 171.

Como os sarracenos crêem que Cristo foi apenas um homem, far-se-ia necessário provar Sua Encarnação, prova do Amor, da Bondade, da Sabedoria, e do Poder de Deus para com a Humanidade.⁴²⁸ Poder-se-iam prová-las pelo movimento extrínseco (*ad extra*) das dignidades divinas, pelas quais Deus doa a cada ser Seus atributos na medida exata. Porém, a maior prova do Seu amor foi descer do céu empíreo e se fazer homem para morrer na cruz e redimir a humanidade do pecado original.⁴²⁹

Os sarracenos também discordam da Trindade:

Os sarracenos crêem que há um só Deus. Porém, crêem que nós cremos em um Deus dividido em três partes, e que cada uma delas é Deus separada das outras duas. Crêem assim que nós cremos em três deuses distintos, e em um Deus composto deles em comum.⁴³⁰

Por sua vez, a Trindade pode ser provada através da teoria dos *princípios correlativos*. Cada *dignidade divina* se divide em Potência, Objeto e Ato (Bondade, o Bonificante e o ato de Bonificar), que resultam da atividade intrínseca (*ad intra*) das *dignidades*, pois se as *dignidades* de Deus fossem ociosas, Ele também seria ocioso, e isso é impossível.⁴³¹ O movimento das dignidades corresponde ao movimento intrínseco a Deus, que é Pai, Filho e Espírito Santo e corresponde ao agente, ao paciente e ao ato.⁴³²

428 CARRERAS I ARTAU, 2001, p. 495, nota 1; LLINARÈS, op. cit., p. 43, nota 42.

429 CARRERAS I ARTAU, 2001, p. 505-506, nota 1; BONNER I BADIA, op. cit., p. 35, nota 103.

430 RAMON LLULL. *Livro do fim*, op. cit., p.81, nota 171.

431 BONNER I BADIA, op. cit, p. 34-35, nota 103.

432 Ibid. p. 51.

4.2. DA ACEITAÇÃO DO USO DAS ARMAS PARA FORÇAR OS INFIÉIS AO DIÁLOGO, DA CRUZADA CORPORAL

Ao analisarmos a história da guerra, percebemos quatro possíveis formas causadoras dos combates: *defensiva*, para se proteger do inimigo; *social*, para vingar uma injúria sofrida; *econômica-política*, para adquirir bens e escravos, e *aristocrático-conquistadora*, para a manutenção do poder já conquistado por um grupo social.⁴³³

Duas formas se destacam ao analisarmos o combate entre cristãos e muçulmanos: a *guerra defensiva* e a *aristocrático-conquistadora*, que geraram na Idade Média uma grande valorização da casta militar cristã, os *milites*.⁴³⁴

Nos séculos XIII e XIV, a fronteira territorial mais marcante de toda a Europa medieval era aquela que separava cristãos e muçulmanos. A guerra entre eles, por quase toda a Idade Média, foi uma tentativa de delimitar e cristalizar essa fronteira.

No presente capítulo, tratamos do caso da Península Ibérica, o que torna necessário destacar as peculiaridades sociais dessa região. Pois, apesar de toda a mudança na sociedade do século XIII e o surgimento da burguesia nas áreas centrais da Europa (França, Inglaterra, Itália etc.) e na própria região de Aragão e Maiorca, o que prevaleceu como modelo ideal da sociedade hispânica foi a forma tripartida.

433 ARON, Raymond. *Paz e Guerra entre as Nações*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986, p. 450-454.

434 COSTA, Ricardo da. A cavalaria perfeita e as virtudes do bom cavaleiro no *Livro da Ordem de Cavalaria* (1275), de Ramon Llull (2001). In: FIDORA, A. e HIGUERA, J. G. (eds.), op. cit., p. 13-40. Disponível em: <http://www.unav.es/pensamientoclasico/publicaciones/CAF17.html>. Acesso: 10 de julho de 2006.

Como as sociedades centrais já não se enquadravam mais nesse modelo tripartido (clérigos, cavaleiros e camponeses) predominante nos séculos X e XII, a ordem dos comerciantes foi vista com grande preconceito por clérigos e leigos. O próprio Ramon Llull, não via com bons olhos esse novo tipo de atividade.⁴³⁵

Nessa construção do *imaginário social medieval*, (que não correspondia exatamente à realidade, visto que o próprio Llull percebia vários grupos sociais) os *oratores* vinham em primeiro lugar e possuíam uma missão fundamental: orar pela salvação das almas.⁴³⁶ Abaixo deles estavam os *milites* – indivíduos pertencentes à cavalaria – que, entre os séculos XI e XIII, transformaram-se lentamente em uma nobreza hereditária detentora de terras.⁴³⁷

Abaixo dessas duas estavam os camponeses, pés que sustentavam todo o corpo social⁴³⁸, indivíduos vinculados aos senhores pelo usufruto da terra e, em troca, o

435 El pensament pedagògic de Ramon Llull. In: BATLLORI, op. cit., p. 117, nota 89.

436 "Después de hablar con Dios a respecto de dos oficios liberales – el Derecho y la Medicina (y con un tono muy crítico y lamentoso) – Llull inicia sus meditaciones divinas sobre las *artes mecánicas*. Son esos los profesionales citados: 1) Mercaderes, 2) Marineros, 3) Juglares y trovadores, 4) Pastores, 5) Pintores, 6) Labradores, 7) Maestros de oficios y otros (son 35!: herreros, carpinteros, albañiles y tapiceros, orfebres y acuñadores, escribanos, zapateros, sastres, peleteros, tejedores, barberos, carniceros, cazadores con trampas y lazos, tenderos, molineros, cristaleros, alfareros y aceiteros, horneros, hortelanos, taberneros, alcaldes, vicarios, procuradores, alguaciles, carteros, pregoneros, cambistas, trajineros, jugadores, ballesteros, corredores, calafates y transportadores). ¡En el total de esta riquísima visión de la sociedad de su tiempo, Llull nos muestra dos oficios liberales (abogados y médicos), dos musicales (juglares y trovadores) y treinta y nueve oficios mecánicos! Su mirada hacia el mundo urbano se explica por la lenta y tenaz valorización del trabajo ocurrida en el siglo XIII. Oficios hasta entonces considerados viles o ilícitos fueron rehabilitados, como el de carnicero y el de hostelero." – COSTA, Ricardo da. Las definiciones de las siete *artes liberales* y *mecánicas* en la obra de Ramón Llull. In: *Revista Anales del Seminario de Historia de la Filosofía*. Madrid: Publicaciones Universidad Complutense de Madrid (UCM), vol. 23 (2006), p. 135-136. Disponível em <http://www.ucm.es/BUCM/revistas/fsl/02112337/articulos/ASHF0606110131A.PDF>. Acesso: 10 de janeiro de 2008.

437 COSTA, op. cit., nota 2.

438 LE GOFF, Jacques e TRUONG, Nicolas. *Uma história do corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro: Brasileira, 2006, p.161-172.

pagamento de impostos.⁴³⁹

Nessa divisão social funcional, a violência e a guerra eram questões cotidianas tanto para os detentores das armas quanto para aqueles que sofriam seus ataques ou tinham sua proteção. Pois a principal função dos cavaleiros, conforme o espírito cristão e os manuais de cavalaria, era lutar para proteger os mais humildes. Na prática, no entanto, nem sempre era isso que ocorria, devido à baixa penetração do cristianismo nas consciências de então.

Muitos cavaleiros transgrediam o estatuto de honra do bom cavaleiro, e atacavam pessoas que não tinham como se defender, como padres, viúvas, e camponeses.⁴⁴⁰

4.3. A GUERRA NA IDADE MÉDIA

Muito me agrada o alegre tempo da Páscoa que faz chegar as folhas e as flores (...) e o meu coração alegra-se quando vejo fortes castelos cercados (...) clavas, espadas, elmos de cores, escudos, vê-lo-emos feitos em pedaços desde o começo do combate (...) quando vejo, enfim, os mortos que, nas entranhas, tem ainda cravados os restos das lanças, com as suas flâmulas.

Bertrand de Born (1159-1197)⁴⁴¹

439 Ramon Llull oferece uma visão bem generosa dos **camponeses**: “**1.** Oh, Deus amoroso! De Vós seja conhecida toda a altura, toda a grandeza e toda a honra como livre Senhor. Bendito sejais Vós, pois vemos que os lavradores lavram a terra e a maduram para que dê fruto; e vemos, Senhor, que a terra que é mais bem lavrada e pensada é aquela que melhor dá fruto. Assim, se a terra, que é coisa morta, sem entendimento e sem razão, dá fruto onde é mais bem pensada e lavrada, da mesma forma a alma humana deixa dar fruto se o corpo é obediente e submetido às Suas virtudes. **2.** Glorioso Rei da glória, assim como os lavradores restituem a saúde à terra e a maduram para semear nela a semente, da mesma forma vemos que Vós, Senhor, tendes semelhantes homens pobres diante da presença de homens ricos para que os ricos dividam suas riquezas com os pobres, pois aquelas riquezas dão frutos e se duplicam para os homens ricos. **3.** Portanto, bendito sejais Vós, Senhor Deus, pois assim como haveis dado muitas e diferentes sementes aos lavradores para que semeiem a terra, da mesma forma haveis dado aos homens ricos muitas e diferentes riquezas para que eles possam dar e dividi-las com os homens pobres que, pelo Vosso amor, desejam ser pobres e adquiri-las dos homens ricos.”, RAMON LLULL, *O Livro da Contemplação*, Cap. CXXI (tradução: Ricardo da Costa).

440 COSTA, op. cit., nota 2.

441 BERTRAND DE BORN, apud. BLOCH. *A Sociedade Feudal*. Lisboa: Edições 70, s/d, p. 307.

Na passagem acima do poema do trovador Bertrand de Born podemos sentir a alegria do homem medieval ao participar de uma batalha. A guerra era uma festa, uma celebração social.⁴⁴² Eles iam para as batalha contentes, pois, pelo seu código de conduta, o guerreiro era digno de ser lembrado e ter seus feitos rememorados quando morriam bravamente em combate. Diversas *canções de gesta* descrevem os feitos gloriosos dos reis e de seus guerreiros.

Mas do outro lado da moeda, distante dos feitos gloriosos, existiam cavaleiros que dependiam da guerra para sobreviver. Estes eram denominados *mercenários*, pois vendiam sua bravura e força para o exército que mais lhe pagasse, como também, por sua participação em torneios. Formava uma casta interna a cavalaria que era denominada de cavaleiros andantes.⁴⁴³

Hoje é paradoxal pensarmos a guerra como fonte de vida, mas na Idade Média isso era natural, pois muitos mercenários necessitavam da continuidade das batalhas para garantir sua sobrevivência.

442 COSTA, Ricardo da. A Morte e as Representações do Além na Idade Média - Inferno e Paraíso na obra *Doutrina para crianças* (c. 1275) de Ramon Llull. In: *Anais Eletrônicos do IV Encontro da ANPUH-ES - História, Representações e Narrativas*. Vitória, 2003.

443 BLOCH, op. cit., p. 307-312, nota 31; ZUMTHOR, op. cit., p. 178-208, nota 51.

A guerra era uma atividade coletiva levada a cabo pela nobreza. No caso da Península Ibérica, a guerra foi durante o período da reconquista das terras dominadas pelos muçulmanos um fator de coesão interna entre os cristãos para expulsar os infiéis. Contudo, assim que a maior parte do território era conquistado pelos reis e senhores cristãos, surgiram as disputas internas, e as diferenças entre esses reinos nascentes transpareceram, o que suscitou divisões da Península Ibérica.

Essas querelas eram tão grandes que, até o final da Idade Média, como afirma o arcebispo de Toledo, Rodrigo Jiménez de Rada (1170-1247), a Ibéria era “o país dos cinco reinos”: Portugal, Castela, Leão, Navarra e Aragão.⁴⁴⁴

Contudo, apesar das particularidades locais, existem duas premissas sobre a guerra durante a Idade Média que merecem destaque. Esse período se caracterizou por uma grande insegurança endêmica, uma vez que, as práticas militares eram legitimadas e necessárias por causa das ameaças internas e externas aos territórios cristãos.⁴⁴⁵

Por outro lado, com o passar do tempo, para conter esse instinto belicoso, os conflitos passaram a ser resolvidos por instituições judiciais, representadas pela figura de um árbitro que podia ser um senhor feudal, um clérigo ou um monarca, cujo objetivo era regulamentar e limitar a *guerra justa*.⁴⁴⁶

444 RUCQUOI, op. cit., nota 272; COSTA, Ricardo da, op. cit., p. 30, nota 6 e BONNASSIE, op. cit., p. 189, nota 53.

445 CARDINI, Franco. GUERRA E CRUZADA. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean Claude (coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval I*. São Paulo: Imprensa Oficial / EDUSC, 2002, p. 473.

446 Ibid.

Entretanto, essa arbitragem nem sempre foi eficaz. Muito antes, desde o séculos X, essas instituições judiciais serviram para fortalecer ainda mais a nascente ordem da cavalaria, única ordem social que possuía o direito de portar armas, o que lhes conferia um enorme poder. Na prática, esse poder se converteu em violência contra homens e bens. A guerra era feita para se alcançar ou manter o poder e para aumentar os bens privados com espólio de guerra.⁴⁴⁷

Outras formas dos cavaleiros aumentarem suas posses era a participação em torneios⁴⁴⁸ e os resgates pagos em troca da vida dos prisioneiros de guerra. Essas práticas eram muito comuns entre todos os guerreiros, porém, os mercenários faziam dela algo habitual.⁴⁴⁹

Toda essa violência fez surgir uma *teoria da guerra*, tentativa de institucionalizar o combate e aliviar o peso da destruição sempre paga pelos mais humildes. A partir do século XI, ressurgiu o ideal de *guerra justa*, – teorizado no século IV por Santo Agostinho –, na tentativa de diminuir os conflitos. *A guerra justa* possuía três características:

1. Teria que ser autorizada pelo príncipe;
2. Sua causa deveria ser uma injustiça cometida pelo atacado, em autodefesa;
3. Seu objetivo era restabelecer a paz entre os dois lados beligerantes, isto é, fazer o bem e evitar o mal.⁴⁵⁰

447 BLOCH, M. op. cit, p. 311, nota 31.

448 COSTA, Ricardo da. Os torneios medievais. In: *Boletín Electrónico de la Sociedad Argentina de Estudios Medievales (SAEMED)*, año II, n. 3, Abril/Julio de 2008. Disponível em <http://webs.uolsinet.com.ar/jorgerg/boletin>. Acesso: 15 de maio de 2008.

449 Ibid, p. 309-312.

450 CARDINI, F. op. cit., p. 475, nota 20.

Surgiram também nessa época os códigos das ordens de cavalaria,⁴⁵¹ que pregavam a honra do cavaleiro, e expressavam a obrigação dos cavaleiros de defender os indefesos e combater por Cristo, a *guerra santa*.⁴⁵² Isso contribuiu para a criação das *ordens militares*.

O principal objetivo dessas ordens era acabar proteger os peregrinos à Terra Santa e com os conflitos entre os cristãos, direcionando todo potencial belicoso do Ocidente para além de suas fronteiras. Desse cenário descrito acima surgiu o movimento das cruzadas.⁴⁵³

4.4. A GUERRA NO TERRITÓRIO DE FRONTEIRA

No início do século XIII, a maior parte das terras da Península Ibérica que estiveram por alguns séculos sob a posse dos muçulmanos já havia sido recuperada pelos cristãos. Contudo, restavam ainda algumas áreas, como o Levante e as Ilhas Baleares.⁴⁵⁴

A conquista desses territórios foi comandada por Jaime I, o *Conquistador*, rei de Aragão (1213-1276), que aproveitou a fraqueza dos territórios mouros após a Batalha de Las Navas de Tolosa (1212) para reconquistar Maiorca e as Ilhas

451 Um importante código desse tipo é o *Livro da Ordem de Cavalaria* escrito entre 1279 e 1283, que se insere nessa tradição ideológica de construção de um ideal de ética da cavalaria fundamentada nos valores de moralidade cristã. RAMON LLULL. *O Livro da Ordem de Cavalaria (1279-1283)* (trad., apres. e notas de Ricardo da Costa). São Paulo: Editora Giordano, 2000.

452 Cf. nota 19.

453 CARDINI, F. op. cit., p. 476, 478-479, nota 20.

454 LLINARÈS, op.cit., p. 13-14, nota 42; BONNASSIE, op. cit., p. 210-212, nota 53.

Baleares (1229-1235).⁴⁵⁵ Em quase todos os territórios reconquistados, Jaime impôs aos muçulmanos o pagamento de impostos, mas respeitando suas leis e seus costumes, com a condição de dividirem a cidade com os cristãos, fator importante para a formação de uma corporação militar fiel ao rei. Após as conquistas, todos os participantes cristãos tinham que jurar fidelidade ao rei, que, em troca, lhes concedia terras.⁴⁵⁶

Maiorca, após a reconquista (1231), tornou-se uma região singular, dando origem a um espaço econômico plural que favorecia as relações comerciais e políticas. Os *mudéjares* maiorquinos,⁴⁵⁷ maometanos que ficaram na ilha por não ter para onde ir, foram inseridos na nova sociedade como cativos, *casatos*⁴⁵⁸ ou livres que pagavam impostos aos cristãos.⁴⁵⁹ Os judeus também estavam presentes nessa sociedade de fronteira. Alguns inclusive receberam terras nas repartições,⁴⁶⁰ outros ocupavam importantes cargos administrativos.

Por ter convivido intimamente com a corte maiorquina, Ramon conhecia muito bem a política e a diplomacia da região. Estava acostumado a se relacionar com príncipes, reis e senhores de diversos lugares.⁴⁶¹ Isso facilitou posteriormente seus contatos para divulgar seus projetos de conversão dos infiéis e unificação da *Christianitas*,

455 LLINARÈS, A. loc. cit., p. 220. Para a batalha de Las Navas de Tolosa, ver COSTA, Ricardo da. Amor e Crime, Castigo e Redenção na Glória da *Cruzada de Reconquista*: Afonso VIII de Castela nas batalhas de *Alarcos* (1195) e *Las Navas de Tolosa* (1212). In: OLIVEIRA, Marco A. M. de (org.). *Guerras e Imigrações*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2004, p. 73-94.

456 Cf. nota 81.

457 Árabes, seguidores do islamismo na Espanha Cristã. MENOCA, Maria Rosa. *O ornamento do mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 51.

458 Com liberdade parcial

459 IRADIEL, Paulino; MORETA, Salustiano; SARASA, Esteban. *Historia medieval de la Espana cristiana*. Madrid: Cátedra, 1989, p. 354.

460 RUCQUOI, A. op. cit., p. 179, nota 472.

461 CARRERAS I AUTAU, op. cit, p. 239, nota 1.

objetivos que só seriam viáveis com a realização de uma *passagem*, isto é, uma expedição de conquista dos territórios dominados pelos infiéis, localizados dentro e fora da Europa.

4.5. A GUERRA NA OBRA DE RAMON LLULL

Para analisar esse contexto, apresentamos as estratégias de guerra que o filósofo Ramon Llull formulou para reconquistar a Terra Santa dos muçulmanos. Para isso, analisaremos suas obras intituladas *Livro da Passagem* (1292),⁴⁶² *Livro do Fim* (1305)⁴⁶³ e *Livro da Aquisição da Terra Santa* (1309).⁴⁶⁴

No *Livro da Passagem*, primeira obra escrita por Llull logo após a queda do último reino latino no oriente, São João de Acre (1291), foi dedicada ao papa Nicolau IV (1288-1292).⁴⁶⁵ A primeira parte da obra Llull denominou *Como a Terra Santa pode ser recuperada*. Nela, o maiorquino descreve qual a melhor forma para os cristãos derrotarem os sarracenos, e demonstra as vantagens do exército sarraceno sobre os cristãos (e vice-versa).⁴⁶⁶

A primeira vantagem dos exércitos muçulmanos sobre os cristãos era a liberdade de locomoção e movimento, pois os sarracenos não usavam armaduras pesadas que os cristãos portavam, e que limitavam muito a mobilidade destes. Outra vantagem dos sarracenos ao lutarem com os cristãos era, para o filósofo agora estrategista, a formação e divisão do exército.

Os sarracenos tinham “um só chefe para cada dez, outro para cem, outro para mil e assim por diante. E quando algum deles era desobediente, o chefe era quem sofria o

462 Cf. nota 160.

463 Cf. nota 171.

464 Cf. nota 164.

465 Cf. nota 157.

466 Cf. nota 164.

castigo”.⁴⁶⁷ Se os cristãos utilizassem essa forma de ordenação, poderiam inibir no exército as lutas pelo comando das tropas.

Na segunda parte do *Livro da Passagem*, Ramon descreve a forma de guerrear por mar e por terra contra os sarracenos. Quando os cristãos fossem atacar os sarracenos pelo mar, era necessário uma providência prévia, qual seja, a destruição dos mercadores sarracenos, pois isso aumentaria o número de mercadores cristãos pelos mares.

Esse gesto bélico também possibilitaria aos cristãos dominarem as terras costeiras dos territórios sarracenos. Essa diminuição de seus recursos impossibilitaria a guerra e a sua defesa contra os ataques cristãos.⁴⁶⁸

Tomadas essas providências no combate pelo mar, a guerra por terra seria muito mais fácil. Inicialmente os cristãos deveriam aprender o modo de guerrear dos sarracenos. Esse era um importante stratagema para os cristãos alcançarem a vitória.⁴⁶⁹

No *Livro do Fim* (1305), a segunda distinção trata sobre a *Maneira de se fazer a guerra*. Analisaremos sua quarta parte, que é sobre o *Lugar*. Nela, são descritos os cinco caminhos que os cristãos poderiam seguir para conseguir tomar posse da Terra Santa, que são:

467 Ibid.
468 Ibid.
469 Ibid.

1. “A rota através da terra do imperador de Constantinopla e dos turcos, seguindo depois pelas terras da Armênia e da Síria”;
2. A passagem “pela ilha chamada Roseta, situada à margem de Alexandria”;
3. A conquista “pelo mar em direção a Chipre, pela Armênia”;
4. Pela “Tunísia” e
5. Pela “Espanha, isto é, a Andaluza, onde há Almeria, Málaga e Granada”.⁴⁷⁰

De todos esses caminhos, Ramon aconselhava o último, pois, considerava-o o mais agradável. A rota a ser seguida passava pelo “mar e pelos reinos de Aragão e de Castela”. Além disso, a Espanha abasteceria o exército com cavalos e alimentos, por ser uma região fértil.⁴⁷¹

A guerra teria início com um pequeno exército que conquistaria, uma a uma, as fortalezas e vilas, multiplicando as forças cristãs. Depois de conquistada a Andaluza, o exército cristão passaria para Barbária Maior, Ceuta, Túnis, até chegar à Terra Santa de Jerusalém, para, em seguida, conquistar todo o Egito.⁴⁷²

A outra obra em que Ramon abordou esse tema foi o *Livro da Aquisição da Terra Santa* (1309), entregue pelo próprio autor ao papa Clemente V, que, nessa data, residia em Avignon. Na *Primeira Parte* da Primeira Distinção, o maiorquino trata da organização do exército cristão para conseguir a vitória com as armas. Esta parte se subdivide em seis temáticas, das quais expomos apenas aquelas que se relaciona diretamente com nosso trabalho.

Primeiramente, sobre as *galeras*. Os cristãos têm em maior número que os sarracenos, o que proporciona àqueles um controle dos mares, estratégia

470 RAMON LLULL. *Livro do fim*, op. cit., p. 99-100, nota 171.

471 Ibid.

472 Ibid.

fundamental para impedir que o comércio marítimo dos sarracenos se desenvolva ainda mais e enriqueça comerciando com pérfidos cristãos que só pensam em seu lucro e não vislumbram o fato de estarem abastecendo o exército inimigo de recursos financeiros. Os cristãos também deveriam atacar o litoral das terras dos sarracenos, causando-lhes muitos danos.

A segunda arma superior do exército cristão era o uso da *balistas* e dos *balisteiros*,⁴⁷³ homens que iriam combater contra os arqueiros sarracenos, “pois os cristãos possuem a máxima abundância de lanças e dardos. E de perto, com lanças e dardos, os balisteiros vencem os arqueiros, e de longe, também a espada e as próprias máquinas”.⁴⁷⁴

Ramon encerra essa parte da obra louvando a superioridade cristã com as seguintes palavras: “Esta vantagem a Sabedoria dispõe, organiza, delibera e indica no sujeito que está habituado, gera a Justiça e a Prudência e o mesmo do Poder e também da Caridade (...)”.⁴⁷⁵

Ramon também repreende aqueles que não seguem seu preceitos: “(...) se o sujeito é rebelde, não age conforme as supracitadas disposições (...) aguarda perpetuamente as penas infernais, pois Deus, que é Justo, Poderoso e Sábio, não pode ser coagido nem enganado”.⁴⁷⁶

473 **Catapulta**, máquina romana de guerra com a qual se arremessavam flechas ou pedras. A besta, ou balestra, era uma arma portátil de arremesso de dardos extremamente eficiente na penetração das cotas de malhas, escudos e armaduras. Seu uso foi restringido, a partir do século XI, pela Igreja, sendo ameaçado de excomunhão quem fizesse uso dela contra cristãos. Dessa forma, ela foi implicitamente permitida apenas na guerra contra os muçulmanos. COSTA, op. cit., p. 113, nota 21.

474 RAMON LLULL. *Livro do fim*, op. cit., p. 100-101, nota 171.

475 Cf. nota 164, p. 108.

476 Ibid.

O *Livro do Fim* foi uma das últimas obras lulianas em que o tema das cruzadas foi abordado. Nele, temos a melhor coletânea de tudo aquilo que Ramon considerava belicamente necessário para realizar seu projeto missionário. A obra foi um dos últimos suspiros de esperança do “*Procurador dos infiéis*”, uma tentativa de convencer os líderes da cristandade a realizarem tal empresa, sempre imbuídos do ideal apostólico de conversão e expansão do cristianismo latino.

Após o Concílio de Vienne (1311), quando mais uma vez apresentou suas propostas à corte clerical, Llull decidiu partir para o Norte da África, para pôr em prática pessoalmente seu método: pregar entre os infiéis e se preciso fosse, sofrer o martírio.

Ele conclui a obra demonstrando sua paixão por seu Amado e dor por se considerar uma voz silenciosa que clamava no deserto. Llull dedicou o *Livro do Fim* ao Espírito Santo, a Terceira Pessoa da Trindade que é Amor, pois somente o amor divino seria capaz de “aperfeiçoar e completar tudo o que nela fora descrito”.⁴⁷⁷

Seus projetos deveriam ser levados adiante para que os cismas cristãos acabassem, os credos judaico e islâmico impregnados pelos erros fossem reformados, e os pagãos tivessem o direito de conhecer a verdade da fé católica romana. Quando tudo isso tivesse se realizado, a paz e a concórdia reinariam na Terra. Essa era a doce utopia de Ramon Llull.

477 RAMON LLULL. *Livro do fim*, op. cit., p. 111, nota 171.

5. CONCLUSÃO

Mesmo admitindo o uso da força para alcançar a conversão dos infiéis, Ramon Llull continuou sendo um pacifista ao longo dos anos em que andou, viajou, pediu, implorou, chorou, lamentou e, por fim, enfrentou e tentou realizar a conversão dos muçulmanos. Um gesto de amor, um gesto que colocava todo cristão diante de seu maior dever – *viver a fé de forma plena*.

Essa proposta luliana permaneceu sempre centrada e atrelada ao preceito bíblico de “amar e servir a Deus com toda a mente e todo o coração”. Esse era o seu modo de convoca a todos, laicos e religiosos, a abraçar seu programa missionário.

Antes de tudo, no entanto, o próprio cristão deveria *compreender a sua fé*. Detentor do intelecto, da alma racional, o homem deveria ir além do simples ato de crer. Era quase uma obrigação da criatura portadora de alma e corpo amar Deus de forma igual com seu intelecto – esforçando-se para alcançar a compreensão racional com sua vontade – e sentindo todo o amor divino destinado aos homens em cada elemento da criação.

Ao refletir de forma plena, de corpo e alma, sobre Deus, o filósofo pensava que o homem compreenderia os propósitos divinos e seguiria a vida virtuosa aristotélica, sendo exemplo para todos aqueles com quem ele realizaria o diálogo, quando iniciasse sua missão.

Assim, todo cristão cumpriria a vontade de Deus ao *converter os infiéis* e se completaria o círculo da vida cristã, nascimento ou morte. O cristão *escolheria a vida* através de sua preocupação espiritual e intelectual. Pois a missão também necessitava do debate teológico-científico que possibilitaria uma tomada de consciência do outro, da “outra” cultura. Algo muito próximo àquilo que nos é conclamado por Bento XVI em seu discurso “*«Fé, razão e universidade: Recordações e reflexões»*”, proferido em 2006.

Hoje podemos conhecer e refletir sobre as idéias de Ramon, mas nunca saberemos como seria nosso mundo, envolvido em tantos conflitos político-religiosos, se esse sonho tivesse se realizado. Resta-nos apenas meditar suas propostas e retirar delas o melhor, aquilo que ainda hoje é possível para auxiliar a criação de um diálogo franco, genuíno e límpido entre as culturas. Somente então poderemos sonhar, como fez Ramon Llull, com o dia em que todas as religiões sejam aceitas e ajam em comunhão, o objetivo de todos os credos em sua origem: a busca do bem, da sabedoria e do amor ao próximo.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

6.1. FONTES PRIMÁRIAS

1. AVERRÓIS. *Discurso decisivo*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
2. AVICENA. *A origem e o retorno*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
3. BERNARDO DE CLARAVAL. *Elogio de la nueva milicia templaria*. Madrid: Ediciones Siruela, 2005.
4. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2000.
5. *Carta do Preste João das Índias*. Versões Medievais Latinas (trad. Leonor Buescu). Lisboa: Assírio & Alvim, 1998.
6. HUGO DE SÃO VITOR. *Didascálicon: da Arte de Ler*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2001.
7. IBN AL-MUKAFA. *Calila e Dimna* (trad. e apres. de Mansour Challita). Rio de Janeiro: Associação Cultural Internacional Gibran, s/d.
8. JAIME I. *Libro de los hechos* (introd., trad. y notas de Julia Butiñá Jiménez), Madrid, Gredos, 2003.
9. JAIME I. *Llibre dels Fets del Rei en Jaume* (a cura de Jordi Bruguera), Barcelona, Editorial Barcino, 1991.
10. MARIE DE FRANCE. *Lais de Maria de França*. Tradução e introdução de Antonio L. Furtado; refácio de Marina Colasanti. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
11. *O Alcorão*. Rio de Janeiro: Associação Cultural Internacional Gibran, s/d.
12. RAMON LLULL. *Ars consillii*. Opera Tuniciana (Ed. Johannes Stöhr), Palma de Mallorca, 1960.
13. RAIMUNDO LÚLIO. *O Livro do Amigo e do Amado*. São Paulo: Editora Escala, 2006.
14. RAIMUNDO LÚLIO. *O Livro do gentio e dos três sábios*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
15. RAMON LLULL, Blanquerna. *Obres Essencials*, Barcelona, Editorial Selecta, 1959.
16. RAMÓN LLULL. Cant de Ramon. In: *OE*, vol. I, vv. 43-60, p. 1302. [Trad.: Profa. Tatyana Nunes Lemos e Prof. Dr. Ricardo da Costa (Ufes)]
17. RAMON LLULL. Començaments de Filosofia. *NEOR*, vol. VI, Palma: Patronat Ramon Llull, 2003.
18. RAMON LLULL, *O Livro da Contemplação*, Cap. CXXI (tradução: Ricardo da Costa).
19. RAMON LLULL. *Darrer Llibre sobre la conquesta de Terra Santa (Liber de fine)* (introd. de Jordi Gayà y trad. de Pere Llabrés). Barcelona: Facultat de Teologia de Catalunya, 2002, p. 81-82. Tradução portuguesa feita por Ricardo da Costa e Eliane Ventorim, disponível em: <http://www.ricardocosta.com/textos/livrodofim.htm>. Acesso em: 20 jan. 2005.
20. RAMON LLULL. *Lo Desconhort. Cant de Ramon*. Barcelona: Obrador Edèndum, 2004.
21. RAMON LLULL. Lo Desconhort. In: *OE*, vol. I, 1959, p. 1308-1328
22. RAMON LLULL. *Doctrina pueril*. (Gret Schib.) Barcelona: Editorial Barcino, 1957a. Trad. Ricardo da Costa e Grupo de Pesquisas Medievais da UFES III (Felipe Dias de Souza, Revson Ost e Tatyana Nunes). Disponível em: <http://www.ricardocosta.com>. Acesso em: 20 out. 2004.
23. RAMON LLULL. Fèlix o el Libre de Meravelles. In: *Obres Selectes de Ramon Llull* (1232-1316) (ed. introd. i notes de Antoni Bonner). Mallorca: Editorial Moll, 1989, volume 2, p. 19-393. Tradução Ricardo da Costa e Grupo de Pesquisas Medievais da UFES I (Bruno Oliveira - Eliane Ventorim - Priscilla Lauret). Disponível em: <http://www.ricardocosta.com>. Acesso em: 20 mar. 2003.
24. RAMON LLULL. *Livro das Bestas*. São Paulo: Escala, 2006.
25. RAMON LLULL. Liber de acquisitione Terrae Sanctae. In: *Studia Orientalia Christiana*. Collectaea 6 (P. Eugene Kamar, OFM). Edizioni del Centro Franceseano

- di Studi Orientali Christiani. Cairo, 1961, p. 103-131. Tradução de Waldemiro Altoé (Ufes), Revisão do Prof. Dr. Josep Serrano i Daura (Universitat Internacional de Catalunya – Barcelona – Espanha). Notas de Ricardo da Costa (Ufes). Disponível em: <http://www.ricardocosta.com>. Acesso em: 20 jun. 2006.
26. RAMON LLULL. *O Livro da Intenção* (c. 1283), I, 2-4. *ORL*, Palma de Mallorca, 1935, vol. XVIII, p. 03-66 (Trad: Ricardo da Costa e *Grupo de Estudos Medievais da UFES III*. Rev. final: Alexander Fidora [Goethe-Universität Frankfurt]. Disponível em: www.ricardocosta.com/grupos/intencao.htm. Acesso: 27 mar. 2005.
27. RAMON LLULL. Liber de Passagio. In: *Liber de sancta Maria in Monte Pessulano anno MCCXC*. Corpus christianorum. Continuatio Mediaevalia CLXXXII. Turnhout: Brepols Publishers, 2003.
28. RAMON LLULL. *Llibre contra anticrist*. (A cura de Gret Schib Torra). Palma: Patronat Ramon Llull, 1996. RAMON LLULL. Lo Desconhort. In: *OE*, vol. I, 1959.
29. RAMON LLULL. *O Livro da Intenção* (c. 1283). *ORL*, Palma de Mallorca, 1935, vol. XVIII, p. 03-66. (Trad: Ricardo da Costa (Ufes) e Grupo de Estudos Medievais da UFES III e; Rev. final: Alexander Fidora (Goethe-Universität Frankfurt). Disponível em: www.ricardocosta.com/grupos/intencao.htm, acesso: 27 mar. 2005.
30. RAMON LLULL. *O Livro da Ordem de Cavalaria* (1279-1283). (Tradução, apresentação e notas: Ricardo da Costa). São Paulo: Editora Giordano, 2000.
31. RAMON LLULL. Vida coetânea. In: *OS* (ed. introd. i notes de Antoni Bonner). Mallorca: Editorial Moll, 1989, volumen I, p. 11-50. Disponível em: <http://www.ricardocosta.com/univ/vita.htm>. Acesso: 23 de novembro de 2006.
32. RATZINGER, Joseph. «*Fé, razão e universidade*: Recordações e reflexões». Disponível em: <http://www.zenit.org/portuguese/visualizza.phtml?sid=97502>. Acesso em: 23 de dezembro de 2006.
33. RATZINGER, Joseph. *Fé, verdade, tolerância*: o cristianismo e as grandes religiões do mundo. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2007.
34. RUFINO DE AQUILEYA. *Comentário ao símbolo apostólico*. Editorial Ciudad Nueva: Madrid, 2001.
35. SAN BERNARDO. *En la Escuela del amor*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, MCMXCIX.
36. SAN BUENAVENTURA. *Experiencia y Teología del misterio: Itinerário del alma a Dios, Incendio de amor, Soliloquio, El Árbol de vida, De la vida perfecta*. Madrid: BIBLIOTECA DE AUTORES CRISTIANOS, MM.
37. SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

6.2. FONTES SECUNDÁRIAS

1. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
2. ANTONIO OLIVER, C. R. El poder temporal del papa según Ramón Llull y postura de éste relativa a las controversias de su tiempo. In: *EL*, vol. V, 1961.
3. ARISTÓTELES. *A Política*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
4. ARMSTRONG, Karen. *Uma história de Deus*: quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1994
5. ARON, Raymond. *Paz e Guerra entre as Nações*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.
6. ARÓSTEGUI, Julio. *A pesquisa histórica*: teoria e método. Bauru, SP: Edusc, 2006.
7. BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
8. BARROS, José D'Assunção. Os trovadores medievais e o amor cortês – reflexões historiográficas. In: *Revista Aletheia*. Abril/Maio 2008, Ano1, Vol. 1, nº 1. (ISSN 1983-2087). Disponível em: <http://www.aletheiarevista.com/n1/artigosn1/Barros.pdf>; Acesso: 20 de maio de 2008.

9. BATLLORI, Miquel. *Ramon Llull i el Lul·lisme*. Obra completa. Vol. II. València: Biblioteca d'estudis i investigacions, 1993.
10. BLOCH, Marc. *Apologia da história: ou, o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
11. BLOCH, Marc. *A Sociedade Feudal*. Lisboa: Edições 70, s/d.
12. BOLTON, Brenda. *A Reforma na Idade Média* (século XII). Lisboa: Edições 70, 1983.
13. BONNASSIE, Pierre, GUICHARD, Pierre y GERBET, Marie-Claude. *Las Españas Medievales*. Barcelona: Crítica, 2001.
14. BONNER, Anthony i BADIA, Lola. *Ramon Llull: Vida, pensamento i obra literária*. Barcelona: Editorial Empúries, 1991.
15. BUADES, Josep M. *Os Espanhóis*. São Paulo: Contexto, 2006.
16. BURL, Aubrey. *Hereges de Deus: A Cruzada dos Cátaros e Albigenses*. São Paulo: Masdras, 2003.
17. CANTERA MONTENEGRO, Margarita i Santiago. *Las Ordenes Religiosas em la Iglesia medieval* (siglos XIII a XV). Madrid: Ardo/Libros, S. L., 1998.
18. CARDINI, Franco. Guerra e Cruzada. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean Claude (coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval I*. São Paulo: Imprensa Oficial / EDUSC, 2002.
19. CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
20. CARPENTER, Charles. *San Buenaventura: La teologia como camino de santidad*. Barcelona: Editorial Herder, 2002.
21. CARR, Raymond. *Historia de España*. (Ed.) Barcelona: Ediciones Península, 2006.
22. CARRERAS I ARTAU, T. *História de la Filosofia Espanyola: filosofia cristiana del segle XIII al XV*. Ed. Facsímil, Barcelona: Institut d'Estudis Catalans: Diputació de Girona, 2001.
23. Catecismo da Igreja Católica. Disponível em: <http://intervox.nce.ufrj.br/~gleibson/catecismo.rar>, Acesso em: 27 de junho de 2007.
24. *Catecismo da Igreja Católica*. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/ESL0022/_P17.HTM#E7; Acesso em: 23 de junho de 2007, e http://www.vatican.va/archive/ESL0022/_P1J.HTM#MJ; Acesso em: 23 de junho de 2007.
25. CAVALCANTE, Ronaldo. *Espiritualidade cristã na história: das origens até Santo Agostinho*. São Paulo: Paulinas, 2007.
26. CHEVALIER, Jean. *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
27. COLOMER POU, E. *Ramon Llull y su actitud frente al Islam e al Judaísmo: del diálogo a la polémica*. Madrid: Editorial Nacional, 1979.
28. COSTA, Ricardo da. Amor e Crime, Castigo e Redenção na Glória da *Cruzada de Reconquista: Afonso VIII de Castela nas batalhas de Alarcos (1195) e Las Navas de Tolosa (1212)*. In: OLIVEIRA, Marco A. M. de (org.). *Guerras e Imigrações*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2004.
29. COSTA, Ricardo da. A Árvore Imperial. In: COSTA, Ricardo da (Org.). *Testemunhos da História*. Documentos de História Antiga e Medieval. Vitória: EDUFES, 2002.
30. COSTA, Ricardo da. *A Árvore Imperial – Um Espelho de Príncipes na obra de Ramon Llull (1232-1316)*. Niterói: Tese de doutorado. Universidade Federal Fluminense, 2000.
31. COSTA, Ricardo da. A experiência religiosa e mística de Ramon Llull: a infinidade e a eternidade divinas no Livro da contemplação (c. 1274). In: *Scintilla: Revista de Filosofia e Mística Medieval*. Curitiba: Faculdade de Filosofia de São Boaventura (FFSB), vol. 3, n. 1, janeiro/junho 2006, p. 107-133 (ISSN 1806-6526). Disponível em: www.ricardocosta.com/pub/expreligiosa.htm. Acesso: 27 de novembro de 2007.
32. COSTA, Ricardo da. *A Guerra na Idade Média*. Rio de Janeiro: Edições Paratodos, 1998.

33. COSTA, Ricardo da. A Morte e as Representações do Além na Idade Média: Inferno e Paraíso na obra Doutrina para crianças (c. 1275) de Ramon Llull. Publicado nos *Anais Eletrônicos do IV Encontro da ANPUH-ES - História, Representações e Narrativas*. Vitória, 2003.
34. COSTA, Ricardo da. A novela na Idade Média: o *Livro das Maravilhas* (1288-1289) de Ramon Llull. Artigo publicado no *MiniWeb Educação*. Disponível em: www.ricardocosta.com/univ/novela.htm. Acesso: 25 de julho de 2006.
35. COSTA, Ricardo da. Muçulmanos e Cristãos no diálogo Iuliano. In: *Anales del Seminario de Historia de la Filosofía* (UCM), vol. 19 (2002).
36. COSTA, Ricardo da. Las definiciones de las siete artes liberales y mecánicas en la obra de Ramón Llull. In: *Revista Anales del Seminario de Historia de la Filosofía*. Madrid: Publicaciones Universidad Complutense de Madrid (UCM), vol. 23 (2006). Disponível em <http://www.ucm.es/BUCM/revistas/fsl/02112337/articulos/ASHF0606110131A.PDF>. Acesso: 10 de janeiro de 2008.
37. COSTA, Ricardo da. Revoltas camponesas na Idade Média. 1358: a violência da *Jacquerie* na visão de Jean Froissart. In: CHEVITARESE, André (org.). *O campesinato na História*. Rio de Janeiro: [Relume Dumará](http://www.ricardocosta.com/univ/jacquerie.htm) / FAPERJ, 2002, p. 97-115. Disponível em www.ricardocosta.com/univ/jacquerie.htm; Acesso: 24 de março de 2005.
38. COSTA, Ricardo da. O conhecimento histórico e a compreensão do passado: o historiador e a arqueologia das palavras. In: ZIERER, Adriana (coord.). *Revista Outros Tempos*, São Luís, Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), volume 1, 2004 (ISSN 1808-8031). Disponível: <http://www.outrostempos.uema.br/artigoricardo.doc>. Acesso: 13 de set. 2007.
39. COSTA, Ricardo da. “O homem é mau quando age contra Deus e contra a semelhança de Deus”: a maldade humana no *Livro das Maravilhas* (1288-1289) de Ramon Llull. Trabalho apresentado no *II Simpósio Internacional de Teologia e Ciências da Religião, "A Banalização do Mal"*, evento organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, nos dias 02 a 04 de maio de 2007. In: *Anais do II Simpósio Internacional de Teologia e Ciências da Religião*, Belo Horizonte, ISTA/PUC Minas, 2007.
40. COSTA, Ricardo da, Olhando para as estrelas, a fronteira imaginária final: astronomia e astrologia na Idade Média e a visão medieval do cosmo. In: *Dimensões - Revista de História da UFES* 14. Dossiê Territórios, espaços e fronteiras. Vitória: Ufes, Centro de Ciências Humanas e Naturais, EDUFES, 2002, p. 481-501.
41. COSTA, Ricardo da. O que é, de que é feita e porque existe? Definições Iulianas no *Livro da Alma Racional* (1296). In: COSTA, Ricardo da, TÔRRES, Moisés Romanazzi e ZIERER, Adriana (dirs.). *Mirabilia 5 - Revista Eletrônica de História Antiga e Medieval*, dezembro de 2005.
42. COSTA, Ricardo da. Os torneios medievais. In: *Boletín Electrónico de la Sociedad Argentina de Estudios Medievales (SAEMED)*, año II, n. 3, Abril/Julio de 2008. Disponível em <http://webs.uolsinectis.com.ar/jorgerg/boletin>. Acesso: 15 de maio de 2008
43. COSTA, Ricardo da. Por uma *geografia mitológica*: a lenda medieval do Preste João, sua permanência, transferência e “morte”. In: *História 9*. Revista do Departamento de História da UFES. Vitória: Ufes, Centro de Ciências Humanas e Naturais, EDUFES, 2001.
44. COSTA, Ricardo da. *Ramón Llull y la Orden del Templo* (Siglos XIII-XIV). Universitat Internacional de Catalunya, 2003-2004. (Tese de Doutorado) Gentilmente cedida pelo autor.
45. COSTA, Ricardo da. Revoltas camponesas na Idade Média. 1358: a violência da *Jacquerie* na visão de Jean Froissart. In: CHEVITARESE, André (org.). *O*

- campesinato na História* (ISBN 85-7316-272-4). Rio de Janeiro: Relume Dumará / FAPERJ, 2002, p. 97-115. Disponível em www.ricardocosta.com/univ/jacquerie.htm; Acesso em: 24 de março de 2005.
46. COSTA, Ricardo da e PASTOR, Jordi Pardo. Ramon Llull (1232-1316) e o diálogo inter-religioso: cristãos, judeus e muçulmanos na cultura ibérica medieval: *O Livro do gentio e dos três sábios e a Vikuah* de Nahmânides. In: LEMOS, Maria Teresa Toribio Brittes e LAURIA, Ronaldo Martins (org.). *A integração da diversidade racial e cultural do Novo Mundo*. Rio de Janeiro: UERJ, 2004. Disponível em: www.ricardocosta.com/pub/dialogo.htm. Acesso em: 17 de jun. de 2006. Disponível em: www.ricardocosta.com/pub/dialogo.htm. Acesso em: 17 de jun. de 2006.
 47. COUTINHO, Priscilla Lauret e COSTA, Ricardo da. Entre a Pintura e a Poesia: o nascimento do Amor e a elevação da condição feminina na Idade Média. In: GUGLIELMI, Nilda (dir.). *Apuntes sobre familia, matrimonio y sexualidad em la Edad Media*. Colección Fuentes y Estudios Medievales 12. Mar del Plata: GIEM (Grupo de Investigaciones y Estudios Medievales), Universidad Nacional de Mar del Plata (UNMdP), diciembre de 2003.
 48. CRUZ PALMA, Óscar de la. La información sobre Mahoma en la Doctrina Pueril de Ramón Llull. Taula: Quaderns de pensament, n.º 37, 2002, pags. 37-49.
 49. DELUMEAU, Jean. *O que sobrou do paraíso?* São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
 50. DEMANT, Peter. O mundo muçulmano. São Paulo: Contexto, 2004.
 51. DEMURGER, Alain. *Os cavaleiros de Cristo: as ordens militares na Idade Média* (sécs. XI-XVI). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
 52. DEMURGER, Alain. *Os Templários: uma cavalaria cristã na Idade Média*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2007.
 53. DICCIONARIO DE LA LENGUA ESPAÑOLA. Disponível em: <http://buscon.rae.es/drae/html/>. Acesso: 23 de dez. de 2006.
 54. DJMAL, Tev. O que é o Talmud? (trad. Lilia Wachsmann). In: Revista Marashá, Edição 43, dezembro de 2003. Disponível em: www.morasha.com.br/edicoes/ed43/talmud.asp. Acesso: 27 de julho de 2007.
 55. DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando. *A Espanha Medieval: Fronteira da Cristandade*. Disponível em: <http://www.hottopos.com/mirand10/reboiras.htm>. Acesso em: 25 de setembro de 2006.
 56. DOMINGUÉZ REBOIRAS, Fernando. El proyecto luliano de predicación cristiana. In: *Constantes y fragmentos del pensamiento luliano*, n° 12, 1996.
 57. DOMÍNGUEZ REBOIRAS, F. Introdução: Ramón Llull y la cruzada. In: RAMON LLULL. *Liber de sancta Maria in Monte Pessulano anno MCCXC*. Corpus christianorum. Continuatio Mediaevalia CLXXXII. Turnhout: Brepols Publishers, 2003.
 58. DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando. *Ramon Llull: El hombre y su obra*. (2005).
 59. DUBY, Georges. *As três ordens ou o imaginário do Feudalismo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.
 60. DUBY, George. *Guilherme Marechal*, ou, o melhor cavaleiro do mundo. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.
 61. DUFFY, Eamon. *Santos & Pecadores*. História dos papas. São Paulo: Cosac & Naif, 1998.
 62. ECO, Humberto. *Quase a mesma coisa*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
 63. ETIENNE, Gilson. *A Filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
 64. FALBEL, Nachman. *Heresias Medievais*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
 65. FALBEL, Nachmann. *Os Espirituais Franciscanos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.
 66. FEBVRE, Lucien. *A Europa: Gênese de uma Civilização*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
 67. FERNANDEZ, Emilio Mitre. *História del Cristianismo. II*. El mundo Medieval. Madrid: Editorial Trotta, 2004.
 68. FIDORA, Alexander; HIGUERA, José G. (Eds.). *Ramon Llull: caballero de la fe*.

- Cuadernos de Anuário Filosófico* – Série de Pensamiento Español. Pamplona: Universidad de Navarra, 2001.
69. FIDORA, Alexander. Ramon Llull frente a la crítica actual al diálogo interreligioso: el arte luliano como propuesta para una «filosofía de las religiones». In: *Revista Española de Filosofía Medieval*, 10 (2003).
 70. FLETCHER, Richard. *Em busca de El Cid*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
 71. FLORI, Jean. *La Guerra Santa: la formación de la idea de cruzada em el Occidente cristiano*. Madrid: Editorial Trotta, 2003.
 72. FRANCO JR, Hilário. *A Idade Média: Nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2001.
 73. FUJIKURA, Ana Lúcia Carvalho. Os Provérbios no Livro de Calila e Digna. In: *Collatio*. Ano II nº4 julio-diciembre 1999, disponível em: http://www.hottopos.com/collat4/os_proverbios_no_libro_de_calila.htm. Acesso: 25 de julho 2007.
 74. GADAMER, Hans-Georg. *O problema da consciência histórica*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
 75. GADAMER, Hans-Georg. Verdade e método I. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
 76. GADAMER, Hans-Georg. Verdade e método II. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2002.
 77. GARCÍAS PALOU, S. *Ramon Llull en la historia del ecumenismo*. Barcelona: Herder, 1986.
 78. GARCÍAS PALOU, S. Sobre a identificação de Libre del Passatge. In: *EL*, 25, 1972.
 79. GAYÀ ESTELRICH, Jordi. *Biografía de Ramón Llull*. Disponível em: <<http://space.virgilio.it/jorgeg@tin.it>>. Acesso em 24 out. 2005.
 80. GAYÀ, Jordi. *Raimondo Lullo: una teologia per la missione*. Milano: Editoriale Jaca Book SpA, 2002.
 81. GAYÀ, Jordi. Ramon Llull i l'Íslam: "Infideles sunt hominis, sicut et nos". Disponível em: <http://www.jordigaya.com/llull/articulos/infideles.pdf>. Acesso: 10 de junho de 2007.
 82. GEISLER, Norman L. *Enciclopédia de apologética: respostas aos críticos da fé cristã*. São Paulo: Editora Vida, 2002, p. 701.
 83. GENEALOGIAS. <http://www.genealogics.org/getperson.php?personID=I00001691&tree=LEO>.
 84. GILISSEN, John. *Introdução Histórica ao Direito*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
 85. GINZBURG, Carlo. *Relações de força: história, retórica, prova*, São Paulo: Companhia de Letras, 2002.
 86. GUICHARD, Pierre. Islã. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Vol. I, Bauru, SP: EDUSC; São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.
 87. GUREVITCH, Aron I. *As Categorias da Cultura Medieval*. Lisboa: Caminhos, 1972.
 88. HILLGARTH, J. N. *Diplomatari Lul·lià*. Edicions de la Universitat de Barcelona, 2001.
 89. HILLGARTH, J. N. *Ramón Llull i el naixement del lul·lisme*. Barcelona: Curial Edicions Catalanes, 1998.
 90. HUNTINGTON, Samuel P. *O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
 91. IOGNA-PRAT, Dominique. Ordem(ns). In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval II*. São Paulo: Imprensa Oficial / EDUSC, 2002.
 92. IRADIEL, Paulino; MORETA, Salustiano; SARASA, Esteban. *Historia medieval de la Espana cristiana*. Madrid: Cátedra, 1989.
 93. JASMIN, Marcelo Gantus e JÚNIOR, João Feres. *História dos conceitos: debates e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio: Edições Loyola: IUPERJ, 2006.
 94. JAULENT, Esteve. Os problemas enfrentados por Lúlio em Paris: A Cruzada e a luta

- contra o averroísmo. In: RAIMUNDO LÚLIO. *Escritos Antiaverroístas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2001, p. 09-28. INTERNET: <http://www.geocities.com/Athens/Forum/5284/estud3.html>.
95. KOSELLECK, Reinhart; GADAMER, Hans-Georg. *Historia y hermenêutica*. Barcelona-Buenos Aires – México: Ediciones Paidós, 1997.
 96. LARAUX, Nicole. Elogio do anacronismo. In: NOVAES, Adauto (org.). *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal da Cultura, 1992.
 97. LAUAND, Jean. O pecado capital da acídia na análise de Tomás de Aquino. Conferência proferida no *Seminário Internacional “Ao Pecados Capitais na Idade Média”*, <http://www.pecapi.com.br/> - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, setembro de 2004. Disponível em: <http://www.hottopos.com/videtur28/ljacidia.htm>; Acesso: 25 de março de 2005.
 98. LE GOFF, Jacques. Centro/periferia. In: LE GOFF, Jacques & SCHIMTT, Jean-Claude (coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval I*. São Paulo: Imprensa Oficial / EDUSC, 2002.
 99. LE GOFF, J. *Os Intelectuais na Idade Média*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
 100. LE GOFF, J. e NORA, P. *História e Novos Objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1998.
 101. LE GOFF, Jacques. *São Francisco de Assis*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
 102. LE GOFF, J. *Uma longa Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
 103. LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. *Uma história do corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro: Brasileira, 2006.
 104. LEWIS, Bernard. *Os Assassinos*. Os primórdios do terrorismo no Islã. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
 105. LEWIS, Bernard. *O Oriente Médio: Do advento do cristianismo aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.
 106. LIBERA, Alain de. *A filosofia medieval*. São Paulo: Loyola, 1998.
 107. LIBERA, Alain de. *Pensar na Idade Média*. São Paulo: Editora 34, 1999.
 108. LLINARÈS, Armand. *Ramon Llull*. Barcelona: Edicions 62, 1987.
 109. LOYN, H. R. *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
 110. MATA, Santiago. *El hombre que demostró el cristianismo*. Madrid: Ediciones Rialp, 2006.
 111. MELENDO, Tomás. *Iniciação à filosofia: razão, fé e verdade*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2005.
 112. MENOCA, Maria Rosa. *O ornamento do mundo: como muçulmanos, judeus e cristãos criaram uma cultura de tolerância na Espanha medieval*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
 113. NAVARRO, Francesc. *História Universal*. La expansión musulmana. Madrid: Editorial Salvat, 2004.
 114. NAY, Olivier. *História das idéias políticas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
 115. NICHOLAS, David. *A Evolução do Mundo Medieval: Sociedade, Governo e Pensamento na Europa (312-1500)*. Lisboa: Publicações Europe-América, 1999.
 116. O diálogo inter-religioso: Unesco. Disponível em: http://portal.unesco.org/culture/es/ev.phpRL_ID=11680&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION. Acesso em: 27 de julho de 2007.
 117. OLIVER, A., *EL XI*, 1967.
 118. OLIVIER. *O poder temporal do papa, EL 5*, 1986.
 119. PARDO PASTOR, Jordi. Las auctoritates bíblicas en Ramon Llull: etapa 1304-1311. In: *Revista Española de Filosofía Medieval*, 11, 2005. (Trabalho gentilmente cedido pelo autor).
 120. PAREJA, Felix M. *La Religiosidad musulmana*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, MCMLXXV.
 121. PEREIRA, Rosalie Helena de Souza (org.) *O Islã clássico: itinerários de uma cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

122. PERNOUD, Régine. *A mulher nos tempos das cruzadas*. Campinas, Sp: Papirus, 1993.
123. PRING-MILL, Robert D. F. *Estudis sobre Ramon Llull*. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 1991.
124. PINTO, Maria do Céu de Pinho Ferreira. "*Infiéis na terra do Islão*": os Estados Unidos, o Médio Oriente e o Islão. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian: Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2003.
125. RAMÓN GUERRERO, Rafael. *Historia de la Filosofía Medieval*. Madrid: Akal, 2002.
126. READ, Piers Paul. *Os templários*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001.
127. REALI, Giovonni e ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: Antigüidade e Idade Média*, vol. I, São Paulo: Paulus, 2003.
128. RUBIO, Josep E. Introducció. In: RAMON LLULL, *Arte breve* (introd. y trad. de Josep E. Rubio), Pamplona, EUNSA, 2004.
129. RUBIO, Josep E. *Les bases del pensament de Ramon Llull: els orígens de l'art lul.liana*. València/Barcelona; Institut Universitari de Filologia Valenciana/Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 1997.
130. RUBIÓ I BALAGUER, Jordi. *Ramon Llull i el lul.lisme*. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 1985.
131. RUCQUOI, Adeline. *História Medieval da Península Ibérica*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.
132. RUIZ SIMON, Josep Maria. *A Arte de Raimundo Lúlio e a teoria escolástica da ciência*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência "Raimundo Lúlio" (Ramon Llull), 2004.
133. RUNCIMAN, Steven. *História das Cruzadas*, vol. I: a primeira cruzada e a fundação do reino de Jerusalém. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
134. RUNCIMAN, S. *História das Cruzadas*, vol. II: o reino de Jerusalém e o Oriente franco, 1100-1187. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
135. RUNCIMAN, S. *História das Cruzadas*, vol. III: o Reino de Acre e as últimas cruzadas. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
136. SARAIVA, José Hermano. *História de Portugal*. Madrid: Alianza Editorial, 1989.
137. SARANYANA, Josep-Ignasi. *A Filosofia Medieval*. São Paulo: IBFCRL, 2006.
138. SCHMITT, Jean-Claude. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
139. SCHUBACK, M^a Sá Cavalcante. *Para ler os medievais: ensaio de hermenêutica imaginativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
140. SOUZA, José Antônio de C. R. de (Org.). *O reino de Deus e o reino dos Homens: as relações entre os poderes espiritual e temporal na Baixa Idade Média (da Reforma Gregoriana a João Quidort)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.
141. SUGRANYES DE FRANCH, Ramón. Els projectes de creuada en la doctrina misional de Ramón Llull. In: *EL 4*, 1960.
142. TORRADEFLOT, Francesc. (Ed.). *Diálogo entre as religiones: textos fundamentais*. Madrid: Editorial Trotta; Asociación UNESCO para el diálogo interreligioso, 2002.
143. ULLMANN, Reinhold Aloysio. *A Universidade Medieval*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
144. ULLMANN, Walter. *Escritos sobre teoría política medieval*. Buenos Aires: Eudeba, 2003.
145. ULLMANN, Walter. *Historia del pensamiento político en la Edad Media*. Barcelona: Editorial Ariel, 1999.
146. VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade na Idade Média Ocidental: (séculos VIII a XIII)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.
147. VAZ, H. C. de L. *Experiência Mística e Filosofia na Tradição Ocidental*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
148. VEGA, Amador. *Ramon Llull y el secreto de la vida*. Madrid: Ediciones Siruela, 2002.
149. VILLOSLADA, Ricardo Garcia. *Historia de la Iglesia Católica*. Vol. II: Edad Media

- (800-1303). Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2003.
- 150.VILLOSLADA, Ricardo Garcia. *Historia de la Iglesia Católica*. Vol III: Edad Nueva [La Iglesia en la época del Renacimiento y de la Reforma católica (1303-1648)]. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2005.
- 151.WILSON. John. *Pensar com conceitos*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- 152.ZIERER, Adriana. Modelos de Salvação Medieval: São Brandão e Santo Amaro. In: COSTA, Ricardo da e PEREIRA, Valter Pires (org.). *História*. Revista do Departamento de História da UFES. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, nº 9, EDUFES, 2001, p. 41-51.
- 153.ZUMTHOR, Paul. *La medida del mundo*. Madrid: Cátedra, 1994.